



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

EDVANIO DE JESUS NASCIMENTO

**A MISTAGOGIA DE CIRILO DE JERUSALÉM E O ECO NA CATEQUESE PÓS-
VATICANO II**

SÃO CRISTÓVÃO– SE

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A MISTAGOGIA DE CIRILO DE JERUSALÉM E O ECO NA CATEQUESE PÓS-
VATICANO II**

EDVANIO DE JESUS NASCIMENTO

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe.

Linha de Pesquisa: Religião, conhecimento e linguagens.

Orientador: Professor Dr. Cícero Cunha Bezerra

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2019

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

N244m Nascimento, Edvanio de Jesus
A mistagogia de Cirilo de Jerusalém e o eco na catequese pós-
Vaticano II / Edvanio de Jesus Nascimento ; orientador Cícero
Cunha Bezerra. – São Cristóvão, SE, 2019.
98 f.

Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) –
Universidade Federal de Sergipe, 2019.

1. Religião. 2. Mistagogia. 3. Sacramentos. 4. Catequese. 5.
Concílio Vaticano (2. : 1962-1965). 6. Cirilo Santo, Bispo de
Jerusalém ca. 315-386. I. Bezerra, Cícero Cunha, orient. II. Título.

CDU 2-472.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A MISTAGOGIA DE CIRILO DE JERUSALÉM E O ECO NA CATEQUESE PÓS-VATICANO II

EDVANIO DE JESUS NASCIMENTO

APROVADO EM: ____/____/____

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela banca examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Fernando de Almeida
Membro Externo

Prof. Dr. José Rodorval Ramalho
Membro Interno

Prof. Dr. Cícero Cunha Bezerra
Presidente

São Cristóvão
2019

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Uno e Trino, que se revelou plenamente em seu filho Jesus, que é na minha vida o Mestre que procuro seguir como discípulo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Cícero Cunha Bezerra, pela atenção, paciência, dedicação, confiança, disponibilidade, ensinamentos que enriqueceram a mim e a formação desse trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe pela amizade, dedicação e empenho no zelo docente.

Aos amigos Rogério e Itânia e colegas do mestrado em Ciências da Religião, muito obrigado pela atenção, companheirismo e por tantos momentos marcantes nesses dois anos de caminhada.

Aos meus pais, irmãos e irmãs que muito me ensinam e me fortalecem com suas orações.

À minha esposa, Vânia Queline, pela paciência, apoio, incentivo e amor em todos os momentos e a nossa querida filha Heloísa Maria.

Enfim, a todos e a todas que contribuíram para que chegássemos até aqui, meu muito obrigado.

Cristãos não se nasce, torna-se!

Tertuliano

RESUMO

O processo de iniciação cristã, entendido como portador de uma experiência com o mistério é um tema presente na Igreja Católica desde os seus primórdios e permanece como orientação catequética no contexto do pós Vaticano II. Essa pesquisa tem como objetivo, portanto, estabelecer as relações e influências das catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém na formação de crianças, jovens e adultos, hoje. Para tanto, busca-se delimitar a relação entre mistagogia e mistério, no âmbito do cristianismo primitivo, visando entender a relação intrínseca entre a linguagem e a condição de incondicional mistério de Deus. Como apoio teórico se utilizou da proposta de autores como o teólogo Paul Tillich, que adverte para uma não visão superficial do mistério, bem como, Leonardo Boff que, ao esboçar uma concepção de mistério, o faz na relação direta com o processo de iniciação das religiões mistericas. Também, como consequência da relação entre mistério e linguagem, trabalhou-se o valor da dimensão simbólica. No segundo capítulo, adentrou-se, de modo mais específico, nas relações entre mistagogia e catequese no pensamento de Cirilo de Jerusalém. Por fim, no terceiro capítulo, foi observado como o pensamento mistagógico de Cirilo de Jerusalém fundamenta o desenvolvimento da catequese mistagógica, pós o Concílio Vaticano II, à luz de alguns documentos do magistério que orienta a superar a prática catequética existente para uma catequese de inspiração catecumenal.

Palavras-chave:

Cirilo de Jerusalém, Catequese, Mistagogia, Sacramentos, Ciência da Religião

ABSTRACT

The process of Christian initiation, understood as having an experience with mystery, has been present in the Catholic Church since its beginning and it remains a catechetical orientation in the context of post-Vatican II. This research has, therefore, the objective of establishing the relations and influences of Cyril from Jerusalem's mistagogical catechesis in the formation of young children, young adults and adults, today. In order to do so, it seeks to delimit an approach between mistagogy and mystery, in the context of primitive Christianity, aiming to understand the intrinsic relation between language and the condition of unconditional Mystery of God.

For theoretical support the proposal of authors such as the theologian Paul Tillich, who calls attention to a non-superficial vision of mystery was used, as well as Leonardo Boff, who at proposing a concept of mystery, do it in direct relation to the process of initiation to mysterious religions. Also, as a result of the connection between mystery and language, the value of symbolic dimension was worked out. In the second chapter, it was approached more specifically, the relations between mystagogy and catechesis in the vision of Cyril of Jerusalem.

Finally, in the third chapter, it was researched in which ways Cyril of Jerusalem's mystagogical thought gives basis to the development of mistagogical catechesis after the Second Vatican Council, in the light of some documents of the magisterium that guide the overcoming of the existing catechetical practice for a catechesis of catechumenal inspiration.

Key-words:

Cyril from Jerusalem, Catechesis, Mistagogy, Sacraments, Science of Religion.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo I.....	17
1. Mistagogia e mistério.....	17
1.1. Mistagogia e catequese.....	21
1.2. Símbolo: face do mistério.....	25
1.3. Primórdios da iniciação cristã.....	30
1.4. Perseguições romanas.....	34
Capítulo II.....	39
2. Cirilo de Jerusalém e a iniciação ao mistério.....	39
2.1. As catequese mistagógicas e seus aspectos iniciáticos.....	45
2.2. Primeira catequese: aos recém batizados.....	46
2.3. Segunda catequese: o batismo.....	51
2.4. Terceira catequese: a crisma.....	55
2.5. Quarta catequese: significado do corpo e sangue de Cristo.....	59
2.6. Quinta catequese: rito da celebração eucarística.....	63
Capítulo III.....	70
3. Catequese e iniciação cristã.....	70
3.1. Etapas do catecumenato.....	72
3.2. Catequese pós Concílio Vaticano II.....	84
Conclusões.....	90
Referências.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS

CCD	Centro catequético diocesano
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CEPABC	Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico Catequética
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPC	Congregação para o Clero
CT	Catechesi Tradendae
DAp	Documento de Aparecida
EN	Evangelii Nuntiandi
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
At	Atos dos Apóstolos
Ef	Carta de São Paulo aos Efésios
Ex	Livro do Êxodo
Gl	Carta de São Paulo aos Gálatas
Gn	Livro do Gênesis
Lc	Evangelho de Lucas
Mc	Evangelho de Marcos
Mt	Evangelho de Mateus
1Pd	Primeira Carta de São Pedro
Rm	Carta de São Paulo aos Romanos
Tb	Livro de Tobias

* Os documentos serão citados em suas Siglas aqui apresentadas.

INTRODUÇÃO

Poucos são os dados sobre a vida de Cirilo de Jerusalém, no entanto, podemos afirmar que o mesmo nasceu na então chamada Cesarea Marítima (Israel) provavelmente no ano 315 d.C. O destaque na atuação de Cirilo, no cristianismo nascente e sua posteridade, deu-se graças ao seu grande empenho pastoral como bispo-mistagogo, ou seja, como o instrutor dos iniciantes que são introduzidos no mistério divino. Sua postura pastoral não o deixou livre das disputas teológicas que sacudiram a igreja católica no Oriente naquele período. Diz Costa: “Recordamos que nesse período surgiu o arianismo, com a negação da divindade do Verbo e fratura do Mistério fundamental da fé católica: a Trindade” (COSTA, 2015, p. 27)¹. Os séculos IV e V foram marcados pelo surgimento de grandes heresias ou disputas teológicas que acaloravam as discussões. Uma das questões deu-se em torno da temática trinitária, quando teólogos cristãos negaram a divindade de Jesus Cristo, como, também, do Espírito Santo. Uma corrente forte do pensamento teológico despontou no período formando o que se denominou o *ciclo de ouro* da patrística entre o Concílio de Nicéia e o de Calcedônia (325-451), no qual o batismo de adultos e a formulação do credo (símbolo da fé) foram fortemente defendidos.

Ao entrarmos nos meandros dos séculos III e IV da caminhada da Igreja, estamos no contexto do século de ouro da patrística – é o período compreendido entre os Concílios de Nicéia e Calcedônia (325-451). Esse período é caracterizado por grandes reflexões teológicas provenientes das controvérsias sobre o tema da dogmática, da ontologia de Deus, origem, natureza e relação trinitária. Os grandes Concílios marcaram esse momento tão fundamental para a história da Igreja e para a fundamentação dogmática, ou seja, a constituição do Credo cristão: o Símbolo que configura a identidade da Igreja, definindo a ontologia divina e a própria natureza da Revelação (COSTA, 2015, p. 25).

Em 345, Cirilo foi ordenado presbítero por Máximo II, vindo depois a sucedê-lo com o apoio dos partidários de Eusébio de Cesareia, conhecido por ser o *pai da*

¹ Claudio Moreschini e Enrico Noreli, observam o importante papel de Cirilo de Jerusalém no combate ao arianismo. Segundo o autor, a reflexão de Cirilo rompe com a tradicional imagem, do Ocidente, de que o combate ao arianismo se deu, particularmente, com “Atanásio e os seus”. Cirilo foi capaz de estabelecer uma saída distinta, via Eusébio e, por isso, julgado como hostil (MORESCHINI, C. e NORELI, E. 2000, p. 75).

história da igreja. Três anos depois, já em 348, Acácio, metropolitano de Cesareia da Palestina, ordenou Cirilo Bispo. Contudo, logo depois de algumas divergências no campo doutrinário, o próprio Acácio tornou-se inimigo de Cirilo e o enfrentou em disputas jurisdicionais. Em virtude destes conflitos, o bispo de Jerusalém passou por momentos difíceis em seu episcopado.

Foi um período marcado por relações tensas entre os dois pontos mais importantes da Palestina: Cesareia e Jerusalém. Há principalmente duas questões neste conflito: a primeira, com relação à doutrina, e uma segunda, de ordem jurisdicional, com relação à própria autoridade na igreja-província (COSTA, 2015, p. 25).

Cirilo, partindo da fundação apostólica, reclama a autoridade da Igreja na região, mas também Acácio requer a mesma autoridade que Cirilo por ser o bispo metropolitano do território da Palestina. E esta contenda aumenta a partir de 325 quando o Concílio de Niceia dá o reconhecimento ao bispo de Jerusalém. Neste impasse está “em jogo processos de ordem disciplinar, como nomeações, destituição, interesses pessoais” (COSTA, 2015, p. 28). O outro ponto que não houve consenso foi sobre questões doutrinárias.

No plano doutrinário, os dois bispos também tinham graves controvérsias. Cirilo, acusado por Acácio de sabelismo² e de ser um seguidor do *homousion*, ou seja, da consubstancialidade entre Cristo e o Pai; e Acácio, em oposição no plano ortodoxo, acusado por Cirilo de professar uma doutrina filioariana, sem dar relevância à divindade do Filho (COSTA, 2015, p. 28).

De fato, o bispo Acácio era admirador de Ário (260-325), este nascido na Líbia, e que mais tarde exerceu o ministério presbiteral na igreja de Alexandria. Ário negou a divindade de Jesus Cristo ao ensinar que o Filho era apenas uma criatura e não tinha a mesma essência de Deus porque o único não gerado, não criado, sem princípio, seria o Pai. Instaura-se, com isso, o que foi considerado como uma das grandes heresias dos primeiros séculos, o arianismo³. As consequências para Cirilo, após os conflitos, foi deixar sua sede episcopal e ficar no exílio por três vezes sucessivas. O primeiro exílio foi em 357, quando Acácio de Cesareia reuniu um sínodo

² O sabelismo foi uma modalidade do monarquianismo modalista, e recebeu esse nome devido ao herético que difundiu essa doutrina no Egito e na Líbia: Sabélio. Considerava a divindade uma mônada que se manifestava em três operações diferentes – Pai no AT, Filho na encarnação e Espírito Santo em pentecostes.

³ ROPS, Daniel-, A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires. Tradução de Erico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 446-451. (volume I)

composto somente por bispos arianos em Jerusalém. “Cirilo teria ido para Antioquia e depois para Tarso, onde foi acolhido pelo bispo Silvanus” (Costa, 2015, p. 31); anistiado pelo Concílio de Selêucia em 358. O segundo exílio foi em 360 por obra de Acácio e o Imperador Constâncio; preso, de volta ao exílio permanecendo até 362, quando foi novamente anistiado, desta vez pelo Imperador Juliano.

Em 360, no Concílio de Acácio, foram banidos, além de Cirilo, Macedonius, Eustathius, Basil, Silvanus, Eliseus, Anianus, Sophronius e Neonas de Seleucia. Cirilo foi acusado de colocar à venda bens da Igreja para socorrer os necessitados em tempo de fome; além disso, foi acusado por questões doutrinárias, por fidelidade a Niceia e oposição ao arianismo (COSTA, 2015, p. 31).

O mais longo exílio ocorreu entre de 367 a 378, por iniciativa do imperador Valente que aderiu a doutrina ariana. Quando o imperador morreu, Cirilo retornou a sua sede episcopal na cidade de Jerusalém. Alguns anos depois, em 381, Cirilo participou do 1º Concílio de Constantinopla, no qual os bispos reconheceram seus méritos e sua doutrina. Ele é considerado catequista e também teólogo, no entanto, sua obra não se equipara a de outros padres do século IV como Santo Atanásio, Santo Hilário e São Basílio por não ter uma linguagem teológica tão profunda como estes, haja vista, sua maior preocupação é o processo de iniciação cristã para os adultos que queriam o batismo. Contudo, o testemunho de fé e de segura interpretação da tradição antiga, fez eco na vida de Cirilo e nas suas catequese, sobretudo, na convergente doutrina do primeiro Concílio de Niceia em 325, convocado pelo imperador Constantino, que discutiu a doutrina cristológica.

Centrado na formação dos iniciantes na fé e na adesão a Cristo numa perspectiva sacramental, integral, mistagógica, Cirilo foi nomeado por muitos “catequista por excelência”, reconhecido pelos padres conciliares contemporâneos como um homem de Deus, comprometido com a catequese dos estrangeiros, pagãos, iniciantes, e combatendo em todas as circunstâncias as posições arianas (COSTA, 2015, p. 33).

Segundo os dados históricos Cirilo deve ter falecido em 18 de março de 387, entre os 70 e 72 anos de idade, depois de 38 anos de episcopado, sendo que mais de um terço foi vivenciado nas experiências dos exílios. Sua canonização demorou porque, durante muito tempo, seu pensamento teológico foi considerado controverso, por nunca “utilizar a fórmula niceiana – *homooúsios ton patri, consubstancial ao Pai*” (COSTA, 2015, p. 29). Os críticos apegavam-se, neste aspecto, para acusá-lo de que

também ele era adepto a uma heresia ou não acatava as decisões do Concílio de Niceia. No entanto, ao investigar, de forma atenta, suas catequeses nada contém que não vá ao encontro da doutrina definida no Concílio. “Se ele não utiliza a terminologia oficial, não se pode dizer o mesmo do conteúdo doutrinal, que apresenta de acordo com a ortodoxia e a definição niceana” (COSTA, 2015, p. 29). Em 1882, o Papa Leão XIII, na solenidade em que instituiu sua veneração, honrou São Cirilo de Jerusalém, com os títulos de doutor da Igreja e príncipe dos catequistas católicos.

A omissão do termo *homooúsios* em suas Catequeses pode ter diversas causas: pedagogia catequética, prioridade à fundamentação bíblica, prudência no uso do termo niceano, uma postura eusebiana de não afrontar os grupos arianos e semiarianos (COSTA, 2015, p. 29).

Nos anos de 350, Cirilo desenvolveu 23 catequeses que marcaram profundamente a história do processo de iniciação no cristianismo primitivo, pois ao lado das *Homilias Catequéticas* de Teodoro de Mopsuéstia, *Catequeses Batismais* de João Crisóstomo, os *Tratados sobre os Sacramentos e os Mistérios* de Ambrósio de Milão, os *Discursos Catequéticos* de Gregório de Nissa e *A Instrução dos Catecúmenos* de Agostinho, suas *Catequeses mistagógicas* foram pioneiras. Todas foram realizadas na Basílica do Santo Sepulcro, sendo que as 18 primeiras tinham como objetivo preparar o catecúmeno para o batismo; são conhecidas como catequeses preliminares ou catequeses pré-batismas.

Estas catequeses estão divididas: as cinco primeiras delineavam as disposições interiores para ser batizado: conversão dos costumes pagãos, o sentido do batismo, as dez verdades contidas no Credo. Da sexta à décima oitava catequese, Cirilo dá uma explicação detalhada do credo, que se aproxima muito da fórmula do Concílio de Constantinopla (381). As cinco últimas foram chamadas de “mistagógicas” porque se referiam ao sacramento do batismo recebido na noite de páscoa e se realizam durante o tempo pascal. Estas últimas são organizadas: as duas primeiras são comentários sobre o batismo, as demais detalham os temas da crisma, do corpo e sangue de Cristo, da liturgia eucarística e o pai-nosso.

Trata-se, pois, de uma obra que busca a sintonia entre o antigo e o novo testamento e o conteúdo moral se unifica entre doutrina e mistagogia. Enquanto doutrina, “transforma” a vida do catecúmeno, a partir de dentro, na vida nova em Cristo. A mistagogia era o mergulho no mistério celebrado na noite de páscoa através

dos ritos (imersão na água), como sinal de morte e gestos que iluminavam a vida do fiel na graça batismal. O efeito alcançado envolvia todo o ser do iniciado, de grande força na vida dos neófitos, a tal ponto que eles passavam a agir imbuídos de uma nova experiência de vida, agora em Jesus Cristo.

Existe um eixo central na metodologia de Cirilo: Há uma *experiência ritual* que corresponde a um período propedêutico no qual o neófito passa a compreender com toda a simbologia presente nos ritos o significado do batismo. O passo seguinte é a catequese, *pregação*, que, somada ao rito, contribui para uma melhor compreensão da Vigília celebrada na noite de Páscoa, na qual o iniciado recebe o batismo. O terceiro nível é a *compreensão* dos gestos e do rito depois de passar por todos eles. O neófito guarda na memória todos os ensinamentos recebidos e passa a agir movido pela realidade nova de vida. É obvio que dentro de leitura imagética temos aqui uma arte criativa de comunicação da mensagem que toca de fato a vida da pessoa em profundidade. Não apenas uma explicação, mas ritualidade; não mero rito, mas pregação; não uma pregação sem gestos, mas visibilidade e audição (MENDONÇA, 2010, p. 150).

Antes de adentrar em uma análise mais acurada das catequese mistagógicas de Cirilo, e como forma de buscar entendê-las melhor, é importante acrescentar que a metodologia, utilizada por ele, e por outros catequistas do período, buscava a devida eficácia na transformação da vida ao utilizar-se da liturgia como parte do processo catequético. Ou seja, aquilo que é ensinado oralmente aos iniciados é introjetado, ou melhor, é experienciado pelos iniciados através das celebrações litúrgicas, pois é “aquela dimensão da mistagogia, tão cara à liturgia dos primeiros tempos do cristianismo” (PAIVA, 2008, p. 46).

Estamos num período no qual a liturgia é nuclear na formação e vivência do cristianismo. Cirilo comunga do mesmo processo que seus contemporâneos tanto na reflexão teológica como na orientação pastoral. A dimensão pascal é central e, conseqüentemente, vigora o cristocentrismo do processo de salvação, tanto no plano antropológico quanto cósmico. O primado da experiência litúrgico-sacramental é claro. É essa experiência que potencializa a formação dos neófitos. Nela se reúnem as condições da própria dinâmica da Revelação: a iniciativa de Deus, a ação sacramental, a configuração em Cristo Jesus, a revisão e mudança de vida, o testemunho e o compromisso comunitário-ecclesial (COSTA, 2015, p. 108).

Não havia uma dissociação entre liturgia e catequese, mas eram duas faces de uma mesma moeda, pois os ritos litúrgicos têm valor sacramental, não sendo apenas

representativos, mas performativos, pois “configuram cristicamente cada fiel que vivencia a liturgia” (COSTA, 2015, p. 108). Finalmente, em Cirilo de Jerusalém, vê-se um modelo de iniciação como um processo de *mimesis* em que a criatura se realiza no criador.

Para essa pesquisa, o cerne será na inter-relação entre mistagogia e catequese buscando, com isso, aprofundar, a partir das *Catequese mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, a importância do processo de iniciação cristã dos adultos para se tornar membro da comunidade no cristianismo primitivo. Segundo o entendimento dos padres da época a catequese não era de cunho doutrinário, mas fundamentada nas sagradas escrituras; deveria proporcionar um mergulho no mistério do próprio Cristo, ou seja, não era uma preparação com a finalidade exclusiva de tornar alguém apto a receber os sacramentos de iniciação – batismo, crisma e eucaristia. Mas o método deveria facilitar um encontro pessoal com Jesus Cristo, que em sua encarnação, morte e ressurreição por amor aos homens, era compreendido como centro do mistério pascal pregado pelos apóstolos e pela comunidade de discípulos.

Ademais, passar pelo processo iniciático era fazer a experiência com o mistério pascal e se dispor, no mais íntimo do seu ser, a mudar de vida para testemunhar a experiência com o mistério revelado em sua vida. Para tanto, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, foi desenvolvida a ideia de mistagogia e mistério, posto que a experiência com o sagrado, com a divindade e com o mistério não é exclusiva do cristianismo primitivo, mas herdada das religiões místicas, que também tinham seus processos de mistagogia. Nesse sentido, buscou-se delimitar a relação entre mistagogia e mistério, no âmbito do cristianismo primitivo, visando entender como Cirilo de Jerusalém é parte integrante dessa relação intrínseca entre a linguagem e a condição de incondicional mistério de Deus.

Nossa pesquisa é de cunho bibliográfico, por isso foi fundamentada em apoio teórico, utilizou-se de autores como o teólogo Paul Tillich, que adverte para uma não visão superficial do mistério. Também o filósofo e teólogo Leonardo Boff que, ao esboçar uma concepção de mistério, o faz na relação direta com o processo de iniciação das religiões místicas. E, seguindo esse mesmo viés, encontra-se Severino Croatto, que problematiza a linguagem de comunicação estabelecida entre o inefável, que quer se revelar, e o ser humano, um referencial útil para esta pesquisa. Foi trabalhado também neste capítulo o valor da dimensão simbólica para o homem. Haja vista, o simbolismo favorece a comunicação com o sagrado, por isso, Rudolf Otto

chama atenção para a postura que o homem toma frente à experiência com aquilo que o significa em todo o seu ser. E nos últimos tópicos foram tratados sobre o período histórico do surgimento do processo de iniciação cristã.

Já no segundo capítulo, se trabalhou de modo mais específico, nas relações entre mistagogia e catequese no pensamento de Cirilo de Jerusalém, por isso, além de transcrever os principais pontos das cinco catequeses mistagógicas de Cirilo, sendo ele o marco referencial central dessa pesquisa, buscou-se comentadores como João Mendonça e Rosemary Costa para ajudar nas análises desenvolvidas em torno desse pensador com pouquíssimos estudos no Brasil. Além desses autores outros mais como, Hipólito de Roma, Santo Agostinho de Hipona, Justino de Roma, Odo Casel, Ione Buyst, Irmão Nery, e Antonio Lelo ajudam a delimitar a mistagogia e a entender como um processo iniciático visa levar o indivíduo a mergulhar no mistério pascal.

No terceiro capítulo, procurou-se demonstrar evidências do pensamento mistagógico de Cirilo de Jerusalém na catequese pós o Concílio Vaticano II. Para isso, foram utilizados documentos do próprio Concílio como a constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium* e o decreto *Ad Gentes* que já postula uma forma diferente de entender a catequese. Os documentos mencionados impulsiona o surgimento do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) e a partir deste, vários outros que foram possibilitando a reflexão sobre a práxis catequética. Os papas Paulo IV com sua exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* e João Paulo II com a exortação apostólica *Catechesi Tradendae* também contribuíram com a reflexão sobre a temática aqui tratada. Com isso, bispos latinos americanos, atualizaram para suas práticas as reflexões surgidas no concílio sobre catequese. Como consequência, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) passou a produzir documentos orientadores sobre a catequese de inspiração catecumenal. Os pensamentos de Lima, Reinert, Panazzolo ajudam a entender como esta nova forma de fazer catequese deve partir da mistagogia para atingir sua finalidade de proporcionar ao iniciado/catequizando uma adesão, encontro e mudança de vida a partir do centro do mistério que é Cristo.

Capítulo I

1. Mistagogia e mistério

Ao triar um caminho para melhor entendimento do processo mistagógico, aqui tematizado, deve-se partir de um ponto que seja norteador, a saber: uma definição do conceito de mistério. O primeiro passo consiste, assim, em delimitar a noção que se dará aqui frente à ideia geral atribuída, corriqueiramente, ao termo mistério. Nesse aspecto Leonardo Boff é certo ao afirmar que mistério, no senso comum, aponta para uma “reflexão que esgotou as capacidades da razão e não consegue mais produzir luz. Ou então para indicar intenções ou realidades escondidas ao comum dos mortais” (BETTO; BOFF, 2014, p.49). Ainda, segundo ele, também se entende “a aura de interesse, curiosidade e fascinação que uma pessoa irradia” (BETTO; BOFF, 2014, p.49). Seriam as mencionadas opiniões capazes de ajudar a compreender a noção aqui tematizada? Quando se observa atentamente percebe-se que o uso deste termo, pelo senso comum, não ajuda a uma compreensão delimitada que permita uma aproximação ao tema da mistagogia. Não é por casualidade que o teólogo Paul Tillich chama atenção quanto ao uso corriqueiro do termo.

Para salvaguardar o uso apropriado da palavra “mistério”, é preciso evitar seus usos errôneos ou confusos. Não deveríamos chamar “mistério” a algo que cessa de ser um mistério depois que foi revelado, e nem a qualquer coisa que possa ser descoberta por uma abordagem cognitiva metódica. O que não conhecemos hoje, mas poderemos conhecer amanhã, não é mistério (TILLICH, 2005, p. 122).

Em perfeito acordo com o que ressalta Tillich, deve-se partir do pressuposto de que as definições, dadas pelo senso comum, não servem para uma delimitação do que será a base da experiência mistagógica enquanto tal. Um caminho que parece fundamental, consiste em utilizar da etimologia da palavra ressaltado por Tillich:

“Mistério”, neste sentido próprio, é derivado de *muein* “fechar os olhos” ou “fechar a boca”. Para alcançar um conhecimento comum, é necessário abrir os olhos para apreender o objeto e abrir a boca para se comunicar com outras pessoas e pôr à prova as próprias percepções. Um mistério genuíno, contudo, é experimentado em uma postura que contradiz a atitude da cognição comum. Os olhos são “fechados”, porque o verdadeiro mistério transcende o ato de ver, de confrontar-se com objetos

cuja estrutura e relações se apresentam a um "sujeito" para que as conheça. O mistério caracteriza uma dimensão que "precede" a relação sujeito-objeto. A mesma dimensão é indicada no "fechar a boca". É impossível expressar a experiência do mistério em linguagem comum, porque esta linguagem nasceu do esquema sujeito-objeto e está presa a ele (TILLICH, 2005, p. 121).

A partir dessas observações, fica claro, à primeira vista, que as noções utilizadas para apreensão da significação, no sentido mais usual do termo mistério, não permite perceber e ter um alcance desejado do que esse venha a ser, dado o caráter de não irredutibilidade do mistério ao conhecimento puramente intelectual, discursivo, elaborado cognitivamente ou experimentalmente. Um dos pontos comuns, entre os comentadores, consiste na insistência de que a linguagem comum e reflexões racionais são por demais limitadas. Sendo assim, qual o melhor caminho para expressar o sentido, aqui buscado, que leve a uma compreensão delimitada do termo? Como o mistério pode assumir, pela linguagem, significação?

Croatto escreve: "[...] *É a experiência do transcendente*, do Mistério, a chave para compreender a linguagem do sagrado em suas infinitas expressões" (CROATTO, 2010, p. 61). E segue: "[...] Como o inexprimível pode chegar a ser expresso? É essencial que o inexprimível, *enquanto inexprimível*, seja expresso" (CROATTO, 2010, p. 64). Desse modo, chega-se a um impasse teórico que tem como base a relação exprimível e inexprimível. Como o que transcende toda palavra pode ser dito, nomeado, definido? O Teólogo Rudolf Otto nos dá algumas pistas ao dizer que a linguagem do mistério "[...] não é formulável em conceitos racionais; ela é 'inefável' e somente pode ser indicada indiretamente pela evocação íntima e apontando para o peculiar tipo conteúdo da reação-sentimento" (OTTO, 2007, p. 42). Estamos diante de duas questões a serem perscrutadas cuidadosamente e antes de encontrarmos uma resposta para a espinhosa questão sobre a linguagem em que se expressa o inexprimível lançamos mão de uma compreensão, uma vez mais, de Tillich que pode nos ajudar na definição do termo mistério:

O verdadeiro mistério aparece quando a razão é conduzida para além de si mesma, a seu "fundamento e abismo", àquilo que "precede" a razão, ao fato de que "o ser é e o não-ser não é (Parmênides), ao fato original (*Ur-Tatsache*) de que *há algo* e não *o nada*. Podemos chamar de "lado negativo" do mistério (TILLICH, 2005, p. 121).

É perceptível, na abordagem acima, que o mistério não é uma sobreposição do supranatural ao racional anulando-o, mas o ser humano é levado ao limite da sua capacidade racional e conduzido a perceber o limite da razão frente ao que lhe transcende. É nessa perspectiva que Otto afirma: “[...] A valorização do objeto transcendente da relação como sendo absolutamente superior, por sua plenitude do ser, frente ao qual o si-mesmo se sente um nada. ‘Eu nada, Tu tudo!’” (OTTO, 2007, p. 53). Trata-se, para Otto, do paradoxo de ser e não-ser, bem como, do limite existencial diante do fato de que há algo e não o nada ou, dito de modo mais fiel ao seu pensamento, *Sentimento de criatura*, isto é, o sentimento que revela, no abismo a face criatural do ser humano (OTTO, 2007). Diz ele:

Sombra e reflexo subjetivo desse aspecto absolutamente avassalador, essa *majestas* é aquele “sentimento de criatura” que contrasta com o avassalador, sentido objetivamente; trata-se da sensação de afundar, ser anulado, ser pó, cinza, nada, e que constitui a matéria-prima numinosa para o sentimento de “humildade religiosa” (OTTO, 2007, p. 52).

O diálogo traçado com os autores dos textos até aqui relacionados, tem a preocupação de apresentar, de forma um pouco mais ampla, primeiramente, a maneira de se entender a terminologia mistério dentro de um marco acadêmico e, em segundo lugar, propor uma definição para o termo que supere uma visão imediatista típica da opinião comum, pois, uma das imagens, que corrobora com o que estamos aqui expondo, encontramos na passagem bíblica em que Abraão, “pai da fé”, diz: “Eu me atrevo a falar ao meu Senhor, eu que sou poeira e cinza” (Gn 18,17). Atrevimento como insistência em dizer o que não se diz, revela, em sintonia com o que foi dito anteriormente, essa perspectiva de nulidade frente à plenitude do ser que faz com que Abraão ouse dirigir a palavra a Deus, é parte constitutiva da natureza humana em sua relação com o inefável. Entende-se que, transcendência, como bem ressalta Croatto, “é um vocábulo simbólico; não implica que o Mistério esteja ‘do outro lado’; é também imanente no ser humano [...]” (CROATTO, 2010, p. 61).

Mergulhar no mistério é fazer a experiência do encontro a partir do qual cada indivíduo traz em si; não deixando de lado a capacidade racional, haja vista, em parte, já lhe é imanente o desejo de transcendência, mas para que seja invadido pelo “totalmente Outro” (OTTO, 2007, p. 56), deve se encontrar em sua nulidade, seu nada, para se fazer um com o Ser. Tillich mostra que esta realidade se dá através da revelação no êxtase.

O termo “êxtase (‘‘estar fora de si mesmo’’) aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto. [...] A ‘‘razão extática’’ continua sendo razão; [...], mas transcende a condição básica da racionalidade finita, a estrutura sujeito-objeto. [...] A experiência do êxtase se deve exclusivamente à manifestação do mistério em uma situação revelatória. O êxtase só ocorre se a mente se sentir possuída pelo mistério, isto é, pelo fundamento do ser e do sentido. E, vice-versa, não há revelação sem êxtase (TILLICH, 2005, p. 124 -125).

Como entender revelação neste contexto? Teria ela a capacidade de trazer à luz de forma clara o sentido de mistério aqui buscado? Na compreensão judaico-cristã, tradição na qual esse trabalho se insere, o mistério, não só se revela pelos seus atos, mas também pela linguagem, como se ver no questionamento de Moisés: ‘‘Qual é o seu nome? Que direi?’’ (Ex 3,13). A resposta divina é desafiante ao entendimento: ‘‘Eu sou aquele que é’’ (Ex 3,14). Seguindo a vertente tillichiana, diríamos que não há outro caminho de acesso ao mistério que não passe pela revelação; por ela chega-se ao significado do ser que é fundamento de toda preocupação última.

A revelação é a manifestação daquilo que nos diz respeito de forma última. O mistério revelado é nossa preocupação última, porque é o fundamento de nosso ser. Na história da religião, os eventos reveladores sempre foram descritos como acontecimentos que chocam, transformam, exigem, que são significativas de forma última. Eles procedem de fontes divinas, do poder daquilo que é santo e que, portanto, possui uma reivindicação incondicional sobre nós. Só o mistério que é de preocupação última para nós aparece na revelação (TILLICH, 2005, p. 106).

Nesse aspecto, mistério comporta, mais do que o sentido comum de desconhecimento, uma relação com o sentido último da existência. E, diríamos, o próprio ato de existir enquanto tal. Em sendo assim, a revelação, como manifestação, faz ver e ‘‘aparecer’’, para aqueles que a buscam, o mistério como sentido último, mantendo-o, no entanto, velado em seu sentido originário. Na revelação, o mistério se mostra, retraindo-se em seu incondicional ser e, por isso mesmo, exige proximidade, em sua recusa de objetivação. É nesse sentido que Otto nos fala de ‘‘maravilhoso’’ e ‘‘desconcertante’’:

E a criatura que diante dele estremece no mais profundo receio sempre também se sente atraída por ele, inclusive no sentido de assimilá-lo. O mistério não é só maravilhoso [*wunderbar*], mas

também aquilo que é prodigioso [wundervoll]. Além de desconcertante, é cativante, arrebatador, encantador [...] (OTTO, 2007, p. 168).

Chega-se, assim, com a caracterização central do mistério proposta inicialmente aqui, ou seja, que mistério liga-se ao sentido último da existência e, enquanto tal, conduz a uma relação de compreensão que tem, na linguagem seu lugar. Este é sempre uma aproximação ou, dito de outro modo, uma tentativa, pela linguagem de nomear o inominável fato de que o mistério transcende a toda categorização. Sendo assim, qual a linguagem que melhor expressa essa paradoxal experiência de aparição e retraimento característicos do mistério? Podemos afirmar, a partir da assertiva de Croatto que, “o símbolo é a chave da linguagem inteira da experiência religiosa” (CROATTO, 2010, p. 81). Com isso, alcança-se o segundo ponto da reflexão, a saber, a relação entre a linguagem simbólica em seu aspecto mistagógico.

1.1. Mistagogia e catequese

No decorrer da formação das comunidades cristãs primitivas ocorreram vários momentos de desenvolvimento e participação dos seus membros visando a unidade frente às perseguições sofridas pelos mesmos. O império romano, tão tolerante com as religiões e cultos, em alguns momentos, passa a não admitir mais as práticas cristãs, acusadas de torpes costumes e, sobretudo, de ateísmo, por não oferecerem sacrifícios aos ídolos e se recusarem a adorar o imperador. “Neste longo período de perseguições e de rupturas internas [...]. Facilmente havia deserções (*apostasias*) diante das perseguições e das possibilidades de torturas e martírios [...]” (NERY, 2001, p. 38-39).

Surge, então, a necessidade de compreender a formação dos que engrossavam as fileiras do cristianismo primitivo em tempos tão adversos. Segundo alguns pesquisadores⁴, temos que entender que o método de iniciação cristã, em que

⁴ Sobre a temática ver: NERY, Irmão. Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta. São Paulo: Paulus, 2001; LELO, Antonio Francisco. A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005; REINERT, João Fernandes. Paróquia e iniciação cristã: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015; PARO, Pe. Thiago Faccini. Catequese e liturgia na iniciação cristã: O que é e como fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília/DF: Edições CNBB. 2005. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília/DF: Edições CNBB. 2017.

a mistagogia é uma parte de um processo mais amplo, foi capaz de forjar uma identidade cristã autêntica que permitiu resistências e práticas que contribuíram para o fortalecimento do cristianismo entre os séculos I e IV sem, no entanto, confundirem-se com as outras religiões que também exigiam dos seus membros um processo de iniciação.

Isso se justifica dado que, em meio as perseguições, um grupo reduzido buscava um caminho de formação, porém que não ficou segregado a uma mera doutrinação ou a um grupeto misterioso, mas que teve conotações sociais e, principalmente, fundamentou a relação do indivíduo com o transcendente em seu aspecto de experiência com o sagrado. Eis um exemplo que Justino de Roma, filósofo e apologista do cristianismo, descreve na metade do segundo século nos relatando momentos intensos de perseguições aos cristãos, onde os mesmos são julgados pelo simples fato de assim se denominarem.

Estranha maneira esta de condenar alguém somente pelo fato de se chamar “cristão”. Geralmente é por um crime cometido que se condena alguém, não por causa do nome. Aqui, o nome é crime. [...] Castiga-se, assim, condena-se só pelo nome, pois basta alguém negar ser cristão para ser libertado, basta confessá-lo para ser condenado (JUSTINO, 1995, p. 14).

É possível, com essa citação, perceber o contexto conflitivo em que o cristianismo nascente se encontrava, bem como, a natureza das acusações a ele imputado⁵.

Aurélio Agostinho é, também, um testemunho importante, posto que o mesmo se encontra entre os chamados Padres da Igreja, ocupando um espaço de relevo, tanto como pregador, teólogo e pensador da igreja que refletiu sobre a experiência concreta da vida cristã, como por ter sido um dos primeiros a teorizar sobre o modo de exercer e viver esta experiência. O opúsculo, *De catechizandis rudibus* serve como uma proposta exemplar para uma renovação da catequese na igreja, isto é, uma nova mistagogia. A principal fonte do “*De catechizandis rudibus*”, que pode ser traduzida como *Sobre a catequese dos não instruídos*, expressa o caminho proposto por Agostinho durante o percurso de ensino da catequese elementar.

Procura-se, então, compreender os destinatários da catequese agostiniana, a partir da própria expressão *rudes*, como Agostinho designa os não instruídos na fé. É

⁵ Sobre a temática ver: DOODS.E.R. *Paganos y cristianos en una época de angustia*, trad. J. Valiente Malla, Madrid: Ediciones cristiandad, 1975.

importante dizer que os candidatos à evangelização eram chamados de *rudes* (não cultivados), mesmo que conhecedores em matérias das ciências ditas humanas, fossem ignorantes no que concerne ao conhecimento de Cristo e à essência do viver cristão. A delimitação semântica destes destinatários (*rudes*) é, de fato, importante na determinação do método e conteúdo catequético.

Se, porém, disser algo diferente daquilo que se deve encontrar no espírito de quem vai ser instruído na fé cristã, repreende-o com delicadeza e bondade porque é rude e ignorante; mostra-lhe o verdadeiro fim da doutrina cristã, exaltando-o brevemente; e não gastes o tempo da futura narração nem ouse impô-la a um espírito não preparado, mas leva-o a desejar o que – ou por erro ou por simulação – até o momento não queria (AGOSTINHO, 1973, p. 45).

Dando prosseguimento ao pensamento agostiniano sobre o fazer catequético, fica claro que, a fé não pode ser algo imposto, pois o processo de conversão não pode ser impositivo, mas um convite à experiência. Agostinho deixa claro que existe todo um caminho a ser percorrido a partir das escrituras até o momento do encontro com o mistério. Diz ele:

É preciso, de qualquer maneira, mostrar-lhe que o próprio Senhor não o aconselharia ou forçaria a tornar-se cristão e incorporar-se à Igreja, nem o instruiria com tais sinais e revelações, a não ser que já estivesse preparado o seu caminho em direção às santas Escrituras, onde não procurasse prodígios visíveis, mas se habitasse a esperar os invisíveis; onde não seria instruído a dormir, mas a vigiar; onde quisesse senti-Lo mais tranquilamente e sem nenhum receio (AGOSTINHO, 1973, p. 46).

Esse aspecto de iniciação à fé, descrito por Agostinho, encontra na mistagogia sua expressão mais concreta. Tendo origem em dois vocábulos gregos: *mystes*, que significa mistério, e *agein*, que significa conduzir, mistagogia tem o sentido de conduzir o iniciado ao conhecimento do mistério divino⁶. Segundo Schreiber, esse novo termo, construído na conjugação desses dois vocábulos, carrega em si, um sentido profundo: “o enraizamento no conceito de mistério e a ação mediadora, na aproximação a esse

⁶ Dado a amplitude que a temática da mistagogia comporta, em suas várias expressões nos primeiros séculos, nos deteremos, exclusivamente, na sua versão cristã tendo em vista que fazer, aqui, uma reconstituição dessa prática entre, por exemplo, as escolas neoplatônicas e as tradições místicas oraculares e caldaicas, expressões efetivas de práticas mistagógicas indispensáveis no processo de iniciação, extrapolaria nosso objetivo. Sobre o tema indicamos os trabalhos: FESTUGIÈRE, A.J. *Hermétisme et Mystique païenne*, Paris: Aubier, 1967; RUTTEN, M. *La science des Chaldéens*, Paris: Presses Universitaires de France, 1960; TROUILLARD, J. *La mystagogie de Proclo*, Paris: Les Belles Lettres, 1982.

mesmo mistério” (SCHREIBER, 1964, p. 363). Contudo, o termo mistério nos aponta para uma realidade inefável e inexprimível, mas que se torna presença por se revelar. Por isso, no cristianismo, o mistério de Deus se revela à humanidade e convida a uma abertura existencial que conduz tudo e todos à plena realização. Para os “Padres da Igreja”, a mistagogia consiste nesse dinamismo que alinhava, dialogicamente, o mistério revelado, a ação mediadora, a comunidade dos iniciados e o iniciante.

Aqui, além de se conhecer o conceito de mistério de forma ampla é importante que se tenha noção da importância dessa ideia para o cristianismo, pois, Jesus, ao falar do reino, aponta para a compreensão da revelação do mistério: “A vós é confiado o mistério do Reino de Deus” (Mc 4,11). Ser cristão é participar desse mistério e se comprometer com ele. Requer uma mudança de vida, é fruto da experiência, não apenas de conhecimento.

No cristianismo, mistério, adquire um sentido totalmente novo: é a presença do reino de Deus presente com Jesus. O termo *mysterio* é fundamental no novo testamento, pois aparece 26 vezes, sendo a maioria nos escritos paulinos. Nele, o sentido do termo foi usado para manifestar o desígnio divino de salvação que se concentra na pessoa de Jesus, sua vida, morte e ressurreição. Para explicar esta concepção no cristianismo primitivo houve, por parte da comunidade cristã, muita dificuldade pelo medo de ao “[...] explicar a forma como o mistério de Cristo podia ser experienciado pelo ser humano sem confundir-se com as categorias de compreensão religiosa já existentes nas religiões, chamadas de mistéricas” (LELO, 2005, p. 28).

O mistério de Cristo que se realizou em nosso Senhor, de verdade, plena, histórica e fundamentalmente, se atualiza em nós, por tanto, sob formas figurativas e simbólicas, que não são em realidade meras imagens externas, mas algo que se desborda da realidade da nova vida comunicada por Cristo (CASEL, 1953, p. 62)⁷.

A mistagogia tornou-se um tema recorrente na literatura dos Padres da Igreja e, portanto, importante para quem se debruça sobre o estudo do cristianismo primitivo ou busca entender o mistério divino em seu aspecto simbólico. A experiência mistagógica ocorrida nessa fase visava, sobretudo, uma iniciação aos sacramentos, à pedagogia divina, à dinâmica da revelação, tendo em vista, o processo de formação do indivíduo para essa nova configuração ideológica (religiosa) e social no Ocidente:

⁷ Tradução nossa.

No início do cristianismo, a catequese era o período em que se estruturava a conversão. Os já evangelizados eram *iniciados* no mistério da salvação e num estilo evangélico de ser: experiência de vida cristã, ensinamento sistematizado, mudança de vida, crescimento na comunidade, constância na oração, alegre celebração da fé e engajamento missionário. Este processo de *iniciação*, chamado catecumenato, se concluía com a imersão no mistério pascal através dos três grandes Sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia. A catequese estava pois a serviço da iniciação cristã (CNBB, 2005, p. 37-38).

Finalmente, no cristianismo antigo, especialmente no final do século III e início do século IV, o processo de iniciação foi compreendido como um caminho de introdução, abertura e diálogo com o mistério de Deus. O princípio que fundamenta e dinamiza esse caminho é o próprio Deus que se revela na história da humanidade, o verbo de Deus que se fez carne.

1.2. Símbolo: face do mistério

Ao dizer que a experiência que o homem faz com o mistério o envolve em todas as suas dimensões – dimensão psíquica, cognitiva, afetiva, emocional e racional não se limita, portanto, a uma experiência laboratorial em que possa ser repetida e aperfeiçoada posteriormente. Não se pode confundir a experiência religiosa do mistério com o que na linguagem técnico-científica do mundo hodierno, de forma comum, chama-se de experiência, pois esta vem marcada por uma categoria de entendimento em que se pode repetir, ser analisada e aperfeiçoada em qualquer momento, enquanto que a experiência, pensada como vivência com o mistério acontece de forma significativa para a vida do indivíduo, pois, a partir desta, pressupõe-se, na concepção aqui abordada, uma visão diferente da vida e de tudo que o cerca. “Para ter acesso aos divinos mistérios a pessoa precisa, de uma maneira ou de outra, ser iniciada a essas realidades maravilhosas através de experiência que marcam profundamente” (CNBB, 2009, p. 26). É importante entender qual o significado de experiência na dinâmica da compreensão religiosa e que Maria Clara Bingemer destaca:

Se confunde experiência com experimentação, com trocas incessantes, com não compromisso com alguma coisa, o importante é experimentar, experimentar, experimentar, experimentar, uma... tudo que acontece, tudo que aparece na frente. Na verdade esse não é o verdadeiro significado da palavra experiência [...] (BINGEMER, 2012, 1DVD 47min).

Como se pode perceber, a experiência é algo fundamental porque pega todas as dimensões do ser humano, inteligência, sensibilidade, corporeidade e emoções. É nesse sentido, que Bingemer, insiste no fato de que, para que haja experiência, é preciso que todas essas dimensões do ser humano entrem em ação e deslanchem um dinamismo que então vai marcar esse ser humano. Essa observação é importante porque aponta para a necessidade de um ciclo da experiência completa.

Por envolver o ser humano, como um todo, estabelece desde seu íntimo “[...] a verdadeira conversão ou metanoia (mudança de mentalidade) supõe uma certa maturidade humana e toca as mais profundas tendências humanas” (CNBB, 2009, p. 27). É um fato, uma nova realidade em que o indivíduo é mergulhado e, tendo passado por essa experiência, não pode mais livrar-se, no sentido originário de *pathos*, de ser tocado e, conseqüentemente, afetado e transformado. Por isso, toda forma de experiência religiosa marca profundamente o indivíduo e, ao marcar, significa que o leva a partilhar esta nova realidade, segundo a sua visão de iniciado, ainda que no reconhecimento da impossibilidade última de transmitir o que é da ordem subjetiva e particular. Sobre esta realidade que o completa e o leva a transcender as fronteiras individuais Croatto é pontual: “A experiência do Mistério [...] é essencialmente afetiva e, portanto, participativa. Ela não pode ser vivida de forma individual e isolada. Seria uma carga insuportável! Comunicá-la alivia” (CROATTO, 2010, p. 81). O questionamento, já posto anteriormente, volta à tona: Como comunicar o incomunicável? Como partilhar esta realidade que não é palpável nem pode ser reduzida à estrutura lógico-racional do conhecimento? Já fora trabalhado, em outro momento, que a experiência com o mistério vai além da racionalidade, não que a suplante ou negue, mas a transcende. Para responder a essa pergunta deve-se buscar entender um pouco mais a linguagem simbólica dentro do âmbito religioso.

O símbolo “por sua etimologia (do grego *sum-ballo*, ou *sym-ballo*), significa à união de duas coisas” (CROATTO, 2010, p. 84) ou, como Boff, diz que “O sentido é: lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas. Num processo complexo significa re-unir as realidades, congregá-las a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe” (BOFF, 2015, p. 14). Ao buscar na história, percebe-se que é muito antigo este entendimento e a prática entre os povos, por isso é interessante que seja observado a prática entre os gregos e os hebreus. Primeiro entre os gregos:

[...] Dois amigos, por conjunturas aleatórias da vida, têm que separar-se. A separação é sempre dolorosa. Implica sentimento de perda. Deixa muita saudade para trás. Assim dois amigos tomavam um pedaço de telha e cuidadosamente o partiam em dois, de tal modo que, juntados, encaixavam-se perfeitamente. Cada um carregava consigo o seu pedaço. Se um dia voltassem a encontra-se, mostrariam os pedaços que deveriam encaixar-se exatamente. Caso se encaixassem, simbolizava que a amizade não se desgastou nem se perdeu. Era o *símbolo* (eis a palavra), vale dizer, o sinal de que, apesar da distância, cada um sempre conservou a memória bem-aventurada do outro, presente no caco bem cuidado de telha (BOFF, 2015, p. 14).

Entre os hebreus também existia uma prática similar àquela dos gregos no relato no livro de Tobias, que bem provável foi escrito na região da Mesopotâmia, que o ancião Tobit encarregou o seu jovem filho Tobias para recuperar um dinheiro que tinha emprestado na região da Média, a um tal de Gabael, mas Tobias questiona:

Mas como poderei recuperar esse dinheiro? Ele não me conhece e nem eu a ele. Que sinal lhe darei para que ele me reconheça, creia em mim e me entregue o dinheiro? [...] Tobit então respondeu a seu filho Tobias: “Ele me deu seu documento, e eu lhe dei o meu; eu o dividi em dois para que cada um de nós ficasse com a metade. Tomei uma e deixei a outra com o dinheiro. E dizer que já faz vinte anos que depusitei este dinheiro. [...] Apresentou-lhe o documento [...]. Gabael levantou-se, contou para ele os sacos de dinheiro com os selos intatos, e colocaram sobre os camelos (Tb 5,2-3b.9,5,5).

Conforme os exemplos acima citados, observa-se um duplo aspecto no sentido utilizado para símbolo, mas que se completam, ou seja, estão contidos dois elementos que de alguma maneira se relacionam mutuamente. Mas só entende esta relação se desconsiderar a “coisa em si” e mantiver o entendimento no nível do sentido, isto é, do expresso. Ou seja, os elementos utilizados sempre têm uma identidade própria, uma razão peculiar que o significa na natureza.

Cada coisa tem sua própria identidade (uma pedra é uma pedra), tem sua própria função e é parte de uma estrutura global dentro do universo. Os astros são emissores de luz e os planetas a refletem; o Sol regula as estações, a rotação da Terra, determinando a sequência do dia e da noite; todos os seres da Terra, animados ou inanimados, têm suas próprias leis biológicas ou físicas. São simplesmente o que são. Têm *seu próprio sentido* (CROATTO, 2010, p. 86).

O ser humano é capaz de ultrapassar este primeiro sentido que Croatto chamou *de seu próprio sentido* para perceber a partir de sua experiência um outro sentido. “[...]”

O ‘segundo sentido’ não está objetivado nas coisas, mas é uma experiência humana e singular em cada ser humano” (CROATTO, 2010, p. 86). Por isso, um simples pôr do sol, que é uma realidade que se repete diariamente e faz parte das leis naturais que regem os astros, pode levar o indivíduo que o contempla a sentir emoção, por conta do *segundo sentido* dado ao fenômeno por aquele que experiencia o mesmo. Outro exemplo pode ser formulado diante de um contato com uma flor, que não foge às leis biológicas, mas quando dada a uma pessoa que estabelece uma relação particular, pode ser uma bela declaração de amor; mais uma vez é empregado um segundo sentido pelos indivíduos que vivenciam aquela experiência.

Os exemplos mencionados ganham respaldo ao observarmos o pensamento de Croatto sobre o tema: “[...] As coisas não são simbólicas em si mesmas, e nem sempre chegam a sê-lo. São constituídas simbolicamente por algum tipo de experiência humana. Mas todas podem ser levadas à dimensão de símbolos, sejam eles profanos ou religiosos” (CROATTO, 2010, p. 87).

Então, o símbolo é “[...] um elemento da realidade fenomênica [...], que foi ‘transfigurado’, enquanto significa algo além de seu próprio sentido primário” (CROATTO, 2010, p. 87). Ele é algo que nos envia para outra realidade que nos afeta. Quanto a este fato de ultrapassar o sentido primário não podemos afirmar que o suplante, pois “O Símbolo não é o resultado de uma transferência de significação além da matéria, mas a própria articulação da densidade da matéria, que conserva sua totalidade de ser, em vez de ser escamoteada pelo espírito. [...] A matéria é investida pelo espírito” (CHENU, *apud* BUYST, 2007, p. 32).

Assim, antes de abordar o símbolo na liturgia, foi feito um percurso desde sua concepção mais primitiva avançando às formas de se compreender o duplo sentido que o termo encerra; no entanto, como o símbolo dentro da liturgia religiosa manifesta o mistério para que seja experienciado? Precisa-se entender que o símbolo não se restringe a união de duas partes que foram separadas e uma vez juntas forma o todo, mas entendê-lo como manifestação visível que mostra o invisível.

Na liturgia, interessa-nos o sentido antropológico atual de “símbolo”. Aí não se trata de dois pedaços iguais de um mesmo objeto, mas *um sinal visível que evoca e traz presente uma realidade invisível* [...]. O símbolo é portanto uma representação que faz aparecer um sentido secreto; ele é a epifania (manifestação) de um mistério (BUYST, 2007, p. 30).

Na esfera do campo religioso, o simbólico parte do visível, do que está ao alcance dos sentidos para que o fiel possa fazer a experiência com o invisível. O mistério que preenche as carências e dá sentido à vida humana entra em contato com este pelas realidades visíveis. “O sinal sensível não ‘é’ o próprio mistério (há sempre uma ruptura entre um e outro), mas é o único caminho para se chegar a ele” (BUYST, 2007, p. 30). Ajuda na compreensão o que Agostinho de Hipona diz a respeito:

Estou seguro, Senhor, de que te amo. [...] Mas, que amo quando te amo? Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantinelas, nem o suave odor das flores, dos unguentos, dos aromas, nem o maná ou o mel, nem o membros tão suscetíveis às carícias carnis. Nada disso eu amo, quando amo o meu Deus. E contudo, amo a luz, a voz, o perfume, o alimento e o abraço, o abraço do homem interior que habita em mim, onde ressoa uma voz que o tempo não destrói, de onde exala um perfume que o vento não dissipa, onde se saboreia uma comida que o apetite não diminui, onde se estabelece um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo quando amo meu Deus.

E o que é isso? Perguntei à terra, e esta me respondeu: “Não sou eu”. [...] Pedi a todos os seres que me rodeiam o corpo: “Falai-me de meu Deus, já que não sois o meu Deus [...]” E exclamou em alta voz: “Foi ele quem nos criou.” [...] O homem interior conheceu tais fatos graças ao homem exterior. Eu os conheci, eu, o espírito, graças aos sentidos do corpo (AGOSTINHO, 2002, Livro X, 8-9)

Essa possibilidade da experiência da epifania do mistério em nos colocar em relação com ele, é uma peculiaridade dos símbolos e da linguagem simbólica. Aqui recordamos que a racionalidade não alcança o mistério, ou seja, é somente a linguagem simbólica que é mais ampla, transpassa o pensamento racional e o completa. O símbolo [...] “é movido pelo desejo, que é insaciável e almeja a totalidade do real, ou melhor, almeja Alguém que possa satisfazer nosso desejo” (BUYST, 2007, p. 31). Assim, somente ele é capaz de unir, ligar, juntar:

- corpo, alma, mente e espírito... de cada um de nós;
- as várias pessoas participantes, estreitando os laços na assembleia;
- cada um de nós e a comunidade reunida com a realidade (tanto cósmica quanto histórica) que nos cerca;
- cada um de nós e a comunidade reunida com Aquele que é fonte de vida;
- presente e passado, céu e terra, “matéria” e “espírito”... (BUYST, 2007, p. 33).

Portanto, ao desenvolver a reflexão sobre o símbolo percebe-se sua importância para a comunicação e vivência do sagrado para os seres humanos. É através dele que se estabelece o contato com o mistério e faz acontecer a experiência e, a partir desta, surge a possibilidade de uma vida renovada que, para o cristão, é fruto do encontro do indivíduo com a divindade que o envolve em todo o seu ser e o impele na compaixão aos demais. Temos, assim, uma unidade entre o individual e o coletivo que, ao estabelecer uma estreita relação com a própria divindade, transfere essa experiência para os outros fazendo, com isso, que o que é da ordem espiritual, mantenha-se como uma consciência da relação irreduzível do sagrado em paradoxal condição de transcender e revelar-se em constante diálogo entre indivíduos. Quanto maior a experiência, maior o impulso para a abertura ao divino e aos outros que já podem ser nominados de irmãos como *habitat* de Deus.

Essas são algumas considerações fundamentais que se deve observar ao estudar as descrições da prática da mistagogia como compreensão e vivência, pelos iniciados, dos mistérios de Deus.

1.3. Primórdios da iniciação cristã

O processo de iniciação cristã, fora denominado e se difundiu como catecumenato. Sobre isso, afirma Lima: “foi uma das mais bem sucedidas instituições da Igreja de todos os tempos, veio responder ao urgente problema do ingresso dos novos membros na comunidade eclesial” (LIMA, 2009, p. 8). Esta prática de iniciar pessoas que desejavam converter-se ao cristianismo primitivo, foi inspirada em outras antigas e, adotadas por diversas correntes religiosas da antiguidade que ficaram conhecidas por religiões místicas.

As novas religiões “místicas”, precedentes do Oriente (Egito, Síria, Pérsia...), organizavam-se geralmente, em forma de associações fechadas onde todos podiam entrar, mas somente após uma rigorosa iniciação. Nelas predominava a celebração de mistérios ou dramas litúrgicos, que permitiam a identificação dos fiéis com a existência de um deus e apontavam, através deste, o caminho da salvação do indivíduo (MATOS, 1997, p. 37).

Também pode-se citar outros exemplos de exigência de iniciação para os não-judeus que se interessavam pela religião judaica ou aqueles que desejavam fazer parte dos essênios, seita composta por judeus que viviam isolados em espécies de

mosteiros na região do Mar morto. Para os primeiros, as pessoas eram consideradas tementes a Deus ou prosélitos e, para adentrarem no judaísmo era necessário renunciar a prática de idolatria, ao politeísmo e assumir todas as prescrições religiosas estabelecidas aos judeus. Para alcançar tais objetivos os prosélitos passavam por um processo iniciático.

Para os não-judeus convertidos ao judaísmo havia uma fase de preparação ou iniciação, que comportava um ensino das Escrituras e das tradições judaicas. Depois o prosélito – com raras exceções, só se admitiam homens – era introduzido na sinagoga através de um rito, que envolvia circuncisão e batismo de purificação, normalmente oito dias depois da circuncisão, e a oferta de um sacrifício. Estes gestos rituais expressavam a incorporação na comunidade e simbolizavam a libertação das impurezas dos idólatras (NERY, 2001, p. 29-30).

Já para fazer parte do grupo dos essênios, o candidato deveria ser judeu. Os essênios viviam isolados e buscavam resgatar uma prática religiosa pura, reportando-se ao período do êxodo em que o povo de Deus viveu no deserto, com isso se distanciar das práticas dirigidas pelo templo de Jerusalém em sua época, pois consideravam os sacerdotes traidores da religião judaica. Estes grupos elaboraram regras de vida que identificavam de maneira objetiva as etapas de preparação dos que nelas desejam ingressar.

[...] Com práticas rituais específicas, entre as quais o banho batismal em cada uma delas. [...] O essencial a ser visado era a conversão, como mudança radical de vida, que implicava o afastamento completo do mundo pervertido e a entrada no mundo do deserto. O processo implicava um ano de “postulado” e dois de “noviciado”, bastante rigorosos, com instrução, acompanhamento, exames e rituais, sendo um deles o banho batismal (NERY, 2001, p. 30-31).

A comunidade cristã nasce no contexto religioso e cultural do judaísmo, portanto, recebe influência direta em seus hábitos e costumes. Já haviam as experiências das práticas iniciáticas, seja para admissão de prosélitos na religião judaica, perpassando várias etapas como “pregação missionária para a conversão, purificação, escrutínios, instrução sobre os mandamentos e a Lei de Deus, circuncisão – Batismo” (CCD, 2011, p. 19)⁸, seja para que um membro da comunidade judaica adentrasse em uma seita do judaísmo, como a dos essênios, que era necessário

⁸ Citaremos o documento intitulado Centro Catequético Diocesano no formato CCD.

passar por um processo que contemplasse “tempo de formação, purificação, provas e discernimento da comunidade” (CCD, 2011, p. 19).

Diante disso, como alguém se tornava cristão? Qual a origem do batismo dentro da comunidade cristã primitiva? Ao responder estes dois questionamentos têm-se não só a origem do antigo rito do batismo na comunidade cristã, mas entender-se-á o longo percurso exigido para aqueles que queriam fazer parte da comunidade cristã. A resposta virá a partir do último questionamento ao discorrer sobre a prática do processo iniciático entre os judeus e a comunidade cristã, revelando a dependência do cristianismo para com o judaísmo, particularmente, nas práticas que incluíam o banho de purificação. Pois, o novo testamento traz João Batista, primo de Jesus, às margens do rio Jordão batizando a todos os que demonstravam arrependimento de suas ações e se comprometendo em uma vida renovada, longe das práticas pecaminosas.

João [...], proclama e realiza “um batismo em sinal de conversão e para o perdão dos pecados” (cf. Mt 3, 1-12), sepultando o passado de pecado e assumindo compromisso de vida nova, conduta nova segundo o amor de Deus, que se expressa no amor ao próximo. [...] O batismo joanino exige expressão pública de conversão (NERY, 2001, p. 31).

Sendo assim, o batismo dos seguidores de Jesus é uma continuidade do batismo de João, mas ganha um novo significado após a páscoa. “É que após o seu batismo na cruz, o banho batismal, por ele adotado agora para seus seguidores, passa a ter outro sentido” (NERY, 2001, p. 32). Sobre isso, são importantes as palavras do Batista, que o evangelista Lucas transcreve, ao responder o povo que pensava que seria ele o Messias esperado e que a comunidade cristã interpreta a luz da ressurreição.

Como o povo estivesse na expectativa e todos cogitassem em seus corações se João não seria o Cristo, João tomou a palavra e disse a todos: “Eu vos batizo com água, mas vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das sandálias; ele vos batizará com Espírito Santo e com fogo” (Lc 3, 15-16).

O Pe. Antonio Francisco Lelo relata a forma como a comunidade cristã interpretou o novo sentido do batismo a partir da ressurreição, sendo este agora a porta da vida espiritual que: “[...] propicia a primeira participação na morte e ressurreição de Cristo; marca o começo do caminho; constitui o momento inicial de

identificação com Cristo no seu ministério pascal, no qual somos transformados radicalmente” (NUCAP, 2014, p. 66).

O livro dos Atos dos Apóstolos traz três batismos que são referências para o modo cristão de batizar. O primeiro é do etíope eunuco que fora batizado pelo diácono Felipe (At 8, 26-40), o segundo foi o de Saulo, conhecido por Paulo de Tarso, batizado por Ananias (At 9, 1-12; 22,6-21; 26,12-23) e o último o do centurião Cornélio (cf. At 10, 1-11.18), batizado por Pedro. Não se encontra uma referência explícita à iniciação cristã no novo testamento, mas apresentam-se dados significativos para a entrada na comunidade dos discípulos de Jesus.

Tal itinerário conforme Atos e escritos de Paulo, é constituído destes elementos:

- Pregação do Evangelho;
- Acolhida da fé e conversão;
- A catequese, entendida como a “instrução”;
- A verificação das disposições do candidato;
- O batismo como mergulho (inmersión) no mistério pascal de Cristo;
- O dom do Espírito Santo;
- Incorporação ao Povo de Deus;
- Participação no corpo de Cristo (CCD, 2011, p. 20).

Então, no decorrer do primeiro século da era cristã, os passos citados, para alguém receber o batismo, poderiam ser resumidos, para melhor memorização, como um **primeiro momento** de pregação que tinha como finalidade despertar o interesse, a conversão, ou seja, mudança de vida, abandono do passado e um profundo arrependimento dos pecados, como forma de aderir a Cristo e ao seu projeto. **O segundo momento**, a fé, que precisava ser vivida e alimentada pela catequese, momento da instrução. **O terceiro momento**, que era o retiro quaresmal, deveria ser vivido com o objetivo último do amadurecimento da experiência de fé e despertar da consciência para as reais consequências de aderir a Cristo e culminava com a celebração dos sacramentos de iniciação cristã na grande vigília do sábado santo. **O quarto momento** era a catequese pós batismal conhecida como tempo mistagógico que poderia ser durante todo o tempo pascal, ou seja, até o pentecostes, que servia para explicar os ritos vividos pelos neo batizados durante a celebração da vigília pascal em que os mesmos receberam os três sacramentos de iniciação cristã. Com isso, fica claro que aqueles que eram batizados não eram somente depois de uma pregação empolgante de um dos apóstolos, mas de uma vivência madura da fé e,

para isso, percorriam um caminho, um itinerário mínimo. Este itinerário se consolida a partir do segundo século.

Mesmo chamado por Deus e desejoso de pertencer a Cristo, o convertido não era admitido sem mais nem menos no seio da Igreja. Já ia longe o tempo em que um único discurso pronunciado por um Apóstolo bastava para verter a água do batismo sobre multidões entusiasmada. À medida que cresce, a cristandade vai-se tornando prudente e impõe aos que a procuram um período de iniciação, de catecumenato, e aquela disciplina de aprendizagem que, lentamente elaborada durante os cento e cinquenta primeiros anos, tomará a partir do fim do século II determinadas características fixas, que se conservarão até a Idade Média (ROPS, 1988, p. 203).

Neste segundo século, o número de convertidos aumentou, mas também proporcionalmente aumentaram os problemas, pois muitos batizados se deixavam levar por heresias⁹ que começaram a aparecer como desvios na maneira de interpretar e viver o discipulado de seu mestre que é Cristo. Outros ficavam com medo das perseguições existentes.

[...] Diante dos ensinamentos do Padre Ário, que negava a divindade de Cristo, convoca todos os Bispos para um concílio ecumênico, em 325, na cidade de Nicéia. No final da grande assembleia decide-se pela condenação da doutrina ensinada por Ário e formula o *Credo Nicéia*, como síntese da verdadeira fé (NERY, 2001, p. 60).

1.4. Perseguições romanas

A perseguição aos cristãos, que começaram a ser levados à arena para que fossem amarrados e devorados por feras famintas, assassinados em plena rua ou torturados cruelmente para divertimento do povo, foi uma prática que marcou, decisivamente, os primeiros tempos do cristianismo. Observa Rops: “De 64 a 314, não se passará um único dia sem que pese sobre uma alma fiel a ameaça de um fim terrível, contar-se-ão aproximadamente tantos anos sangrentos como anos de calmaria espalhados no meio daqueles” (ROPS, 1988, p. 155).

9 Heresia [...] Absolutização de um aspecto da verdade cristã em detrimento da totalidade do restante ou recusa de um dado essencial da fé, como a negação da divindade de Jesus, o desprezo pelo mundo e pelas coisas deste mundo, a existência de dois deuses: o do mal e o do bem etc. (NERY, 2001, p. 38-39),

Na visão romana os cristãos infringiam leis que iam de encontro às normas da sociedade. “Os cristãos incorriam no crime de lesa-majestade e de sacrilégio, a partir do momento em que, no seu coração, repudiavam os deuses do império e, [...] fugiam ao culto de ‘Roma e Augusto’” (ROPS, 1988, p. 160). Essas perseguições não eram igualmente estabelecidas para todo o império, mas a grande maioria ficava localizada em Roma e em localidades próximas. É importante observar que não se fará uma análise aprofundada, situando historicamente e pontuando as ações de todos que assumiram o império e praticaram perseguição ao cristianismo nascente, mas a título de ilustração, alguns exemplos serão trazidos para facilitar o entendimento daquele contexto em que as comunidades cristãs, sendo minoria, estavam inseridas e desafiadas a resistirem às formas de sofrimento que lhes foram aplicadas. Mas seria a imputação dos crimes pelos romanos aos cristãos, citados anteriormente, ou teriam outros motivos pelos quais a vivência cristã incomodava a sociedade romana? Segundo Luiz Alves de Lima a fundamentação para perseguir os cristãos seria por que

[...] Os cristãos eram considerados por muitos como obstáculos para a sociedade cujos parâmetros muitas vezes entravam em choque com a doutrina evangélica. Eles viviam a fé não somente internamente, espiritualmente, mas também na vida, contestando atitudes e princípios pagãos, por isso eram chamados de subversivos e, conseqüentemente, perseguidos (LIMA, 2016, p. 22).

Nero no ano de 64 d.C., para sufocar os rumores do incêndio que destruiu parte da cidade de Roma, declarou serem os cristãos culpados e, para que pagassem pelo crime, infligiu lhes vários tormentos, até o de os revestir de peles de animais para que fossem dilacerados pelos cães ou pendurados em cruzes e banhados por materiais inflamáveis para à noite iluminar como archotes. Já no reinado de Domiciano (81-96 d.C.), as perseguições tiveram início nos últimos quatro anos que esteve à frente do império. Neste tempo os cristãos foram espoliados e executados por ateísmo, pois se recusavam a participar dos cultos tradicionais. As comunidades cristãs viram-se obrigadas, diante da perseguição implacável, a se reunirem para os cultos nos cemitérios subterrâneos, conhecidos por catacumbas¹⁰, e as celebrações e rituais eram iluminados a lâmpadas de azeite.

10 Catacumbas são cemitérios, gigantescos [...], onde gerações de cristãos enterraram seus mortos. Se as de Roma são as mais relevantes, encontramos-las também em Nápoles, na Sicília – principalmente em Siracusa –, na Toscana, na África [...], no Egito e até na Ásia Menor. Em Roma, as

A imensidão destes cemitérios, a disposição de certas salas subterrâneas mais vastas e os símbolos sobre as paredes sugerem a ideia de que tenham sido não só local onde os vivos depositavam os mortos, mas também verdadeiros lugares de culto. [...] Podemos ter por certo que os cristãos – seguindo neste ponto os pagãos – ali compareceriam para comemorar os seus defuntos: a veneração dos corpos santificados dos mártires devia atrair numerosos visitantes e provocar orações recitadas em comum. Mas isto não quer dizer que as catacumbas fossem o lugar habitual do culto cristão. Foi só quando se desencadearam as perseguições que os fiéis preferiram reunir-se nas entranhas da terra cristã a fazê-lo nas casas dos cristãos [...] (ROPS, 1988. p. 200).

Mas a prática de combate aos cristãos não era sistemática, por isso nem todos os imperadores perseguiam; existiam tempos de paz que favorecia o crescimento silencioso do número de cristãos dentro da capital Roma, como também nos territórios sobre os domínios do império. Um caso curioso pode ajudar a entender o período. No ano 112, Plínio o Jovem escreve ao imperador Trajano (98-117 d.C.), este encontra-se em missão de pacificação ao território das províncias asiáticas do Ponto e da Bitínia e escreve para o imperador para saber como proceder, haja vista as comunidades cristãs estarem espalhadas por todo o território e era um grande número de homens, mulheres, crianças de todas as classes sociais e idades.

“É o próprio nome de cristão que é punível?” Neste caso, será necessário mandar para a morte não só aqueles que se declaram seguidores dessa doutrina, mas também todos aqueles que se dispõem a renegá-la? E sugere claramente que uma política de clemência, incitando a apostasia, poderia ter muito melhores resultados quanto à paz social e religiosa da província (ROPS, 1988, p. 171).

A resposta do Imperador Trajano a Plínio foi instruindo-o para que não procurasse nenhum cristão, mas aguardasse as denúncias e, se estas fossem comprovadas, deveriam ser punido de forma exemplar. Se o acusado se arrependesse e fizesse as práticas religiosas estabelecidas no império, deveria ser perdoado, mas uma curiosidade a destacar é que segundo Trajano as denúncias, para serem aceitas, deveriam ser assinadas por quem acusava.

Não é possível estabelecer nenhuma regra geral para ser aplicada como padrão fixo em todos os casos dessa natureza. Não deve ser feita nenhuma busca dessas pessoas; quando

mais antigas remontam ao século I: são as “grutas vaticanas” [...]. Foi só a partir de 412, quando os arredores da cidade, devastados por Alarico, já não ofereciam segurança alguma, que as catacumbas deixaram de servir de cemitérios. (ROPS, 1988, p. 198)

forem denunciadas e consideradas culpadas, precisam ser punidas; porém com a restrição que, quando a parte interessada negar que é cristã e provar não ser (isto é, adorar os nossos deuses), será perdoada com base no arrependimento, mesmo que tenha formalmente incorrido em suspeita. Informações sem a assinatura do acusador não devem ser admitidas como prova contra ninguém, pois isso seria abrir um precedente muito perigoso e, de modo algum conforme ao espírito da época (ROPS, 1988, p. 171).

Depois de um período de calmaria deu-se o retorno das perseguições às comunidades quando o imperador Décio publicou um édito, no ano de 250 d.C., que obrigava a todos os habitantes do império a participarem, pessoalmente, de um sacrifício em honra aos deuses pátrios. Este édito surgiu no fim de uma longa época de paz para os cristãos, que já eram bastante numerosos. A legislação de Décio foi agravada pelo imperador seguinte – Valeriano (253-260 d.C.) – por dois éditos que visavam, sobretudo, as cabeças do corpo cristão: Bispo, padres e diáconos. Assim a igreja da África foi praticamente dizimada. Mais um imperador, Diocleciano, faz recair a última grande perseguição, sucedendo-se éditos cada vez mais rigorosos, levando, por um lado, à morte de quantos recusavam o culto ao imperador e, por outro, à demolição de igrejas e à destruição de outros locais de culto, bem como a destruição dos livros sagrados. Esta perseguição foi violenta na Itália, Espanha e África, embora de curta duração, entre 303 e 305 d.C., mas no Oriente ela foi além de violenta, longa – 303 a 313 d.C.

Portanto, diante do difícil quadro exposto onde, por um lado, os cristãos eram açoitados em períodos de forte perseguição por parte do império e, por outro, o desfaio interno de superar as heresias que surgiam e causavam divisões e desembocavam em diversas formas de perseguição. “Pouco depois o próprio imperador (Constantino) se filia ao grupo de Ário, depondo bispos e substituindo-os por outros filiados àquela heresia” (NERY, 2001, p. 60). A comunidade cristã veio sentir a calmaria, quanto a violência romana, depois de todo este tempo adverso, em 313 d. C, com os benefícios do Édito de Milão publicado por Constantino, dando a liberdade de culto a todas as religiões dentro do império romano e depois em 380 d.C., o imperador Teodósio I (378-395), que declara o cristianismo religião oficial do império.

Eu, Constantino Augusto, e, como eu, Licínio Augusto, reunidos felizmente em Milão para discutir todos os problemas relativos à segurança e ao bem público, julgamos de nosso dever

regulamentar, em primeiro lugar, entre outras disposições de natureza a assegurar, segundo nós, o bem da maioria, aquelas sobre as quais repousa o respeito da divindade, isto é, dar aos cristãos, bem como a todos, a liberdade e a possibilidade de seguir a religião de sua escolha, a fim de que tudo o que há de divino na celeste morada possa ser benevolente e propício a nós e a todos aqueles que se acham sob a nossa autoridade (HAMMAN, 2002, p. 86).

Portanto, após o édito de Milão a comunidade encontra-se diante de um novo contexto em que se desperta para o processo de iniciação cristã como forma de admissão à fé, que até então era também com vista a proteger a identidade dos membros e a própria sobrevivência enquanto comunidade que seguia o ressuscitado.

CAPÍTULO II

2. Cirilo de Jerusalém e a iniciação ao mistério

Ao olhar para as fontes mais antigas da tradição eclesiástica, constata-se a existência de uma experiência da iniciação à fé cristã como uma das características da sabedoria patrística. Nas *Catequese Mistagógica*, Cirilo revela sua compreensão de mistagogia como momento interior ao mistério, o qual ele procura explicitar e convidar cada neófito¹¹ a acolher como dom recebido de Deus. A cada passo, o neófito é convidado a experimentar a profunda comunicação de Deus e estabelecer com ele uma relação de proximidade e intimidade que se tornará, processualmente, seu referencial. Essa catequese é realizada por Cirilo logo depois da celebração do batismo que acontecia na vigília pascal e sua finalidade era fazer com que o novo membro da comunidade dos batizados pudesse entender e saborear os ritos vivenciados na mencionada celebração e ainda perceber que, a partir de realidades visíveis havia a ação do invisível, do mistério. Observa-se, portanto, como Cirilo inicia as suas catequese mistagógicas. Sua forma de se dirigir aos neófitos consistia em utilizar uma linguagem simples, muito acolhedora que não podia deixar de partir do mistério pascal em que eles tinham vivenciado a liturgia sacramental como o centro do processo mistagógico. Somente após essa experiência era possível compreender a complexidade do mistério divino.

Desde há muito tempo desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes espirituais e celestes mistérios. Mas como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. Além disso, já estais mais bem preparados para apreender os mistérios todo-divinos que se referem ao divino e vivificante batismo (CIRILO, 1977, I,1).

Ao dirigir suas palavras, Cirilo deixa claro que é conhecedor do processo iniciático, por isso entende que deve proporcionar o amadurecimento a fé cristã e, como um pai experiente, aguardava de maneira ansiosa, a melhor oportunidade para revelar o segredo. Ele fala “como mistagogo, como orientador espiritual que vai levar cada um pela mão, pelo caminho maravilhoso do qual já são participantes” (COSTA,

¹¹ Em língua grega *neo+phytos*, ou seja, novas plantas.

2015, p. 57). É preciso ressaltar que a mistagogia está situada no *corpus* textual da Patrística com vários significados e envolvendo um imenso campo a ser explorado. Vejamos segundo Costa os significados que se pode ter do termo mistagogia.

- como iniciação ao Mistério;
- como instrução nos Mistérios divinos;
- como exposição dos significados da Sagrada Escritura;
- como orientação, guia no caminho misterioso de Deus;
- como o próprio Mistério que se revela;
- como a própria Sagrada Escritura;
- como ação sacramental – Batismo e Eucaristia;
- como celebração dos ritos;
- como o tempo da Páscoa, incluindo o período quaresmal;
- como princípio fundante e dinâmico do sacerdócio;
- como povo de Deus a caminho;
- como Igreja, sacramento de Cristo no mundo (COSTA, 2015, p. 20).

Diante deste amplo leque de possibilidades de definições, é necessário limitar, dentre as opções acima, uma que melhor coadune com os objetivos aqui propostos. Isso não busca tirar a dinâmica forjada pelos Padres da Igreja nos séculos III e IV da era cristã, mas ajudará na especificidade da pesquisa. O conceito de mistagogia que melhor traduz ao núcleo dessa investigação é o entendimento, como último tempo, de que o já batizado frequenta durante a páscoa, junto à comunidade para receber a explicação litúrgico-teológico do que vivenciou na noite do sábado santo em que recebeu os sacramentos de iniciação cristã.

[...] O tempo pascal, tido como tempo da mistagogia dos adultos batizados na vigília pascal [...]. Os textos bíblicos deste tempo, particularmente das missas dominicais, tratam destes sacramentos, da incorporação na Igreja, do alegre anúncio do ressuscitado. É o momento de aprofundar essas realidades para que o recém-batizado possa aquilatar a transformação que aconteceu em seu interior (NUCAP, 2013, p. 28).

A partir dessa definição passa-se a especificar o entendimento do termo mistagogia além do último tempo do processo iniciático, como fora delimitado anteriormente, mas também deve ser entendido como um processo de formação. Além de um tempo específico da iniciação cristã, a mistagogia torna-se um método de reflexão e assimilação dos sacramentos. Dado que, neste período, buscam ajudar os recém-batizados a passarem do pobre sinal visível dos sacramentos ao mistério escondido do qual são portadores da graça. Todo este processo ficou conhecido como iniciação cristã, mas que não era uma característica exclusiva do cristianismo

nascente, e sim uma prática de diversas religiões da época que para aceitar alguém a participar junto aquela comunidade de fé, o candidato era obrigado a mostrar uma mudança na sua vida, ser transformado, se converter.

Eles existem em todas as religiões, pois eles fazem referência a momentos decisivos que o indivíduo não somente nasce, mas também *renasce* ou se inicia em uma nova forma de ser ou de agir. Iniciar-se é morrer para voltar a nascer.

[...]

De modo geral, os ritos de iniciação tentam expressar a passagem a uma nova forma de vida, religiosa e *social* (CROATTO, 2010, p. 360).

Porém, um dado importante é que a iniciação cristã buscou se distanciar das religiões místicas da antiguidade, não querendo ser confundida com elas, pois segundo os padres da época, o cerne do processo iniciático cristão seria outro que distancia das práticas das religiões místicas em que o cristianismo estava em volta.

O termo “iniciação” não aparece antes do século II. São os apologistas que o empregam, em polêmica com os interlocutores pagãos, para defender os ritos cristãos da acusação de imitação das religiões místicas. Refutam toda semelhança de conteúdo e opõem decisivamente a moral cristã à imoralidade das práticas pagãs (GY, P.-M., *apud* LELO, 2005, p. 28).

Percebe-se que, o processo de formação cristã era um entre vários existentes; no entanto, com a peculiaridade de que o cristianismo diferenciava-se dos demais buscando uma transformação radical na vida dos simpatizantes a ingressar na comunidade cristã. A partir deste entendimento pode-se compreender a mistagogia como a última parte do processo de formação, que era a catequese pós batismal, sendo explicado e introduzido dentro do mistério celebrado do batismo, da crisma e da eucaristia, na noite da vigília pascal. Essa seria uma etapa que se limitaria a oitava da páscoa ou se estenderia até pentecostes. Pode-se ver explicitamente tanto nas catequeses de Cirilo de Jerusalém, quanto de Santo Ambrósio de Milão. “Tomaste parte nos sacramentos e tens pleno conhecimento de tudo, uma vez que és batizado em nome da Trindade” (AMBRÓSIO, 1996, p. 30).

Neste sentido, tanto Cirilo de Jerusalém como Ambrósio conheciam perfeitamente todo o processo formativo. Na segunda metade do século III e século IV o processo de iniciação cristã estava sistematizado e, por isso, usam-se expressões: “mais bem preparados”, utilizado por Cirilo de Jerusalém e “tens pleno

conhecimento” que foi de uso de Ambrósio. Tratava-se de um processo que levava mais ou menos três anos de preparação. Nesta última etapa, não eram mais catecúmenos, pois faziam parte da comunidade dos batizados, mas precisavam apreender todo o mistério vivenciado na celebração sacramental da vigília pascal. No quadro abaixo tem todo o processo de iniciação cristã que já era prática a partir da segunda metade do século três.

1º TEMPO PRÉ- CATECUMENATO ou PRIMEIRO ANÚNCIO (<i>querigma</i>)	1a. ETAPA - Rito de Admissão dos Candidatos ao Catecumenato (entrada)	2º TEMPO CATECUMENATO (<i>tempo mais longo de todos</i>)	2a. ETAPA - Preparação para os Sacramentos (eleição)	3º TEMPO PURIFICAÇÃO E ILUMINAÇÃO (<i>quaresma</i>)	3a. ETAPA - Celebração dos sacramentos de Iniciação : Vigília Pascal	4º TEMPO MISTAGOGIA (<i>tempo pascal</i>)
Tempo do acolhimento na comunidade cristã: PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO - Inscrição e colóquio com o catequista - Ritos		Tempo suficientemente longo para: CATEQUESE - Reflexão e Aprofundamento. - Vivência cristã, conversão - Entrosamento com a Igreja. - Ritos		Preparação próxima para Sacramentos: - Escrutínios. - Entregas do Símbolo e da Oração do Senhor CATEQUESE - Práticas Quaresmais -(CF, etc.) - Ritos		Aprofundamento e maior mergulho no mistério cristão, no mistério pascal: - Vivência na comunidade cristã. FIM DO PERÍODO CATECUMENAL. O cristão continua a <u>formação permanente</u> na comunidade, ao longo de toda vida.

*Quadro do processo de Iniciação Cristã formulado no cristianismo entre os séculos II e o IV (CNBB, 2017, p. 58).

O catecumenato é um método compreendido como um aperfeiçoamento do propósito pessoal de conversão, que chegava ao seu ápice, na experiência ritual na celebração da vigília pascal. Tal iniciação desdobrava-se em numerosos ritos e etapas. Em especial, na noite da páscoa, a iniciação chegava ao seu ponto culminante, pois realizava-se o banho batismal (batismo), a unção pós-batismal (crisma) e a primeira participação à ceia eucarística. Todas estas experiências, porém, eram entendidas como uma única e grande unidade denominada *iniciação cristã*.

Os meios para atingir tal finalidade constituem-se em uma série sistematizada e orgânica de ensinamentos (catequeses) e de um conjunto de práticas litúrgicas (imposição das mãos, exorcismos, unções), acompanhadas de um sério exercício de vida cristã, mas para que a catequese-litúrgica pudesse acontecer deveriam os membros da comunidade conhecer a vida do candidato e interrogar suas intenções. O caminho exigente da conversão faria com que as práticas provindas do paganismo

fossem deixadas e por isso, até algumas profissões não eram permitidas ao cristão. Assim se expressa Hipólito de Roma acerca dos que se aproximam da fé: “sejam, também, interrogados sobre sua vida: se tem mulher, se é escravo [...]. Inquirir-se-á também a respeito dos trabalhos e ocupações dos que se apresentam para ser instruídos” (HIPÓLITO, 2004, p. 56-57).

Além da divisão em quatro tempos, como se viu no quadro anterior, pode-se dividir o catecumenato em duas etapas ou preparações: a remota e a imediata. Os que ingressavam na etapa remota, nas igrejas latinas (Ocidente), eram chamados de *auditores*, nas igrejas gregas (Oriente), de *catecúmenos*. Esta preparação remota durava cerca de três anos e era composta de: escuta da escritura, educação ao agir cristão, prática da oração pessoal e comunitária. “Ouçam os catecúmenos a Palavra durante três anos. Se algum deles for atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente o seu caráter – nada mais – será julgado” (HIPÓLITO, 2004, p. 59).

Ao final da preparação remota, os catecúmenos decidiam se passariam à preparação imediata – inscrição para o batismo, ou não. Eram apresentados e interpelados pelo bispo local e, se aprovados, eram considerados *eleitos*, *competentes* ou *batizando*s, dando início a um tempo de provação e de combate espiritual. Em alguns lugares, durante quarenta dias (base do atual tempo da quaresma), e em outros, durante uma semana (base da atual semana santa), recebiam uma imposição de mãos e um exorcismo diário, jejuavam, oravam e escutavam às catequeses presididas pelo bispo. “Desde o momento em que houverem sido separados, seja imposta a mão sobre eles, diariamente, e ao mesmo tempo sejam exorcizados” (HIPÓLITO, 2004, p. 60). O exorcismo era entendido como uma oração para que a maldade, o erro e o pecado fossem retirados da vida do batizando através da ação salvadora de Deus.

Na sexta-feira antes da Páscoa, os batizando s deveriam praticar o jejum. “Jejem os que receberão o Batismo na véspera do sábado” (HIPÓLITO, 2004, p. 61). Estes também deveria fazer vigília durante toda à noite do sábado, escutando leituras bíblicas e instruções. “No sábado, serão eles reunidos em um só local, designado pelo bispo [...] E permanecerão vigilantes durante toda a noite, e se lerá para eles, e serão instruídos” (HIPÓLITO, 2004, p. 61). Em algumas igrejas, acontecia, nesta vigília, a recitação do símbolo da fé, este só era recitado no momento do batismo, seja ainda durante a vigília em que eram instruídos pela palavra ou no momento mesmo do

batismo o eleito deveria demonstrar para a comunidade em que acreditava, qual o fundamento da sua fé e depois ser batizado.

Assim que desce à água o que é batizado, diga-lhe o que batiza, impondo sobre ele a mão: Crês em Deus Pai Todo Poderoso? E o que é batizado, responda: Creio. Imediatamente, com a mão pousada sobre a sua cabeça, batize-o aquele uma vez. E diga, a seguir: Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria, e foi crucificado sob Pôncio Pilatos e morreu e (foi sepultado) e, vivo, ressurgiu dos mortos no terceiro dia, e subiu aos Céus e sentou-se à direita do Pai e há de vir julgar os vivos e os mortos? Quando responder: Creio, será batizado pela segunda vez. E diga novamente: Crês no Espírito Santo, na santa Igreja (e na ressurreição da carne)? Responda o que está sendo batizado: Creio. E seja batizado pela terceira vez (HIPÓLITO, 2004, p. 63).

A menção de Hipólito de Roma em “três batismos” não deve ser entendida em sentido literal, mas sim, como três banhos pelos quais o batizado passava, em analogia à fé trinitária que estava professando. E, na madrugada da páscoa, eram batizados. “Ao cantar do galo, reze-se, primeiro, sobre a água [...]. Os *baptizandi* despirão suas roupas, batizando-se primeiro as crianças [...]. Batizem-se depois os homens e finalmente as mulheres” (HIPÓLITO, 2004, p. 62). Porém, apesar de a *Tradição Apostólica* de Hipólito mencionar a prática do batismo infantil deve ficar claro que esta não era uma prática comum até o século IV. A finalidade do processo iniciático não era para as crianças e sim para adultos que aderiam a comunidade de fé.

Após os três primeiros tempos da iniciação tornavam-se, depois do batismo, *neófitos* e durante a páscoa, por cinquenta dias, seguiam as catequeses mistagógicas que consistiam no comentário dos ritos recebidos e que tinham a intenção de, depois da experiência dos ritos e da graça, dar aos catecúmenos a capacidade de perceber o sentido espiritual dos ritos já realizados. De fato, pela experiência ritual-litúrgico, os neófitos eram convidados a compreender, através de analogias, a profunda interação existente entre o culto e a vida na graça. Portanto, a mistagogia tem como objetivo desenvolver, no interior da alma, por meio da experiência de iniciação aos mistérios, a unidade com Deus. Sendo assim, a tarefa que se impõe é investigar a mistagogia como processo formativo e o seu lugar na fundamentação do cristianismo primitivo. Sendo assim, o interesse de entender um método que ao formar indivíduos para um rito – batismo, crisma e eucaristia – dava a este uma nova identidade, com práticas novas.

Entender a formação da personalidade cristã, a preparação sacramental acaba fazendo parte, por si mesma, da iniciação cristã, porque este trânsito/passagem desenvolve-se pouco a pouco, na medida em que o processo de fé/conversão avança em consonância com a formação integral recebida, e faz com que os hábitos evangélicos se manifestem, na progressiva mudança de mentalidade e costumes, com suas consequências sociais (AMBRÓSIO, 1996, p. 36).

Desta forma, pode-se depreender de que a formação, preparação, iniciação apresentam-se como um processo em que a fé e a conversão caracterizam-se por um progressivo esforço de compreensão, mas, fundamentalmente, de transformação plena da vida.

2.1. As catequese mistagógicas e seus aspectos iniciáticos

É importante o destaque dos elementos essenciais das catequese para compreender o conjunto das argumentações que serão desenvolvidas a partir de então. Cirilo trabalhava com os catecúmenos os artigos do Credo apostólico. A doutrina exposta em seguida é a profissão de fé da comunidade de Jerusalém. Não é possível afirmar ou negar que o texto transcrito é totalmente fiel aos ensinamentos de Cirilo, embora represente sua essência, pois o símbolo não se encontra escrito integralmente nas catequese, uma vez que, Cirilo insistia na manutenção do segredo que os candidatos deveriam manter, não divulgando o que lhes era ensinado, como também, que o valor estava em saber guardá-los, gravando-os na memória.

1. Cremos em um Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.
2. E em um Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, gerado do Pai, Deus verdadeiro, antes de todos os séculos, pelo qual foram feitas todas as coisas.
3. Que veio na carne e se fez homem (da Virgem e do Espírito santo).
4. Foi crucificado e sepultado.
5. Ressuscitou ao terceiro dia.
6. E subiu aos céus e está sentado à direita do Pai.
7. E virá na glória para julgar os vivos e os mortos, cujo reino não terá fim.
8. E em um Espírito Santo, o Paráclito que falou nos profetas.
9. E em um batismo de penitência para remissão dos pecados.
10. E em uma santa católica Igreja.
11. E na ressurreição da carne.
12. E na vida eterna (CIRILO, 1977, p. 19).

Nas catequese mistagógicas, Cirilo não discute questões dogmáticas. Seu trabalho é procurar auxiliar o iniciado, que já é membro da comunidade pelo batismo, a experimentar o ato de fé e a compreendê-lo e, a partir da sua vida, é que o iniciado deveria manifestar o sentido das palavras. O texto acima transcrito é um resumo dos ensinamentos de Cirilo em suas catequese. A importância do mesmo só é possível reconhecer a partir das fontes da fé que ele ensinava baseado na divindade das três pessoas da trindade. Somente nesta perspectiva podemos perceber como ele combatia o arianismo¹² e colocava em prática os ensinamentos do Concílio de Niceia: “Jesus é verdadeiramente Deus e o Espírito Santo, mesmo sendo distinto do Pai e do Filho, goza da mesma divindade” (MENDONÇA, 2010, p. 153). No entanto, Cirilo apresenta não um tratado sobre temas doutrinários, mas sim uma explicação do símbolo apostólico. Nisto ele foi sagaz, porque soube superar o espírito apologético – defesa da fé – e gerou um sistema mistagógico capaz de lançar as bases fundamentais para a conversão do catecúmeno e prepará-lo para o testemunho de uma fé coerente com a tradição da Igreja. “Ele não se preocupa com um princípio, meio e fim, como era costume na apologética. Sua preocupação era propedêutica, ou seja, preparava o ouvinte para um ensinamento mais completo” (MENDONÇA, 2010, p. 154). Na sequência, será visto quantas e quais são as catequese de modo mais detalhado.

2.2. Primeira catequese: aos recém batizados

O mistagogo busca criar uma predisposição aos neófitos para aquilo que eles mais desejam, que é a consciência de que já participam efetivamente do mistério sagrado, por isso faz o convite para que estes abram os ouvidos e possam mergulhar na experiência da revelação¹³.

Ele conclui a acolhida inicial mencionando a função pedagógica das catequese. Ensinar com precisão, por ser “[...] ensinamentos densos e devem ser transmitidos com cuidado, respeitando o processo de abertura dos neófitos ao Mistério revelado” (COSTA, 2015, p. 57).

¹² É importante sublinhar, como insiste Moreschini e Norelli, que Cirilo não usa, em nenhum momento, em suas catequese, a palavra consubstancial, embora esteja presente a noção de divindade do Filho (MORESCHINI E NORELLI, 2000, p. 76).

¹³ Sobre o tema diz Costa que as palavras movidas do coração, pelo desejo, pela emoção de quem partilha um tesouro. Isso leva a comentadora a pensar não se tratar de algo meramente formal, mas da ordem do acolhimento, da afetividade familiar, marcado pelo compartilhamento do mistério (COSTA, 2015, p. 56).

Em continuidade à sua instrução, ainda dentro da primeira catequese, Cirilo utiliza o método já conhecido pelos padres atuais, que é a narrativa bíblica integrando a história pessoal na história da salvação, com isso, faz perceber aos ouvintes que sua história também pode ser redimida por Cristo. Os padres que também lançaram mão deste recurso em suas catequeses foram Ambrósio de Milão, Teodósio de Mopsuéstia, João Crisóstomo e Agostino de Hipona. É um procedimento pedagógico que tem como pensamento fundante a unidade de toda a história da salvação, ou seja, parte da analogia de dois acontecimentos em que após uma leitura atenta eles se iluminam e se ilustram mutuamente. A partir deste pensamento pode-se entender que não se faz a leitura do novo testamento sem considerar o antigo, pois este é figura daquele. Aqui, fica evidente a fundamentação bíblica para as catequeses mistagógicas e, no processo iniciático de amadurecimento do neófito, é básico que este tenha conhecimento e uma vivência orante com a sagrada escritura.

Com toda esta lógica de ressignificação da vida, as catequeses de Cirilo se transformaram também em teologia porque traziam na sua raiz a Tradição cristã e as verdades da fé nas formas de imagem e comparações. Um método novo na época e de grande atualidade, porque hoje somos muito mais movidos pela imagem da lógica tecnológica do que pela abstração (MENDONÇA, 2010, p. 154).

Ver-se como, dentro dos ensinamentos, o bispo-catequista Cirilo, ou melhor, o mistagogo, que busca utilizar o método mencionado e difundido entre os contemporâneos.

[...] É preciso que saibais que a história antiga há uma figura deste gesto. Quando o faraó, o mais inumano e cruel tirano, oprimia o povo livre e nobre dos hebreus, Deus enviou Moisés a tirá-los desta penosa escravidão dos egípcios. [...] Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acabrunhados pelo pecado (CIRILO, 1977, I, 2-3).

Trata-se, neste texto, de utilizar uma figura de comparação entre o que fora revelado no primeiro testamento e o que agora o cristão vive a partir de Jesus Cristo. É importante a nossa atenção para a simbologia antiga, que é recuperada em função da pessoa de Jesus, que se torna, na ótica do mistagogo a verdade constitutiva do ser e do agir dos cristãos. Desta forma também é possível fundamentar a dimensão pascal do batismo. A compreensão que ele tem do batismo é clara e direta. Este

sacramento, o cristão assume uma nova realidade e é revestido de Cristo: “Nós nos tornamos uma coisa só com ele por uma morte semelhante à sua” (Rm 6,5). Pela liturgia sacramental o cristão se torna o que recebe.

É a liturgia que ilumina a compreensão da dinâmica pascal prefigurada no Antigo Testamento e experimentada eficazmente no sacramento do Batismo. A passagem do “antigo” ao “novo” demarca a compreensão de mudança radical de vida, no sentido de um novo eixo orientador, no qual Cristo reorienta toda a vida, tornando-a “nova”, re-criada, nascida de novo, pela imersão batismal (COSTA, 2015, p. 59).

Cirilo, por sua sensibilidade de comunicador, sabia fazer o jogo das palavras e das contradições a partir da capacidade de compreensão dos ouvintes, por isso usava com os neófitos as imagens contrastantes do Ocidente *versus* Oriente, de Moisés e Jesus Cristo. O Oriente simboliza o lugar do nascer do sol, ou seja, Jesus Cristo, enquanto o Ocidente é o lugar das trevas e do pecado. Sua metodologia tornava-se atrativa aos ouvintes ao recorrer às contradições como forma de ensinamento. Desta forma Cirilo resolve um problema que inquietava outros catequistas. O diácono Deogratias, no ano de 450, ao escrever para Santo Agostinho questionava como conduzir o ensinamento sem que o mesmo se tornasse enfadonho. Ao utilizar esta metodologia ele desce à língua dos ouvintes sem se perder nos pormenores nem desprezar outros que tenham um maior nível de conhecimento.

Entretanto, ouves com a mão direita estendida, e dizes como a um presente: “Eu renuncio a ti, satanás”. Quero também falar-vos porque estais voltados para o Ocidente, pois é necessário. O Ocidente é o lugar das trevas visíveis e, como aquele é trevas, tem o seu poder nas trevas. Por essa razão, simbolicamente olhais para o Ocidente e renunciais a este príncipe tenebroso e sombrio. [...] Em seguida, numa fórmula, és ensinado a dizer: “E a todas as tuas obras”. Obras de satanás são todos os pecados, aos quais é necessário renunciar [...]. Todo gênero do pecado, está incluído nas obras do diabo. [...] Renunciais, pois às obras de satanás, isto é, a todas as ações e pensamentos contrários à promessa (CIRILO, 1977, I, 4-5).

A renúncia a satanás e a todas as suas obras tem início com um gesto e continua com o pronunciamento em alta voz diante da comunidade indicando que o compromisso ali assumido é livre, portanto, é responsabilidade exclusiva de quem assume. Não poderia acontecer o rito batismal sem que o candidato expressasse perante os presentes de maneira livre a renúncia às obras malignas e seu compromisso de mudança. No momento do batismo, o iniciado recebia-o voltado para

o Ocidente como símbolo de quem renunciava o demônio e todas as suas obras. Existe um espaço que divide o que antes era mau e o que agora é santo. Talvez, isto se apresente de forma mais evidente na contradição entre as figuras de Moisés e Jesus. Sobre esse aspecto nos diz Mendonça:

Sem forçar o texto de Cirilo, é possível dizer que ele instaura uma nova racionalidade comunicacional da catequese. Eis exatamente a novidade mistagógica que forma o imaginário religioso do neófito. Se, por um lado, a racionalidade patrística era apologética, em Cirilo ela se torna ritual-gesto e contraste. Ou seja, o cristão sente nos ritos e nos gestos o significado de Jesus Cristo como o salvador, pois nele tudo se torna presença visível, mantendo, no entanto, o mistério (MENDONÇA, 2010, p. 155).

Apesar da linguagem simples e cuidadosa que Cirilo emprega durante toda a catequese, isso não o faz deixar de mencionar diretamente os hábitos e costumes que afastam o indivíduo de sua opção cristã e, uma vez longe, pode perder os fundamentos que o tornam um cristão no campo da moral e da religião. Portanto, o que se vê é o emprego de uma metodologia pedagógica para aconselhar os neobatizados quanto a estes hábitos e costumes que podem afastá-los do processo de mudança. O que se vê é, em seu ensinamento, a forma habilidosa de fazer comparações e, nessas, Cirilo fundamenta a reflexão sobre os hábitos que deveriam ser abandonados da prática dos neófitos, ressaltando a eucaristia e o papel dos lugares santos frente aos hábitos tidos como impuros. Ou seja, da mesma maneira que existe a transubstanciação o pão e o vinho não são mais o que aparentam ser, os alimentos que são ofertados em algumas situações tornam-se evocações de Satanás e ao cristão isto não é permitido. Como também não é a prática de adivinhação, magias, jogos de azar, ser soldado romano, ter mais de uma mulher, exercer certos trabalhos e agir fora de suas crenças. Por isso, este processo exigente afetava a vida social do cristão. Ele não é somente mais um na sociedade, mas deveria se comportar segundo a sua nova vida recebida no batismo. E para isso deveria fugir das tentações armadas pelo maligno.

Pompa do diabo é a mania do teatro, das corridas de cavalo, da caça e de toda vaidade desta espécie. Dela pede o santo para ser livrado, dizendo a Deus: “Não permitas que meus olhos vejam a vaidade”. [...] Assim como o pão e o vinho da Eucaristia, antes da santa epiclese da adorável trindade, eram simplesmente pão e vinho, mas depois da epiclese o pão se torna corpo de Cristo, e o vinho, sangue de Cristo, da mesma

maneira, estes alimentos que pertencem à pompa de satanás, por sua própria natureza simples, tornam-se pela invocação dos demônios, impuros. [...]

Culto do diabo é a prece feita nos templos dos ídolos, tudo que se faz em honra dos simulacros inanimados. [...] Não vá atrás destas coisas. Augúrios, adivinhação, agouros, amuletos, inscrições em lâminas, magias e outras artes más são culto do diabo. Foge, portanto, de tudo isso. Se a eles sucumbes, depois de teres renunciado a satanás e aderido a Cristo, experimentarás um tirano mais cruel. Aquele que antes te tratou talvez como familiar e te libertou da dura escravidão, agora está fortemente irritado contra ti. De Cristo serás privado e experimentarás aquele. [...] Cuida, pois, de ti mesmo e não te voltes novamente para trás, depois de teres posto a mão no arado, para a prática amarga da vida. Foge antes para a montanha, para junto de Jesus Cristo, a pedra talhada não por mãos e que encheu a terra (CIRILO, 1977, I, 6-8).

A catequese ainda aponta para algo essencial na vida cristã que é a perseverança. O olhar do cristão deve ser sempre para o horizonte e nunca para trás como renúncia e entrega a Cristo. Somente o senhorio de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, na vida pessoal traria a vitória sobre o mal e sobre as tentações.

Não é por casualidade que o encerramento da primeira catequese rememora a profissão de fé, que é um compromisso firmado livremente, como sinal de adesão; compromisso e testemunho daqueles que saíram vitoriosos após a renúncia ao diabo e todas as suas obras. Também faz uma recordação dos ensinamentos trabalhados, tendo em vista a preparação para os sacramentos de Iniciação Cristã¹⁴. Cirilo também deixou para o final o tema da vigilância, que consiste em uma atitude de prontidão permanente do cristão diante das tentações e de toda forma de mal. Conforme Costa: “Mais uma vez Cirilo pede atenção às manobras presentes no cotidiano, que podem conduzir o neófito para longe do projeto salvífico” (COSTA, 2015, p. 64). Por isso, ele aborda, mais uma vez, a figura comparativa entre o homem velho que se renova e torna-se novo em Jesus Cristo. Estamos diante do simbólico desnudamento, pela conversão, das vestes velhas em função da nova vivência espiritual assumida. Ao concluir, ele deixa as indicações para a continuação do caminho mistagógico, quando utiliza a recordação do templo judeu com a entrada anual no Santo dos Santos, ou seja, os novos ensinamentos irão ajudar na compreensão do mistério a partir da liturgia sacramental.

¹⁴ Rosemary Fernandes da Costa observa o papel da profissão de fé trinitária, centrada no Batismo, como “síntese apresentada, o querigma-pascal-trinitário, que nos traz a fé professada desde as primeiras comunidades”. (COSTA, 2015, p. 63).

Então, te foi ordenado que disseses: “Creio no Pai e no Filho e no Espírito Santo e no único batismo de penitência”. Disto vos falamos extensamente, nas catequeses anteriores, como no-lo permitiu a graça de Deus. [...]

Fortalecido por estas palavras, vigiai. Pois nosso adversário, o diabo, como foi lido, anda ao redor, buscando a quem devorar. Deveras, nos tempos anteriores a este, a morte devorava, poderosa. Depois do batismo sagrado da regeneração, Deus enxugou toda lágrima de todas as faces.

Com efeito, já não choras por teres te despedido do velho homem, mas estás em festa porque te revestiste com a vestimenta da salvação, Jesus Cristo.

Tudo isso se realizou no edifício exterior. Se aprouver a Deus, quando nas Catequeses Mistagógicas seguintes entrarmos no Santo dos Santos, conheceremos, então, os símbolos das coisas que lá se realizam (CIRILO, 1977, I,9-11).

Neste sentido, salvação como renovação na graça do mistério de Cristo implica na morte, no sentido de nascimento, de um velho homem que se faz, pelo batismo, novo em sua carne e em sua alma.

2.3. Segunda catequese: o batismo

Ao iniciar a segunda catequese, Cirilo aprofunda a linguagem figurativa e faz criar algumas outras imagens. Estas chamam a atenção sobre os efeitos que o rito e os gestos do batismo causavam na vida do neófito: despojamento das vestes do velho homem (nudez); a unção (exorcismo); imersão na água (morte e sepultamento); a adoção de filhos pelo Pai. Somente depois de vivenciar o rito litúrgico é que o cristão toma consciência do que aconteceu consigo. Nessa perspectiva, Costa aponta para o processo de memorização ritualístico que poderia ser dividido em três etapas: “o momento do despojamento das vestes, a unção do corpo, a recepção da nova veste e a imersão na piscina batismal” (COSTA, 2015, p. 65).

Essas etapas constituem o rito batismal, representam os frutos gerados do batismo: a remissão dos pecados, adoção filial e a participação na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Cirilo não compreende o batismo somente como regeneração, mas como renascimento espiritual e mudança integral do indivíduo.

Convém ressaltar que, a base da fundamentação bíblica de Cirilo é a carta de São Paulo aos Romanos, contudo ele não se detém em citações, mas cria uma imagem do despojamento do velho homem, continuação da catequese anterior, pois naquele tempo os neófitos eram revestidos com novas roupas para entrarem na piscina que simbolizava o túmulo, o sepultamento. “Sua referência principal é o Cristo,

nu sobre a cruz, como sinal visível do novo Adão, primeiro homem, imagem e semelhança de Deus, que antes do pecado, não tinha por que se envergonhar de sua nudez” (COSTA, 2015, p. 64).

Logo que entrastes, despistes a túnica. E isso era imagem do despojamento do velho homem com suas obras. Despídos, estáveis, nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz. [...] Oxalá a alma, uma vez despojada do homem velho corrompido, jamais torne a vesti-lo. [...] Em verdade éreis imagem do primeiro homem, Adão, que no paraíso andava nu e não se envergonhava (CIRILO, 1977, II, 2).

Assim o neófito, despido de suas vestes, é igual ao primeiro homem, que contempla diante de si e possui a graça do paraíso renascido nas águas do batismo. A nudez neste contexto evoca a entrega, o desapego, a renúncia, o esvaziar-se de si, de suas pretensões e enfim, o despir-se do homem velho que marcara a vida do neobatizado até o momento único do batismo. Após o ritual das vestes, o neófito era ungido. A unção era exatamente em um corpo adormecido para o pecado que, ao ser ungido, ressurgia para a vida nova. Por fim, a unção prepara aquele que será batizado para o embate contra as tentações e o reveste ao longo da vida para toda a mentalidade oposta a Cristo. “A coragem, a resistência e a proteção, impetradas na oração, são significadas pela unção pré-batismal [...]” (NUCAP, 2013, p. 60)¹⁵.

Depois de despido, fostes ungidos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. [...] Com a insuflação dos santos e invocação do nome de Deus, qual chama impetuosa, queimam e expelem os demônios, assim este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma força que, queimando, não só apaga os vestígios do pecado, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno (CIRILO, 1977, II,3).

Dessa forma o momento da unção era acompanhado pela comunidade presente com orações e pedidos dirigidos aos santos – o que, no rito atual, corresponde às preces comunitárias e à ladainha de todos os santos. É interessante observar a importância dada a este momento dentro do ritual no qual é evocado a força da oração de toda a comunidade de batizados e intercessão dos santos, sinal de unidade.

O ritual do batismo continua com a imersão do eleito por três vezes na piscina.

¹⁵ Citaremos no formato NUCAP o documento intitulado: Núcleo de Catequese Paulinas.

Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi perguntando se cria o nome do Pai e do filho e do Espírito Santo. E fizestes a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o sepulcro de três dias de Cristo. [...] No mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe (CIRILO, 1977, II,4).

Percebe-se, portanto que quando Cirilo menciona, fostes conduzidos pela mão, “identifica esse momento com a morte de Jesus e seu sepultamento. É a igreja, na pessoa do ministro, quem pergunta a profissão de fé, e conduz cada neófito a assumir livremente esse compromisso” (COSTA, 2015, p. 66). É a temática do sepulcro de Cristo, com alusão a sua morte e ressurreição para uma nova vida que é trabalhada de maneira simbólica no rito batismal com a imersão, por três vezes na água, pois é símbolo dos três dias em que Cristo passou no sepulcro antes da ressurreição. Logo, parte daí a compreensão do batismo com sua relação direta com o mistério pascal. Já a água batismal adquire um novo significado dentro do ritual do batismo. Ela passa a conter a graça do banho regenerador “O banho com água unido a Palavra (Ef 5,26) lava a pessoa de toda a culpa, tanto original como pessoal, e a torna ‘participante da natureza divina’ (2Pd 1,4) e da ‘adoção de filhos’ (Rm 8,15; Gl 4,5)” (NUCAP, 2013, p. 78). Em continuidade litúrgico-sacramental, Cirilo faz memória das passagens bíblicas em que está retratada, em figura, o mistério pascal, ou seja, no antigo testamento tem a água que purifica e salva no dilúvio e o êxodo com a libertação do povo escravo dos egípcios. Utilizando-se da linguagem comparativa Cirilo completa:

E o que Salomão disse em outras circunstâncias, sem dúvida, pode ser adaptado a vós: “Há tempo para nascer, e tempo para morrer”. Mas para vós foi o inverso: tempo para morrer, e tempo para nascer. Um só tempo produziu ambos os efeitos e o vosso nascimento ocorre com vossa morte (CIRILO, 1977, II,4).

O ensinamento catequético-mistagógico faz referência a diversos momentos do primado de Cristo, pois na dinâmica sacramental o neófito participa da morte e ressurreição do Senhor, não em imagem, mas em verdade, uma vez que, ganhou a salvação. É sintomática a exclamação: “Oh! Amor sem medida!” em que Cirilo procura expressar sua convicção, que deve ser a mesma de seus ouvintes, do amor de Cristo pela humanidade. Sua entrega radical por amor é portadora de salvação a todos que viverem a partir desta entrega, como herdeiros na filiação, trazida pelo batismo. Aqui

está a fundamentação do pensamento de Cirilo que é a cristologia que alicerça toda a catequese. É importante compreender:

Oh! fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e padeceu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação a salvação (CIRILO, 1977, II,5).

Desta forma, por conhecer os erros de interpretação dos frutos batismais em seu tempo, decorrente das disputas teológicas, o bispo se preocupa em fundamentar biblicamente as diferenças do batismo pregado e praticado por João Batista, que é um batismo de penitência e o batismo em Jesus Cristo. O batismo cristão é entendido pela comunidade e trabalhado pela catequese mistagógica como local “onde somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus, tornamo-nos membros de Cristo, somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão” (CIC, 1997, n. 1213). Assim, Cirilo faz uma retomada dos ensinamentos já realizados e traz uma síntese para melhor entendimento dos efeitos do batismo. Efeitos estes, sentidos a partir da experiência mistagógica na qual os novos membros eclesiais estão mergulhados:

Ninguém, pois, creia que o batismo só obtém a remissão dos pecados, como o batismo de João só conferia o perdão dos pecados. Também nos concede a graça da adoção de filhos. Mas nós sabemos, com precisão, que, como é purificação dos pecados e prodigalizador do dom do Espírito Santo, é também figura da Paixão de Cristo (CIRILO, 1977, II, 6).

O texto abaixo discorre sobre a atenção que Cirilo tem com os conceitos de semelhança e de realidade. A expressão que ele utiliza: “fixa a mente” e exige de todos que compõem a comunidade uma atenção redobrada, porque, tudo que foi ensinado, se não bem compreendido pelos seus membros, compromete a interpretação e a vivência da experiência sacramental do batismo. E termina este trecho da catequese com uma frase que sintetiza, ao mesmo tempo em que leva a vislumbrar a revelação.

Para que aprendêssemos que tudo o que Cristo tomou sobre si foi por nós e pela nossa salvação, tudo sofrendo em verdade e não em aparência e para que nos tornássemos participantes dos seus sofrimentos, exclama veementemente Paulo: “Se fomos plantados com Ele pela semelhança de sua morte, também o seremos pela semelhança de sua ressurreição”. [...] Fixa a mente com toda a atenção nas palavras do Apóstolo. Não disse: fomos plantados com Ele pela morte, mas semelhança da morte. Devera, houve em Cristo uma morte real, pois a alma se separou do corpo. Houve verdadeiramente sepultamento, pois o corpo sagrado foi envolvido em lençol limpo e foi verdadeiro tudo o que nele ocorreu. Para nós há a semelhança da morte e dos sofrimentos. Quando se trata da salvação, porém não é semelhança, e sim realidade (CIRILO, 1977, II,7).

Cirilo faz a conclusão da segunda catequese intimando os ouvintes a serem perseverantes nesse novo caminho por eles abraçado livremente. O método para continuarem firmes consiste em fixar a memória em tudo que está sendo revelado pois, acima de tudo, é transmissão de conhecimento revelado. A temática da conservação da “tradição” e de sua transmissão sempre foi preciosa para a igreja desde os seus inícios. Por isso, é um compromisso inerente àqueles, que participam da comunidade dos batizados, fazendo-se testemunhas da vida renovada e, levando a palavra a todos os que necessitam ouvir falar do Senhor. É a continuidade da missão dos apóstolos.

Todas essas coisas foram ensinadas suficientemente: retende tudo em vossa memória, rogo-vos, para que eu, ainda que indigno, possa dizer-vos: “Amo-vos porque sempre lembrais de mim e conservais as tradições que vos transmiti”. Ademais, poderoso é Deus que de mortos vos fez vivos, para conceder-vos que andeis em novidade de vida. A ele a glória e o poder, agora e pelos séculos. Amém (CIRILO, 1977, II,8).

2.4. Terceira catequese: a crisma

O cristão batizado e ungido com o óleo da crisma se torna Cristo, quer dizer, a presença de Cristo ressuscitado no meio da sociedade. Não se poderia pensar em um cristão que fosse indiferente ao contexto social em que vivia, pois a localização geográfica e o contexto social era imprescindível para a evangelização, isto fruto de uma concepção em que o cristão evangeliza e transforma o mundo com o seu

exemplo. Uma imagem muito forte presente na mistagogia de Cirilo e compartilhado por outros autores como, por exemplo, Diogneto, encontra-se em uma carta que diz¹⁶:

Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. [...] Vivem na própria pátria, mas como forasteiros [...]. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. [...] Estão na carne, mas não vivem segundo a carne. [...] Obedecem às leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos. [...] São pobres, e enriquecem a muitos. [...] São amaldiçoados, [...] e bendizem [...]

(DIOGNETO, 1995, p. 22-23).

O bispo de Jerusalém dedica esta terceira catequese ao sacramento da crisma. Como até hoje se mantém para aqueles que se batizam adultos, ele é recebido logo depois do batismo, na sequência da mesma celebração. Como a teologia paulina, já desenvolvida em outras catequeses, alicerça os pressupostos do nível de conhecimento e amadurecimento adquiridos pelos neófitos, ele não se alonga em trabalhar a temática da configuração em Cristo que o sacramento da Crisma realiza naquele que recebe. “Ungidos pela crisma, são ‘critîn’, participam na dignidade de imagem do próprio Cristo e estão sob as bênçãos do Pai, que cuida de ‘seus consagrados’, de ‘seus ungidos’” (COSTA, 2015, p. 73). Aparece também, a esta altura do seu ensinamento, o termo “imagem”, que também não recebe uma explicação por ter sido mencionada e aprofundada em catequese anterior.

Batizados em Cristo e dele revestidos, vos tornastes conforme ao filho de Deus. Em verdade, Deus, predestinando-nos à adoção de filhos, nos fez conformes ao corpo glorioso de Cristo. Feitos, pois, partícipes de Cristo, não sem razão, sois chamados cristos e é de vós que Deus disse: “Não toqueis os meus cristos”. Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo (CIRILO, 1977, III,1).

Como maneira de preparar os ouvintes para algo essencial a todos os batizados, Cirilo aborda o tema da missão, vocação e dom. Estes aspectos fazem parte agora da vida deles também, e devem ser colocados à disposição da

¹⁶ Diogneto, um pagão, escreveu um pequeno livro narrando a vida cotidiana dos cristãos. O texto mostra a intrigante vida cristã imersa no contexto pagão, mas com uma mensagem nova não escrita em belas doutrinas e sim na vida. Talvez seja do século II. No entanto, existem controvérsias sobre a origem do texto e sua data, muito embora o conteúdo não perca sua essência. Talvez Cirilo tenha conhecido o texto, porém não se pode comprovar.

comunidade cristã em que foram inseridos com a perspectiva de evangelizar a quem precisa, como antes tinham sido evangelizados por outros membros da mesma comunidade. Esclarece que quem ungiu foi um sacerdote no momento da celebração da vida nova, o batismo, mas Jesus foi também ungido por seu Pai, como primeiro enviado em missão. Pois, a vida missionária é inerente a unção.

[...] Também a vós, ao sairdes das águas sagradas da piscina, se concede a unção, figura daquele com que Cristo foi ungido. Refiro-me ao Espírito Santo, do qual o bem-aventurado Isaías, na profecia a respeito dele, na pessoa do Senhor: “O Espírito do Senhor repousa sobre mim, pelo que me ungiu; enviou-me para levar a boa-nova aos pobres” (CIRILO, 1977, III,1).

Seguindo o entendimento dos padres contemporâneos, Cirilo traz no texto seguinte a concepção cristológica. Mais uma vez é uma resposta que partiu de uma longa reflexão, por isso mesmo madura, contra às heresias cristológicas daqueles que divergiam em pensamento teológico. “Sem tocar nas questões heréticas, Cirilo deixa evidente a comunhão trinitária e o cristocentrismo do projeto salvífico” (COSTA, 2015, p. 74). Também, aparece a concepção do dom da alegria espiritual como sinônimo da unção no Espírito, mas fundamentada na noção de participantes e companheiros da missão do próprio Cristo. A unção era um rito sagrado para os israelitas. Ungiam-se os sacerdotes, os profetas e os reis. Como sinal de consagração, o óleo está sempre associado à ação do Espírito Santo, que elege a pessoa para a missão, a mesma que seu mestre Jesus.

Na verdade, Cristo não foi ungido com óleo ou unguento material por um homem. Mas foi o Pai que, estabelecendo-o com antecedência como Salvador de todo o universo, o ungiu com Espírito Santo, conforme diz Pedro: “Jesus de Nazaré, a quem Deus ungiu com o Espírito Santo”. E o profeta Davi exclamou: “Teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; centro de retidão, o centro de tua beleza. Amaste a justiça e por isso te ungiu Deus, teu Deus, com o óleo da alegria, mais que teus companheiros”.

[...] Ele foi ungido com óleo espiritual da alegria, isto é, com o Espírito Santo, chamando óleo de alegria, por ser causa da alegria espiritual. Vós fostes ungidos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo (CIRILO, 1977, III,2).

O rito da unção sacramental é descrito por Cirilo sempre em relação com a dimensão mistagógica e com habilidade cuidadosa para manter unidas liturgia e catequese, pois ambas se complementam e não poderiam ser percebidas de maneira nenhuma dissociadas.

Partindo do embasamento bíblico, Cirilo tem o cuidado de alinhar os textos sagrados com os ritos que os neófitos receberam durante todo o processo de preparação até receber o batismo:

E primeiro sois ungidos na frente, para serdes libertados da vergonha que o primeiro homem transgressor levou por toda parte e para que, de face descoberta, contempleis a glória do Senhor. Depois nos ouvidos, para terdes ouvidos conforme disse Isaías: “E o Senhor me deu um ouvido para ouvir”, e o Senhor no Evangelho: “Quem tem ouvidos para ouvir que ouça”. Em seguida nas narinas, para que, ao receberdes este divino unguento, possais dizer: “Somos para Deus, entre os que se salvam, o bom odor de Cristo”. Depois no peito, a fim de que, “tendo revestido a couraça da justiça, resistais aos artifícios do diabo”. Como na verdade o Salvador, após seu batismo e a descida do Espírito Santo, saiu a combater o adversário, assim também vós, depois do santo batismo e da mística unção, revestidos da armadura do Espírito Santo, resistis à força inimiga e a venceis dizendo: “Tudo posso naquele que me conforta, Cristo” (CIRILO, 1977, III,4).

Ao concluir esta catequese pela primeira vez, Cirilo faz menção à Igreja como corpo visível, apesar de transcorrido todo o tempo de preparação no ambiente eclesial. Igreja como símbolo de um processo iniciático em que a elevação é parte constitutiva de uma linguagem simbólica que tem como fundamento seu caráter pedagógico. Por ser o “lugar” propício para o encontro com Deus Pai é fonte de participação nas bem aventuranças decorrentes da salvação.

Foi isto que desde tempos antigos o santo Isaías profetizou, dizendo: “E preparará o Senhor para todos os povos nesta montanha”. Por montanha ele designa a Igreja, como outras vezes quando diz: “E nos últimos dias será visível a montanha do Senhor”; “Beberão vinho, beberão a alegria, serão ungidos de unguento”. E para que mais te assegures, ouve o que diz sobre este unguento em sentido místico: “Transmite tudo isso às nações, pois o desígnio do Senhor se estende sobre todos os povos”. Assim, pois, ungidos com este santo crisma, guardai-o sem mancha e irrepreensível em vós, progredindo em boas obras e tornando-vos agradáveis ao autor de nossa salvação, Cristo Jesus, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém (CIRILO, 1977, III,7).

Aqui, é preciso entendimento ao relacionar as exortações que o próprio Cirilo identifica ao se dirigir aos neófitos. Isso é fruto do caminho mistagógico que o catequista procurou percorrer com seus ensinamentos para a experiência do mistério. Assim, as ações verbais só serão entendidas se forem relacionadas ao processo que

partiu de um convite, mas em contrapartida, houve uma resposta livre e aberta à dinâmica da revelação de Deus em Jesus Cristo, fundamentada na sede que cada indivíduo traz ao fazer a experiência com o mistério trinitário, isso é, o caminho mistagógico.

2.5. Quarta catequese: significado do corpo e sangue de Cristo

Esta quarta catequese, por sua vez, é dedicada ao significado do corpo e do sangue de Cristo que eram recebidos pelos neófitos na noite da celebração da vigília pascal, imediatamente após o batismo e a crisma, sendo o ponto alto do processo de iniciação cristã. Cirilo usa o argumento da mudança do pão em corpo e do vinho em sangue a partir da vida do cristão. Sobre isso, observa Mendonça: “Nele se torna o Cristo alimento; então, o cristão é na verdade a presença eucarística que se perpetua no tempo e fora do ambiente sagrado. Por isso, ele insistia muito que não bastava passar pelo rito, mas era necessário tornar-se rito” (MENDONÇA, 2010, p. 156).

O que Cirilo fez junto aos ouvintes foi se apropriar das categorias simbólicas da fé para nutrir a experiência vivenciada pelos neófitos na noite da grande vigília, quando foram batizados. A primeira carta de Paulo aos Coríntios é a base teológica utilizada como mediação mistagógica para essa catequese, pois o autor da carta narra a última ceia do Senhor com seus apóstolos e a herança deixada pelo próprio Cristo nas espécies do pão e do vinho, que a partir de então, após a epiclese dirigida ao Pai do céu pelos sacerdotes no rito sacramental, se tornam o corpo e o sangue do Senhor: a eucaristia.

Este ensinamento do bem-aventurado Paulo foi estabelecido como suficiente para vos assegurar acerca dos divinos mistérios, dos quais tendo sido julgados dignos, vos tornastes con-corpóreos e consanguíneos com Cristo. O próprio Paulo proclama precisamente: “Na noite em que foi entregue, Nosso Senhor Jesus Cristo, tomando o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e o deu a seus discípulos, dizendo: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E tomando o cálice e tendo dado graças, disse: Tomai, bebei, isto é o meu sangue”. Se ele em pessoa declarou e disse do pão: “Isto é o meu corpo”, quem se atreveria a duvidar doravante? E quando ele afirma categoricamente e diz: “Isto é o meu sangue”, quem duvidaria dizendo não ser seu sangue? (CIRILO, 1977, IV,1).

Após utilizar o texto bíblico para demonstrar em que está alicerçada a Eucaristia, Cirilo tem a preocupação de se antecipar às futuras dúvidas que podem

surgir quando não se dá crédito às palavras de Jesus no texto bíblico ou quando a leitura feita sobre o respectivo texto tem cunho fundamentalista. Por isso, ele adverte para que o Mistério da Eucaristia seja acolhido de maneira mistagógica, “no sentido de confiar-se a Jesus, compreender a profundidade de suas palavras e o próprio Mistério no qual participa” (COSTA, 2015, p. 80). Ainda utiliza dois adjetivos, *con-corpóreo* e *consaguíneo* – são muito fortes e são utilizados para demonstrar que também no sacramento da Eucaristia o cristão é configurado a Cristo seu mestre, e que o mesmo participa do Mistério revelado. “Usa o termo ‘consanguíneo com Cristo’ para dizer que se trata de algo visível aos olhos que fortalece a alma” (MENDONÇA, 2010, p. 154). As duas expressões utilizadas também procuram conduzir para que os recém batizados tenham uma atitude contemplativa sobre o rito, “com o qual o próprio Jesus se faz presente sempre, através da consagração do pão e do vinho em seu corpo e sangue” (COSTA, 2015, p. 80).

Através da Eucaristia o próprio Jesus passa a participar de forma concreta do “nosso” ser. Ele torna-se um conosco, e desta forma, cada indivíduo se torna corpo de Cristo.

Portanto, com toda certeza recebemo-los como corpo e sangue de Cristo. Em forma de pão te é dado o corpo, e em forma de vinho o sangue, para que te tornes, tomando o corpo e o sangue de Cristo, con-corpóreo e consaguíneo com Cristo. Assim nos tornamos portadores de Cristo (cristóforos), sendo nossos membros penetrados por seu corpo e sangue. Desse modo, como diz o bem-aventurado Pedro, “tornamo-nos partícipes da natureza divina” (CIRILO, 1977, IV,3).

Utilizando-se de uma forma pedagógica para com os ouvintes, Cirilo faz questão de lembrá-los da antiga aliança, ou seja, faz a ligação entre o primeiro testamento e o segundo reafirmando o cristocentrismo no projeto de salvação. Com isso a Nova Aliança supera a Antiga de maneira definitiva. Sobre a presença real de Cristo na Eucaristia, nesta parte da catequese, esclarece sobre a matéria – pão e vinho – e o significado no rito sacramental que os transformam em corpo e sangue do Senhor. Por essa razão, Costa destaca o aspecto mistagógico do convite, pela via simbólica, a experiência eucarística em sua “compreensão profunda da comunicação entre Deus e os homens [...]” (COSTA, 2015, p. 82). Tendo isso como fio condutor, os sacramentos e a consciente participação no mistério, a partir da iniciativa do próprio Deus que se entrega e se revela na pessoa de Jesus.

Também no Antigo Testamento havia pães de proposição. Mas esses pães, por pertencerem à antiga aliança, tiveram fim. Na nova aliança o pão celeste e o cálice de salvação santificam a alma e o corpo. Pois, como o pão se adequa ao corpo, assim o Verbo se harmoniza com a alma.

Não consideres, portanto, o pão e o vinho como simples elementos. São, conforme a afirmação do Mestre, corpo e sangue. Se os sentidos isto te sugerem, a fé te confirma. Não julgues o que se propõe segundo o gosto, mas pela fé tem firme certeza de que foste julgado digno do corpo e sangue de Cristo (CIRILO, 1977, IV,5-6).

Nesta parte da catequese, é lembrada a figura do demônio como personificação do mal, conforme já havia trabalhado na primeira catequese mistagógica. Mas aqui é retomado para exortar uma participação ativa da vida sacramental como possibilidade de superar todo o mal, pois os sacramentos fortalecem os cristãos; como observa o autor:

[...] Antes de tua vinda os demônios preparavam para os homens uma mesa contaminada e manchada, cheia de poder diabólico. Mas depois de tua vinda, ó Senhor, tu preparaste diante de mim uma mesa. [...] A primeira mesa tinha comunhão com os demônios, essa, ao contrário, comunhão com Deus. “Ungiste de óleo minha cabeça”. Com o óleo te ungiu a cabeça, sobre a fronte, pelo sinal que tens de Deus, a fim de que te tornes assinalado santo de Deus. “E teu cálice inebria-me como o melhor”. Vês aqui mencionado o cálice que Jesus tomou em suas mãos e sobre o qual rendeu graças dizendo: “Este é o meu sangue, que é derramado por todos, em remissão dos pecados” (CIRILO, 1977, IV,7).

Algo importante é a perspectiva de que a mesa eucarística é sempre preparada pelo próprio Senhor para o seu povo. Quando se reporta à mesa preparada pelos demônios, está lembrando a todos os ouvintes do perigo da idolatria, do culto pagão, das ofertas consagrada aos ídolos. A retomada desta temática é para impulsionar e incentivar para que os iniciantes vivam a vida nova assumida após os sacramentos de iniciação, pois, só assim, manterão afastados os costumes pagãos que não coadunavam mais com a vida da graça que passaram a viver. Nesta nova vivência deve-se ser cômico de que a nova “mesa é comunitária, é mesa pascal, é mesa do Povo de Deus, ao qual nos inserimos, em primeiro lugar, pelo sacramento do Batismo e pela unção do Crisma, e agora, plenamente, pela Eucaristia” (COSTA, 2015, p. 83-84).

A quarta catequese ministrada por Cirilo se encaminha para a parte conclusiva, por isso, ele busca em um texto bíblico, um cântico contemplativo e mistagógico, no

qual Deus pai, segundo as palavras de Salomão, é quem faz o convite à mudança de vida, assumindo novas “vestes”, recebidas como fruto da graça sacramental e partilha destas alegrias com os demais que experienciaram como membros ativos da festa pascal. Vejamos o texto:

Por isso também Salomão, aludindo a essa graça, disse: “Vem, come teu pão na alegria”, o pão espiritual. “Vem” designa o apelo salutar e que faz bem-aventurado. “E bebe, de bom coração, teu vinho”, o vinho espiritual. “Derrama o óleo sobre tua cabeça (vês aqui mais uma alusão à unção mística?) Traja sempre vestes brancas, já que Deus sempre favorece as tuas obras”. Pois agora Deus se agradou de tuas obras. Antes de te aproximares da graça eram tuas obras “ vaidade das vaidades”.

Todavia agora, tendo despido as velhas vestes e revestido espiritualmente a veste branca, é necessário estar sempre vestido de branco. Não dizemos isso absolutamente porque é preciso estar trajado de branco, mas porque deves, em realidade, revestir a veste branca, brilhante e espiritual, a fim de dizeres com o bem-aventurado Isaías: “Com grande alegria me rejubilei no Senhor, porque me fez revestir a vestimenta da salvação e me cobriu com a túnica da alegria” (CIRILO, 1977, IV,8).

Para concluir, dentro da pedagogia ciriliana, buscava-se fazer uma fixação na memória dos ouvintes sobre o pão e o vinho. Isto partindo da conscientização de uma participação plena na graça do sacramento da eucaristia, que não é desvinculada, separada da vida do indivíduo, pelo contrário, justamente por se fazer presente no coração, na vida e na consciência do homem, ou seja, envolve todo o seu ser, é que o leva a uma comunhão definitiva e eterna com Deus. Destaca-se ainda, nesta parte final da quarta catequese, duas coisas: a primeira é a expressão “estando seguro”, “cujo sentido vai além de uma conotação de fixação dos conhecimentos, das instruções. [...] Aponta para a plenitude que está sendo vivida pelo neófito, pelo sacramento da Eucaristia” (COSTA, 2015, p. 86). E a segunda é a oração final em que o bispo pede ao Senhor a benção sobre os novos cristãos.

Tendo aprendido e estando seguro de que o que parece pão não é pão, ainda que pareça pelo gosto, mas o corpo de Cristo, e o que parece vinho não é vinho, mesmo que o gosto o queira, mas o sangue de Cristo – e porque sobre isto dizia vibrando Davi: “O pão fortalece o coração do homem, para que no óleo se regozije o semblante” – fortalece o teu coração, tomando este pão como espiritual e regozije-se o semblante de tua alma. Oxalá, tendo a face descoberta, em consciência pura, contempleis a glória do Senhor, para ir de glória em glória, em Cristo Jesus Senhor

Nosso, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém (CIRILO, 1977, IV,9).

2.6. Quinta catequese: rito da celebração eucarística

A quinta catequese aos neófitos é desenvolvida sobre o rito da celebração eucarística; em decorrência disso é a mais longa, pois aborda detalhes como os principais ritos, orações e gestos sacerdotais, alcança o seu auge com a oração eucarística e a comunhão. Aqui, Cirilo recorda o ritual eucarístico como um diálogo entre a assembleia dos batizados e Deus Pai. Antes, faz uma recordação das outras catequeses apontado para a culminância do processo formativo.

Pela benignidade de Deus, ouvistes de maneira suficiente, nas reuniões precedentes, sobre o batismo, a crisma e a participação do corpo e sangue de Cristo. Mas agora é necessário ir adiante, para coroar o edifício espiritual de vossa instrução (CIRILO, 1977, V,1).

Ao iniciar a explicação dos ritos litúrgicos, Cirilo procura orientar os novos membros da comunidade para evitar possíveis equívocos. Por isso, alerta sobre o ritual em que os membros do presbitério purificam as mãos, como símbolo de pureza que os aproximam do divino e dignidade das obras realizadas.

Para abordar a introdução ao mistério em que todos estão envolvidos, Cirilo recorreu a ação verbal “*te introduziu*”, na perspectiva de quem é conduzido pelo e para o Mistério, é uma ação mistagógica. E aquele que introduz é o mistagogo, diz ele:

Vistes o diácono oferecer água ao pontífice e aos presbíteros que rodeiam o altar de Deus para lavarem-se. [...] Lavar as mãos é símbolo de que nos devemos purificar de todos os pecados e de todas as faltas. Já que as mãos são símbolo das obras, lavamo-las, indicando evidentemente a pureza e a irrepreensibilidade das obras. Não ouviste como o bem-aventurado Davi te introduziu neste mistério ao dizer: “Lavarei as mãos entre os inocentes e andarei ao redor do teu altar, Senhor?” Então, lavar as mãos é estar limpo de pecado (CIRILO, 1977, V,2).

Segue a catequese mencionando o ósculo da paz que une os cristãos entre si, é gesto da reconciliação, da acolhida fraterna, do perdão, do esquecimento das mágoas.

Depois o diácono proclama: “Acolhei-vos mutuamente e dai-vos o ósculo da paz”. Não suponhas que este ósculo seja como os

que os amigos íntimos se dão na praça pública. Este ósculo não é assim. Mas este ósculo une as almas entre si e é para elas penhor de esquecimento de todos os ressentimentos. É sinal de que as almas se unem e afastam toda lembrança de toda injúria. Por isso Cristo disse: “Quando fores apresentar uma oferta perante o altar, e ali te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti, deixa ali a tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, depois volta para apresentar a tua oferta”. Então, o ósculo é reconciliação, e é por esta razão que é santo (CIRILO, 1977, V,3).

Após os gestos litúrgicos de purificação das mãos e o ósculo da paz, o coração do cristão se eleva a Deus e dá graças e louvores pelo amor de Deus por cada um e pela adoção como seus filhos no Filho Jesus Cristo. É o louvor dirigido a Deus em sua misericórdia “no qual encontramos um rosto de Deus dedicado aos homens, aos seus filhos, um Deus que ama” (COSTA, 2015, p. 88).

Depois disso o sacerdote proclama: “Corações ao alto!” Verdadeiramente, nesta hora mui tremenda, é preciso ter o coração no alto, junto de Deus, e não embaixo, na terra, nas coisas terrenas. Com autoridade, pois, o sacerdote ordena que nesta hora se abandonem todas as preocupações da vida e os cuidados domésticos e que se tenha o coração no céu, junto ao Deus benevolente.

Vós então respondeis: “Já os temos no Senhor!” assentindo à ordem por causa do que confessais. Ninguém esteja presente dizendo apenas com a boca: “Nós os temos no Senhor”, tendo a mente voltada para as preocupações da vida. Sempre devemos estar lembrados de Deus. Se isso é impossível pela fraqueza humana, naquela hora isto é o que mais deve ser procurado.

Depois diz o sacerdote: “Demos graças ao Senhor”. Deveras, devemos agradecer-lhe, porque sendo indignos chamou-nos a tamanha graça que nos reconciliou, sendo seus inimigos, e nos fez dignos da adoção do Espírito (CIRILO, 1977, V,4-5).

O momento de ação de graças tem continuidade com uma prece de louvor por toda a criação que é sinal visível do grande amor de Deus por suas criaturas e em especial ao ser humano, feito imagem e semelhança do seu criador. A atitude proposta por Cirilo é de contemplação, ou como destaca Costa: “de amor e louvor ao Santo dos Santos, por toda a Criação visível e invisível” (COSTA, 2015, p. 89). E o louvor da assembleia dos batizados deve se associar aos anjos, arcanjos e querubins que exaltam as maravilhas de Deus.

Depois disso mencionamos o céu, a terra e o mar, o sol e a lua, os astros, toda criatura racional e irracional, visível e invisível, os anjos e arcanjos [...] “Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos”. Por isso recitamos essa doxologia que nos foi

transmitida pelos serafins, para que neste canto nos associemos aos exércitos celestes (CIRILO, 1977, V,6).

A oração eucarística prossegue com a apresentação dos dons ofertados – pão e vinho e é conclamado pelo sacerdote ao Espírito Santo para que venha sobre as espécies apresentadas como oferenda para que se torne corpo e sangue do Senhor, presença real de Cristo nas espécies consagradas. A partir desta presença, o ritual recorda os vivos e os mortos que entram em comunhão na Ceia do Senhor. Cirilo denomina esse momento de sacrifício espiritual, memória do sacrifício de Cristo (COSTA, 2015). E com isso, caracteriza a oração eucarística em dimensão comunitária que é solidária e fraterna com todos os seus membros e em comunhão com os santos intercede junto ao Pai pela salvação de todos.

Em seguida, realizado o sacrifício espiritual, o culto incruento, em presença dessa vítima de propiciação, invocamos a Deus pela paz comum das igrejas, pelo bem-estar do mundo, pelos imperadores, pelos exércitos e aliados, pelos doentes, pelos aflitos e, em geral, todos nós rezamos por todos aqueles que têm necessidade de socorro e oferecemos essa vítima.

Depois fazemos menção dos que adormeceram, primeiro dos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, para que Deus, por suas preces e intercessão, aceite nossa súplica. Depois ainda rezamos pelos santos padres, bispos adormecidos e, enfim, por todos os que nos precederam, persuadidos de que será de máximo proveito para as almas, pelas quais a súplica é elevada ante a santa e tremenda vítima (CIRILO, 1977, V,8-9).

Daí em diante, Cirilo se volta para uma reflexão sobre a oração do pai-nosso. De maneira detalhada, aprofunda cada pequeno verso. Inicia sua reflexão com a visão geral sobre a oração. Como destaca Costa: “O Pai-Nosso é a oração que o próprio Deus ensinou ao Filho; esse Deus Pai de imensa bondade e misericórdia, pois perdoa os pecados e nos convida a participar da graça” (COSTA, 2015, p. 91). E ao final deste trecho acrescenta um novo conceito ao falar “*dos céus*” que evoca, não uma abstração, mas uma imagem concreta de uma vivência, de um habitar de Deus no ser humano:

Depois disso, tu dizes aquela oração que o Salvador transmitiu aos discípulos, atribuindo a Deus, com pura consciência, o nome de Pai e dizes: “Pai nosso, que estás nos céus”. Ó incomensurável benignidade de Deus! Aos que o tinham abandonado e jaziam em extremos males, é concedido o perdão dos males e a participação da graça, a ponto de ser invocado como Pai. Pai nosso que estás nos céus. Os céus poderiam bem

ser os que portam a imagem do celestial, nos quais Deus habita e vive (CIRILO, 1977, V,11).

Na sequência, Cirilo demonstra que a santificação de Deus proclamada pela assembleia é a santificação primeira do ser humano. Então, o compromisso é de toda a comunidade de batizados para viver e testemunhar a santidade de Deus. O que o mistagogo também trabalha, nessa parte de seu ensinamento, é a concepção de que no altar do sacrifício eucarístico todas as oferendas são santificadas, desde os fiéis batizados, que tomarão parte deste mistério, mas um só é o Santo. Ao fazer isso deixa evidente a indignidade de todos que compõem a comunidade dos batizados perante o *Santo dos Santos*. Afirma Cirilo:

“Santificado seja teu nome”. Santo é por natureza o nome de Deus, quer o digamos ou não. Mas uma vez que naqueles que pecam por vezes é profanado, segundo o que se diz: “Por vós meu nome é continuamente blasfemado entre as nações”, oramos que em nós o nome de Deus seja santificado. Não que por não ser santo chegue a sê-lo, mas porque em nós ele se torna santo quando nos santificamos e praticamos obras dignas de santificação.

“Venha o teu reino”. É próprio de uma alma pura dizer com confiança: “Venha o teu reino”. Quem ouviu Paulo dizer: “Que o pecado não reine em vosso corpo mortal”, e se purificar em obra, pensamento e palavra, dirá a Deus: “Venha o teu reino”.

“Seja feita a tua vontade, assim no céu como na terra”. [...] Rezando, pois, com vigor, diz isto: como nos anjos se faz a tua vontade, Senhor, assim na terra se faça em mim (CIRILO, 1977, V,12-14).

Ao suplicar o pão de cada dia, não é tanto pelo pão material, mas o alimento que sacia a fome do ser humano de sentir a providência de Deus. Outra perspectiva para ajudar o neófito a entender a parte desta oração, é compreender, como sublinha Mendonça, que “o pão também transparece a bondade de Deus que perdoa os pecados de todos os que se alimentam dele” (MENDONÇA, 2010, p. 157). À medida que nos alimentamos do Pão do céu, nos perdoamos e criamos uma ciranda de misericórdia. Observa Mendonça, ser contraditório receber o “pão cotidiano” e não praticar o perdão com os irmãos. Nessa linha de reflexão, para Cirilo, o arrependimento dos pecados e seu reconhecimento em postura de humildade perante Deus e os irmãos devem marcar a vida do cristão.

“Nosso pão substancial dá-nos hoje”. O pão comum não é substancial. Mas este pão é substancial, pois se ordena à substância da alma. Este pão não vai ao ventre nem é lançado em lugar escuso, mas se distribui sobre todo o organismo, em

proveito da alma e do corpo. O “hoje” equivale a dizer de “cada dia”, como também dizia Paulo: “Enquanto perdura o hoje” (CIRILO, 1977, V,15).

Se o pão é distribuição e unidade, o perdão também é sinônimo de elevação e persistência nos caminhos que conduzem à humildade:

“E perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Temos muitos pecados. Caímos, pois, em palavra e em pensamento e fazemos muitas coisas dignas de condenação. “E se dissermos que não temos pecado, mentimos”, como diz João. Fazemos com Deus um pacto pedindo-lhe nos perdoe nossos pecados como também nós perdoamos ao próximo suas dívidas. Tendo presente, portanto, o que recebemos em troca do que damos, não sejamos negligentes, nem deixemos de perdoar uns aos outros. As ofensas que se nos fazem são pequenas, simples, fáceis de reconciliar. As que nós fazemos a Deus são enormes e temos necessidade só de sua benignidade. Cuida, então, que por faltas pequenas e simples contra ti não te excludas do perdão, por parte de Deus, dos pecados gravíssimos (CIRILO, 1977, V,16).

Neste sentido, a tentação é trazida como algo que não pode ser modificada pelo ser humano, é inerente a vida. O diferencial que deve ser perseguido por todos os batizados, não só os novos, é de saber fazer as escolhas a partir da palavra de Deus na vida de todos. Para não cair diante das tentações, ou seja, do pecado, aqui é lembrado a todos um tema já conhecido pelos cristãos que é a atitude de vigilância permanente. E ao reconhecer as próprias limitações clama-se pela misericórdia de Deus, para agir segundo a sua vontade. Assim se entende a fórmula pronunciada “*não nos induzas*” – “indica um pedido de fortalecimento, de uma ação de impedimento, como uma ação mistagógica do próprio Deus, que conduz e fortalece seus filhos para o combate [...]” (COSTA, 2015, p. 95).

“E não nos induzas em tentação”, Senhor. [...] Mas jamais entrar em tentação é o mesmo que ser submerso por ela. A tentação, pois, se assemelha a uma torrente difícil de atravessar. Os que, então, não são submersos nas tentações, atravessam, como bons nadadores, sem serem arrastados pela corrente. Os que não são assim, uma vez que entram, são submersos. Assim, por exemplo, Judas, entrando na tentação da avareza, não passou a nado, mas, submergindo, afogou-se corporal e espiritualmente. Pedro entrou na tentação de negação, mas, tendo entrado, não submergiu; antes, nadando com vigor, se salvou da tentação. [...]

“Mas livra-nos do Mal”. Se a expressão “não nos induzas em tentação” significasse não sermos de modo algum tentados, não se diria: “Mas livra-nos do Mal”. O Mal é o demônio, nosso

adversário, do qual pedimos ser libertos (CIRILO, 1977, V,17-18).

O próprio Cirilo ressalta, na citação acima, o exemplo de dois apóstolos, Judas e Pedro. Exemplos claros e diretos de como ser submergido ou superar as tentações. Aplicados os exemplos mencionados na vida dos cristãos, não significa que estes estejam livres das tentações, mas que se estiverem unidos em oração a Cristo terão a força, o discernimento e as graças necessárias para superá-las. Ao terminar a oração do Pai-Nosso esta é encerrada com o *amém*. Cirilo utiliza o mesmo texto bíblico do “sim” de Maria, o “*fiat*” “que aceita, na liberdade e na responsabilidade, participar do projeto de Deus” (COSTA, 2015, p. 97). Então, a expressão de encerramento da oração aponta para uma aliança, um compromisso assumido livremente em seu dia a dia por todos que oram: “Depois, terminada a prece, dizes: “amém”, selando com este amém – que significa “faça-se” – o que se contém na oração ensinada por Deus” (CIRILO, 1977, V,18).

O momento catequético sobre a celebração eucarística se aproxima do fim ao tratar da comunhão e, por isso, Cirilo mais uma vez se utiliza do método pedagógico para fixar o entendimento dos interlocutores retomando o tema da santidade, a que todos os batizados são chamados a participarem em Jesus Cristo. Também evoca o tema da eucaristia, já trabalhado. É o ápice mistagógico em que a comunhão integra todos os aspectos corporais, espirituais, intelectuais (COSTA, 2015).

Ao te aproximares [da comunhão], não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas fazes com a mão esquerda um trono para a direita como quem deve receber um Rei e no côncavo da mão espalmada recebe o corpo de Cristo, dizendo: “Amém”. Com segurança, então, santificando teus olhos pelo contato do corpo sagrado, toma-o e cuida de nada se perder. Pois se algo perderes é como se tivesses perdido um dos próprios membros. Dize-me, se alguém te oferecesse lâminas de ouro, não as guardarias com toda segurança, cuidando que nada delas se perdesse e fosses prejudicado? Não cuidarás, pois, com muito mais segurança de um objeto mais precioso que ouro e pedras preciosas, para dele não perderes uma migalha sequer?

Depois de teres comungado o corpo de Cristo, aproxima-te também do cálice do seu sangue. Não estendas as mãos, mas inclinando-te, e num gesto de adoração e respeito, dize “amém”. Santifica-te também tomando o sangue de Cristo. E enquanto teus lábios ainda estão úmidos, roça-os de leve com tuas mãos e santifica teus olhos, tua frente e teus outros sentidos. Depois, ao esperares as orações [finais], rende graças a Deus que te julgou digno de tamanhos mistérios (CIRILO, 1977, V, 21-22).

Após ler o texto com atenção salta aos olhos a preocupação com os detalhes que o mistagogo relembra para focar na experiência única, de receber o corpo e o sangue de Cristo. Ao envolver todo o ser humano são destacadas as mãos, o olhar para fixar no mistério que se revela e, ao mesmo tempo, convida-o para que possa participar todo inteiro. Cirilo faz uma comparação com lâminas de ouro, para ficar mais próximo da realidade em que os ouvintes estão inseridos, mas a “santificação dos olhos, da frente, e outros sentidos é um convite à dimensão integral do processo santificador” (COSTA, 2015, p. 99).

Terminada a comunhão e encerrando as catequeses mistagógicas, Cirilo lança o convite a um encontro pessoal de intimidade com o mestre Jesus, diz ele?

Conservai inviolavelmente essas tradições e vós mesmos guardai-vos sem ofensa. Não vos separeis da comunhão nem pela mancha do pecado vos priveis desses santos e espirituais mistérios.

“O Deus da paz santifique-vos completamente. Conserve-se inteiro o vosso espírito, e a vossa alma e o vosso corpo sem mancha, para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo”, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém (CIRILO, 1977).

Na conclusão está contida a herança de uma tradição formada por herdeiros, guardiães e transmissores. Finalmente, a oração de ação de graças e benção coroam e santificam cada um que adentrou na comunidade e agora permanecem revestidos de Cristo pelo batismo.

CAPÍTULO III

3. Catequese e iniciação cristã

A Iniciação seria um “[...] Tempo extremamente sério de formação, para afirmar bem a fé, para testar a vida no meio do mundo pagão, e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo” (LIMA, 2016, p. 27).

Até a segunda metade do século II não fica claro que tenha existido uma instituição especializada na preparação dos convertidos, mas os primeiros escritores cristãos, denominados apologistas¹⁷, porque defendiam e procuravam justificar a fé perante os pagãos, falavam de iniciação por analogia com ritos pagãos iniciáticos, mas defendiam a originalidade e absoluta novidade da fé cristã em relação ao paganismo. O objetivo dessa iniciação consistia no aprofundamento da fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo e a tudo o que ele revelava. Era o caminho ordinário para conduzir o adulto (e não crianças) aos mistérios divinos, à conversão, à profissão de fé e à participação na vida da comunidade. O Evangelho era a base do ensinamento, o querigma, isto é, o anúncio fundamental da fé em Jesus Cristo (Lima, 2009).

O catecumenato antigo foi uma rica e original instituição pastoral graças à qual a igreja expressou a sua vocação missionária, exercitou a sua função materna em acolher e formar com seriedade e serenidade os novos fiéis, para assim serem gerados à vida nova em Cristo e na igreja. As pessoas que desejavam tornarem-se cristãos eram acolhidas na comunidade eclesial entre os aspirantes ao batismo com o nome de catecúmenos. A preparação ao batismo se articulava em duas etapas: uma remota, na qual os candidatos recebiam o nome de catecúmenos e uma próxima que habitualmente coincidia com a quaresma, aonde os inscritos ao batismo chamavam-se competentes ou eleitos no Ocidente e iluminandos no Oriente. As duas categorias

¹⁷ [...] Defendem a fé do ataque de pensadores e filósofos que combatiam o cristianismo como uma nova seita exotérica e iniciática como tantas outras que surgiam naquele tempo. Eles exercem o grande trabalho de enculturação da fé, mostrando que a Igreja não é estranha a história e à evolução da cultura (como Irineu e Justino). Os grandes escritores do Oriente (Clemente de Alexandria, Basílio, Gregório etc.) tentam a síntese entre cultura grega e cristianismo [...]. Um dos maiores deles é Orígenes (185-253), apesar de alguns erros [...]; dono de vasta cultura, estabeleceu as regras de conservação e interpretação da Bíblia e lança os fundamentos da reflexão cristã ao longo dos séculos (teologia). Tertuliano e Cipriano destacam-se no Ocidente; eles se ocuparam mais das virtudes, educação cristã e estruturas eclesiais. (LIMA, 2016, p. 21-22).

de candidatos: catecúmenos e competentes eram preparados para o batismo. Por isto podemos dizer que o catecumenato antigo, no sentido forte da palavra, era o tempo da formação daqueles e daquelas que desejavam tornarem-se cristãos; compreendia a primeira acolhida dos novos membros na comunidade cristã até o limiar do batismo, confirmação e eucaristia.

A Igreja, [...] reconhece que é necessário um extremo cuidado com os que se apresentam, dispostos a ingressar na comunidade. É preciso conhecer bem as motivações e intenções do candidato, seus antecedentes e seu estilo de vida. Reconhece também, que pelo fato de alguém passar a ser cristão, automaticamente entra no esquema de perseguição, portanto, pode ser preso, obrigado ao culto aos ídolos e ao imperador e instado, até mesmo com violência, à apostasia, isto é, renegar Cristo (NERY, 2001, p. 38).

O final do II e início do III século o catecumenato assumiu uma estrutura orgânica e foi documentado nas igrejas do Oriente e do Ocidente. As testemunhas que mais o abordaram em seus escritos foram: Hipólito, Tertuliano e Orígenes. “Hipólito, na sua célebre obra Tradição Apostólica (TA), assinala os elementos característicos da iniciação cristã: 1) Entrada no catecumenato (TA 15-16); 2) Tempo do Catecumenato ou Catequese (TA 17-19); 3) Acesso ao Batismo (TA 20-21)” (CCD, 2011, p. 21). Pode-se resumir os fatores que possibilitaram a instituição do catecumenato no terceiro século: a influência da tradição judaica, que exigia a preparação para as pessoas ingressarem na religião hebraica. As perseguições, que foram duras nos séculos III e IV, o fenômeno dos apóstatas, aqueles que renegavam o batismo quando eram presos nas perseguições e a difusão de seitas e de grupos cristãos dissidentes que se desenvolveram e conseguiam adeptos entre os fiéis da igreja; estes fatores alertaram para a exigência de uma formação mais aprofundada e organizada para aqueles que se aproximavam da fé para tornarem-se cristãos. A formação do novo membro no caminho catecumenal fundava-se sobre uma tríplice experiência: ouvir a palavra de Deus, de uma forma especial com a catequese, exercícios ascético-penitenciais, ritos e celebrações. Na realidade estes três aspectos eram interligados em vista do crescimento espiritual dos candidatos no caminho ao batismo.

Esse processo catecumenal-catequético compreendia o ensino, liturgia e exercício de transformação de vida (conversão, penitência). Era pela penetração progressiva da Palavra de Deus em sua vida que o catecúmeno caminhava para os

sacramentos na noite pascal: Batismo, Confirmação e Eucaristia
(LIMA, 2016, p. 29).

A catequese tinha como objetivo suscitar no candidato uma reposta de fé e uma transformação na sua vida. Tinha também exercícios ascético-penitenciais e eram exigidas obras de caridade em vista à conversão. Os exorcismos eram ritos de purificação e permitiam a quebra das correntes com o espírito do mal. Dentro da liturgia tinha a entrega do Símbolo aos catecúmenos, feita publicamente pelo bispo com a presença dos fiéis, cujo significado, como lembra Santo Agostinho, era apresentado como regra da fé, síntese de tudo quanto se deveria crer para a salvação. “O grande valor dessa organização catecumenal era conter e conservar unidos os três componentes essenciais do tornar-se cristão: a conversão (penitência), a instrução (catequese) e os sacramentos (dimensão ritual-simbólica)” (LIMA, 2016, p. 30).

3.1. Etapas do catecumenato

Denominada de evangelização ou pré-catecumenato, a primeira etapa, corresponde ao primeiro anúncio de Jesus Cristo para despertar a fé inicial e a conversão conhecida por querigma. “Palavra originária do grego Kerissein, que quer dizer: ‘proclamar, gritar, anunciar’. Querigma significa pregão, proclamação ou anúncio, e de fato é sinônimo de Evangelho em seu sentido etimológico de boa notícia” (NUCAP, 2014, p. 30).

A importância dessa etapa é despertar a fé e a opção inicial por Jesus Cristo, o que caracteriza o desafio desse tempo, do qual depende o sucesso de todos os outros. De fato, “sem o querigma, os demais aspectos desse processo estão condenados à esterilidade, sem corações verdadeiramente convertidos ao Senhor. Só a partir do querigma acontece a possibilidade de uma iniciação cristã verdadeira”, (DAp, 2007, n. 278a), pois, do contrário, o processo iniciático será como construir uma casa sobre a areia (cf. Mt, 7, 24-27) em que, sem uma base ou substrato sólido, não é possível sustentar uma construção que, nesse caso, é a construção da identidade cristã. Dentro desta perspectiva o Papa Bento XVI, na Encíclica Deus Caritas Est, apresenta uma expressão que ajuda a entender melhor o período. “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá a vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo, um rumo decisivo” (DCE, 2006, p. 3).

A finalidade do querigma consiste em ajudar o ouvinte a reconhecer em Jesus Cristo o Messias, o Filho de Deus, o Senhor, para que possa crer nele, decidir-se a tornar-se discípulo de Cristo e viver segundo a via traçada por ele e, dessa maneira, obter a vida Eterna (NUCAP, 2014, p. 31).

Durante o período do pré-catecumenato, os introdutores desempenham um papel muito importante, pois são eles que acompanham de forma pessoal, próxima e amiga aqueles que se dispunham a amadurecer na fé e, a partir do seu testemunho que precede o anúncio do conteúdo, anunciam o querigma. Esses introdutores são membros da comunidade cristã e de vivência da fé. O anúncio testemunhal por eles vivenciado é simples, claro, direto, adaptado às condições do iniciando, “profundamente aderente ao ensinamento evangélico e fiel ao magistério da Igreja” (EN, 2017, n. 43). Os simpatizantes também são sujeitos nesse processo, sua participação e corresponsabilidade demonstram essa relação com a comunidade de fé. Estabelece-se aqui o diálogo entre os evangelizadores e simpatizantes, interlocutores do processo.

Sendo este o primeiro tempo qual seria sua duração? Dentro do itinerário catecumenal, não se devia ter pressa para a passagem do período querigmático ou pré-catecumenal para o catecumenato propriamente dito. Deve-se esperar o tempo necessário para que os candidatos confirmem suas disposições, manifestem uma fé inicial, apresentem os sinais de adesão pessoal a Jesus Cristo, ou seja, de conversão. Este é o tempo necessário para que o evangelho seja ouvido, acolhido, assimilado e que tenha suscitado uma adesão verdadeira à fé em Jesus. Para tanto, era necessário o anúncio do evangelho contido na sagrada escritura, da vida e dos ensinamentos de Jesus Cristo. Com isso, o primeiro anúncio é fundamentalmente bíblico e cristocêntrico.

O simpatizante deveria mostrar sinais visíveis de que está apto a ingressar no segundo tempo que seria o catecumenato, período de catequese, a adesão e o sentimento de pertença à igreja, à comunidade dos fiéis. Esse é o desejo mais claro e decidido dos sacramentos e as atitudes evangélicas que se traduzem na sua maneira de ser, viver e relacionar-se com os outros, de modo que transpareça a sua adesão ao projeto do Reino anunciado e vivido por Cristo. “Durante este tempo os catecúmenos criam familiaridade com a Palavra de Deus, recebem formação catequética, são iniciados nos ritos litúrgicos e exercitam-se na prática da vida cristã” (CNBB, 2009, p. 43). As dúvidas, perguntas, dificuldades, barreiras, tensões, lutas

interiores dos simpatizantes também são parte do conteúdo desse tempo e devem ser tratadas por meio de um diálogo respeitoso e iluminado pela luz do evangelho. É a partir de Jesus, do seu evangelho, que podemos traçar alguns elementos básicos do primeiro anúncio como a misericórdia de Deus, a vocação de toda pessoa humana à vida eterna no reino de Deus, a grande lei do amor a Deus e ao próximo.

O término deste tempo de evangelização era marcado por uma grande celebração de passagem para o segundo tempo – catecumenato, – em que os simpatizantes iriam ser assinalados com a cruz e convidados a entrar na Igreja para ouvir a palavra com a comunidade, era a acolhida no seio da comunidade. É a celebração de entrada no catecumenato. O ingresso no catecumenato é a manifestação oficial da vontade do simpatizante de aceitar o Cristo como estrada segundo a qual a sua existência pode realmente amadurecer.

Nela eles são assinalados com a cruz do Senhor, pois pela fé já participam do mistério da morte e ressurreição. Depois são convidados a entrar na Igreja e a ouvir a Palavra de Deus junto com a comunidade. Recebem o Livro da Sagrada Escritura como sinal de condição de ouvintes da Palavra. São assim acolhidos no seio da Igreja e reconhecidos como iniciantes no discipulado, catecúmenos (CNBB, 2009, p. 42).

Hipólito de Roma descreve em sua obra os requisitos a serem observados antes da celebração de entrada no catecumenato. Chama atenção o cuidado com as reais intenções dos simpatizantes. Em uma comunidade ameaçada não era qualquer um que participaria, mas aquele em quem fosse observadas as reais intenções de ser cristão e isso deveria se mostrar ao final do primeiro tempo.

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo – e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximou da fé. Dêem testemunho deles os que tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra; sejam, também, interrogados sobre sua vida [...] (HIPÓLITO, 2004, p. 56).

Os simpatizantes admitidos ao catecumenato, ou seja, o segundo tempo do processo, eram candidatos diretos à recepção dos sacramentos da iniciação cristã e chamavam-se catecúmenos. A catequese neste tempo queria garantir uma formação integral, num processo em que estavam presentes a dimensão celebrativo-litúrgico da fé, a conversão para atitudes e comportamentos cristãos e o ensino da doutrina.

Passa-se a uma dimensão celebrativa mais intensa nos encontros, que constarão de catequese, celebração da Palavra, exorcismos menores, bênçãos. Os ritos próprios desse tempo expressam o encorajamento da Igreja, na luta que os catecúmenos empreendem para superar as próprias limitações e armadilhas do mal, já que não possuem, ainda, a graça dos sacramentos (LELO, 2005, p. 58).

Os iniciantes seriam conduzidos por um catequista que os acompanhara durante esta etapa. No entanto, o vínculo que foi estabelecido com o seu introdutor não poderia ser perdido. Este era o tempo mais longo de todo o processo de iniciação, em torno dos três anos. “Ouçam os catecúmenos a Palavra durante três anos. Se algum deles for atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente o seu caráter – nada mais – será julgado” (HIPÓLITO, 2004, p. 59). Durante esse tempo, o catecúmeno iria progressivamente criando familiaridade com a Palavra de Deus, recebendo uma formação catequética, introduzido nos ritos litúrgicos e se exercitando na prática da vida cristã. Como se pode notar a catequese tinha vários elementos que convergiam para uma única finalidade que era a de ajudar o catecúmeno a assumir um novo modo de ser.

Os meios eram estudo da Sagrada Escritura e a participação assídua à catequese, assumir uma vida moral segundo o Evangelho, iniciação à vida de oração comunitária, à liturgia e à vida de comunidade, podendo participar da liturgia da Palavra e devendo se retirar após a homilia (PANAZZOLO, 2011, p. 26).

O catecúmeno era instruído na doutrina para que ele pudesse dar razões da própria fé (1Pd 3,15). O catecumenato é o tempo próprio para a catequese doutrinal que se realiza na explicação aprofundada do símbolo apostólico; dos mandamentos da lei de Deus, do pai-nosso e dos sete sacramentos. É claro que só os conteúdos doutrinários não fazem de uma pessoa um cristão verdadeiro. Mas também, é verdade que sem conteúdo doutrinário, corre-se o risco da fé permanecer sentimentalista e intimista (AKAMINE, 2014); os conteúdos não se limitavam a doutrina. A instrução caracterizava-se, principalmente, pela narração das maravilhas que Deus realizou em favor de seu povo ao longo de toda a história da salvação, constituindo assim uma catequese bíblica. Além de instruir, procurava proporcionar a familiaridade com a palavra de Deus e com os ritos litúrgicos. A vivência do ensinamento cristão, de fato, não era somente doutrina, mas, sobretudo, realidade e mistério. Por isso, a catequese tinha a finalidade de introduzir o catecúmeno na vida de oração, pessoal e comunitária e ensinar-lhe uma nova linguagem que é a linguagem dos símbolos.

[...] As celebrações prestam-se para que esses assimilem a doutrina segundo a moral do Novo Testamento – perdão das ofensas, sentido do pecado e da penitência, deveres do cristão no mundo.

É uma catequese que encontra na liturgia sua mais plena expressão, seu incessante manancial e um centro constante de referência (LELO, 2005, p. 60).

O sentido do mistério, a intimidade com Deus, a oração perseverante e a obediência à palavra não são capacidades inatas ao ser humano, mas que se adquirem em um exercício perseverante e cotidiano. A catequese catecumenal tinha em vista tudo isso. A vida cristã é vida nova em Cristo que inclui comportamentos novos, atitudes concretas e ações renovadas pela Boa Nova. Nesse sentido, o catecumenato é também a etapa em que o catecúmeno deveria se exercitar nas virtudes cristãs e em que, progressivamente, ele vai se libertando dos vícios aos quais estava apegado. Além de ser instruído no conhecimento dos dez mandamentos e das bem-aventuranças, o catecúmeno é auxiliado a colocar em prática a Nova Lei de Jesus Cristo. Assim, aos poucos, o catecúmeno poderia perceber em sua própria vida que viver as virtudes do reino não é um sonho irrealizável, um ideal inalcançável. Instruído na ética cristã, fortalecido pela vida de oração e pela celebração da liturgia, incentivado pelo exemplo dos fiéis cristãos e, sobretudo, ajudado pela graça, o catecúmeno vai descobrindo aos poucos como a vida cristã exige o combate espiritual e, ao mesmo tempo, que a vida de santidade é uma realidade misteriosa presente na comunidade que o acolhe. Neste período “[...] é preciso que haja assimilação vital dessa Palavra que suscite atitudes de vida compatíveis com o Evangelho e com Jesus Cristo [...]” (QUEZINI, 2013, p. 49).

Por ser um tempo muito longo era dividido em três etapas. O padre Renato Quezini faz a seguinte divisão: a primeira seria marcada por uma catequese antropológica, pois o catecúmeno “[...] É instruído a descobrir a presença de Deus em sua vida, a partir de respostas a interrogações fundamentais sobre ela” (QUEZINI, 2013, p. 48-49). A segunda etapa tinha sua fundamentação em uma catequese mais teológica, tendo como centro os temas como: “Cristo, Espírito Santo, Igreja, numa perspectiva da história da salvação. Trata-se de um reconhecimento do Cristo que age pelo Espírito, na vida da pessoa e na comunidade de irmãos” (QUEZINI, 2013, p. 49). A última etapa teria uma catequese centrada nos sacramentos de iniciação cristã e da penitência. “[...] Pretende-se não só descobrir o sentido do Batismo, da

Confirmação e da Eucaristia, mas se chegar a uma melhor compreensão e valorização dos sinais sacramentais [...]” (QUEZINI, 2013, p. 49).

O tempo do catecumenato é encerrado com uma rigorosa investigação da vida dos catecúmenos para que pudesse ser constatado a mudança de vida e o surgimento do novo ser em meio a comunidade. “A culminância desse processo é o pedido do batismo, que é precedido por um minucioso exame sobre o comportamento do catecúmeno ao longo do processo catecumenal” (NERY, 2001, p. 49). E, após ouvir os acompanhantes, catequistas e membros da comunidade, em assembleia decidiam pelo batismo requerido. Uma vez aprovado era celebrado o rito de eleição.

Ao receberem o parecer favorável da comunidade, darão mais um passo. Este rito conclui o catecumenato e candidato passa a categoria de eleito ou iluminado. O termo eleito indica que os crentes são objeto da ação gratuita de Deus: ele os há iluminado, e agora, à sua luz, devem caminhar para ser dignos desse chamado, certos de Deus não faltará nunca à sua fidelidade (LELO, 2005, p. 72).

O terceiro tempo é conhecido como purificação ou iluminação, é um tempo em que se realça mais o cultivo da vida interior. O catecúmeno procura purificar seu coração, aprofundar a conversão pelo exame de consciência, pela penitência e procura, portanto, ser iluminado por meio do conhecimento mais aprofundado de Cristo Salvador. Tudo isto se faz por meio de vários ritos, sobretudo pelos escrutínios.

Os escrutínios, seguindo a pedagogia quaresmal, querem proporcionar aos eleitos o conhecimento de si mesmos por meio do exame de consciência e da verdadeira penitência; instruir gradativamente sobre o mistério do mal que envolve os eleitos; e formá-los para que tenham consciência do pecado, desta forma querendo libertar-se de suas consequências e da influência diabólica, purificando o espírito e o coração (LELO, 2005, p. 77).

O período de purificação e de iluminação conduz imediatamente à celebração dos sacramentos da iniciação cristã. É o tempo que busca dar acabamento ao tempo vivido, pois está direcionado à vida interior. “[...] Busca que o eleito adquira um profundo sentido de Cristo e da Igreja, para que existencialmente possa perceber o mistério de salvação revelado em Cristo” (LELO, 2005, p. 71). A finalidade deste período é assegurar ao eleito a preparação imediata da celebração dos sacramentos de iniciação. Não é tempo para se preocupar com a conversão, que fora objeto dos tempos anteriores, mas garantir um retiro para os eleitos. “O tempo forte quaresmal,

caracterizado pelo jejum, pela caridade e pela oração, oferece a tônica da iluminação” (LELO, 2005, p. 71). Apesar de ser um tempo curto, pois é vivenciado dentro da quaresma, é muito intenso e ainda se divide em quatro etapas.

A primeira corresponde às semanas iniciais da quaresma. O que a caracteriza é o fato de ser eminentemente bíblica. “[...] Com destaque à história da salvação (destacando passagens que aludem à mudança de vida, conversão), para que o candidato se impregne da Palavra de Deus e se sinta membro do Povo de Deus” (NERY, 2001, p. 50). A segunda etapa tem início no sexto domingo da quaresma. O rito celebrativo que marca esta etapa é a entrega do símbolo apostólico aos eleitos. Ao receberem o credo, mesmo os analfabetos eram exortados na pregação do bispo a aprenderem de cor, haja vista, era o referencial básico da fé cristã e os eleitos precisavam saber. Decorria quinze dias de explicações feitas pelo bispo de cada parte do credo. “No final, em outra bonita cerimônia, os catecúmenos recitavam solenemente o Creio perante o bispo e lhe devolvem o texto como prova de que já sabem de cor” (NERY, 2001, p. 50).

A terceira etapa acontece dentro da semana santa. É um retiro que tem como marco inicial a celebração de entrega do pai-nosso. Ainda no decorrer da semana havia a abordagem superficial aos sacramentos do batismo e da eucaristia, como também o ensino das partes do pai-nosso. As pregações dos bispos também abordavam “[...] sobre penitência, oração, conversão e exigências morais do cristianismo, as consequências da fé para a vida prática pessoal, comunitária e social” (NERY, 2001, p. 50). A última etapa corresponde à solene celebração na noite de páscoa, que naquele tempo era meia noite que se iniciava. A mesma, rica em muitos e significativos símbolos, como o fogo novo, círio pascal e a leitura dos principais textos bíblicos que fundamentam a festa da páscoa, como também os ritos que acompanham o batismo.

Os catecúmenos voltados para o ocidente, onde acontece o pôr-do-sol, simbolizando o lugar das trevas, proclamavam a renúncia a Satanás e às suas obras. Depois voltados para o oriente, lugar do nascer do sol, portanto, lugar da luz, fazem a solene profissão de fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo (NERY, 2001, p. 51).

Tendo chegado ao fim da formação catecumenal o candidato era batizado com o ritual específico. Antes de tudo a benção da água, com uma oração. Em algumas igrejas o candidato completamente nu, vinha ungido em todo o seu corpo. Para

Ambrósio de Milão e João Crisóstomo a unção simbolizava a ajuda para fortificar o corpo no combate cristão. Depois se entrava no coração do ato batismal, que nos séculos quarto e quinto eram por imersão. As fórmulas batismais quase sempre trinitárias eram essencialmente duas: uma tríplice interrogação dirigida ao candidato: “crês em Deus Pai... crês em Jesus Cristo... crês no Espírito Santo?” ou também usando o verbo na forma passiva: “Tal... é batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

[...] Se realiza a administração dos três sacramentos em uma única celebração, na qual são administrados o Batismo, a Confirmação e Eucaristia. O Batismo realiza-se com a tríplice imersão e o interrogatório sobre a fé nas três pessoas da Santíssima trindade; a Confirmação é conferida mediante imposição das mãos [...], e da unção; a Eucaristia conclui a iniciação (QUEZINI, 2013, p. 26).

Os neófitos, que foram gerados no seio da igreja, renasceram para a vida nova; vida em Cristo, por isso ainda deveriam ser alimentados por ela. Logo após o batismo os neófitos recebiam as vestes brancas, símbolo da purificação, da inocência batismal e da vida nova em Cristo. Enfim, a iniciação sacramental terminava com o ápice, a celebração da eucaristia; os neófitos saídos do batistério entravam em fileira na sala da eucaristia, onde eram acolhidos pela comunidade dos fiéis. Habitualmente ocupavam um lugar a eles reservado e pela primeira vez tomavam parte à celebração eucarística, que iniciava com o ofertório e se aproximavam da mesa da eucaristia. O neófito completava com sua participação ao mistério pascal e assim era plenamente inserido na igreja.

Os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia constituem a última etapa. Os eleitos, tendo recebido o perdão dos pecados, são incorporados ao povo de Deus, tornam-se seus filhos adotivos, são introduzidos pelo Espírito Santo na prometida plenitude dos tempos, pelo sacrifício e a refeição eucarística, antegozam do Reino de Deus (RICA, 2013, n. 27).

Na semana seguinte a páscoa, os recém batizados eram introduzidos na compreensão dos mistérios celebrados na vigília pascal com catequeses mistagógicas que eram dadas habitualmente pelo bispo. Este era o último tempo do processo de iniciação que era conhecido como o período da mistagogia. “Esse tempo tem o objetivo de levar os iniciados na fé a obter um conhecimento mais pleno dos

sacramentos recebidos na vigília pascal. É, sem dúvida, o prolongamento da experiência espiritual vivida pelos iniciados" (CARVALHO, 2015, p. 61-62).

Por fim, o catecumenato antigo compreendia um processo de acolhida, acompanhamento, formação e experiência sacramental na qual a pessoa se convertia e tornava-se cristã. O objetivo do catecumenato era levar o futuro membro pelo batismo à participação do mistério da morte e ressurreição de Cristo, receber pela confirmação, a plenitude dos dons do Espírito Santo, e pela eucaristia unido ao corpo e sangue de Cristo. Todo o processo terminava com as catequeses mistagógicas dadas à semana seguinte a páscoa, isto é, na oitava de páscoa ou durante todo o período pascal que ia até pentecostes, então com duração de 50 dias.

No início do século IV os cristãos eram minoria dentro do império romano, mas com uma força de atuação que influenciou o imperador Constantino, não perdendo de vista os seus interesses na administração do império, porém o fez garantir liberdade de culto dentro do território. Com a tolerância em 313 d.C., depois, a oficialização do cristianismo como religião por Teodósio em 380 d.C., inicia-se o período de decadência do processo de iniciação. A nova situação, positiva em alguns aspectos, atingira de forma negativa o processo catecumenal. As consequências destas mudanças foram terríveis para a subsistência do processo, por isso ela começa definhando e nas proximidades do século IX deixa de existir. Percebe-se pelas consequências:

[...] O Batismo se massifica, há uma redução das estruturas de iniciação, o número de catecúmenos aumenta exageradamente, desaparecem as motivações para o catecumenato; pode-se chegar a ser considerado cristão muito facilmente e abre-se a possibilidade do batismo às crianças (LIMA, 2009, p. 10).

O número de catecúmenos era engrossado também pelos filhos dos pais batizados que, carentes de uma catequese integral e profunda, preferiam adiar as responsabilidades batismais. Não é de estranhar que muitas pessoas passaram a buscar o batismo por interesses outros, mas que estava longe do real motivo deste sacramento. A pretensão, por exemplo, de ser cristão para poder entrar na política ou dela ser beneficiado, conseguir o matrimônio desejado ou agradar o patrão etc., era algo, também, motivador. A igreja considerava como cristãos os catecúmenos, isso tinha como consequência que muitos se instalavam nessa situação, adiando o batismo até o fim da vida. A noção corrente da época era que o batismo, sacramento

que tudo perdoava, proporcionava muitas mudanças na vida dos iniciados e por isso adiavam por tempo indeterminado a data do batismo.

Não era mais o amor a Cristo que impulsionava as pessoas a buscarem uma mudança de vida, uma adesão profunda ao Reino de Deus. O que prevalecia eram os interesses políticos, pois a pessoa que se declarava cristã possuía agora alguns privilégios e isso era o mais forte do que real o desejo de conversão (QUEZINI, 2013, p. 24).

O ato de converter-se deixou de ser exigência. Os ritos que marcam a entrada no catecumenato já não significavam a conversão que outrora era indispensável. A conversão ficou limitada propriamente para o período da quaresma. O catecumenato foi definhando até que se reduziu ao período da quaresma, mas apenas como uma instrução formal. Em quarenta dias devia acontecer a instrução doutrinal sobre o símbolo dos apóstolos e pai-nosso, o exercício moral e a iniciação litúrgica. A desvalorização do processo catecumenal iniciada no século IV avança de forma rápida. O catecumenato vai deixando de ser processo para se transformar em estado; o batismo passa de dom a direito, os símbolos e ritos com os quais se enriquece o decurso do processo tem cada vez menos importância. E chegando a idade média a catequese fica conhecida como catequese social, não existindo mais algo tão longo e importante para as comunidades cristãs que era o processo de Iniciação Cristã.

A Igreja passou a ocupar o centro de toda a realidade, quase não havendo mais separação entre o religioso e profano, pois a cidade e paróquia se confundem. O tempo torna-se litúrgico: isso transparece nos ritmos do tempo que marcavam o domingo e as festas cristãs. Todo momento importante da comunidade era celebrado social e liturgicamente, sem haver também separação entre a festa profana e as celebrações religiosas: vida cotidiana e vida litúrgica se misturavam. Há uma total interação entre fé e vida! (LIMA, 2016, p. 33).

Em muitas ocasiões bastava a conversão do príncipe para que se convertesse todo o povo. Como consequência, tiveram batismo em massa sem que as pessoas interessadas tivessem recebido a devida instrução. Dessa forma a igreja foi crescendo em números, porém seus membros careciam daquela formação pessoal, fundamentada que o catecumenato propiciava. As formas pensadas de se evangelizar foram primeiro através de pregação litúrgica para as pessoas que não haviam recebido a catequese antes do batismo. Nestas homilias tinham alguns temas a serem trabalhados como: condenação a idolatria, existência de um Deus único e criador que

enviou seu filho para salvar os homens, história da salvação, batismo, vícios e pecados. Outra forma seria nas escolas que eram criadas em torno de mosteiros, catedrais e das paróquias, mas sua preocupação inicial era principalmente com os candidatos ao sacerdócio. Uma terceira opção de evangelização era através da família como destinatária da pregação, pois as exortações eram dirigidas aos adultos, porém estas reduziam-se a explicar simplesmente ao do longo ano litúrgico o credo, pai nosso, o decálogo e a lista das virtudes e dos vícios. A quarta perspectiva era através das imagens que são importantes para a educação medieval.

Torna-se a sociedade europeia oficialmente cristã, ou seja, uma cristandade. A cidade cresce ao redor de um mosteiro, catedral ou paróquia; as artes plásticas, literárias e principalmente musicais servem ao culto; a legislação inspira-se na moral cristã; os trabalhadores pertencem a grêmios dotados de santos patronos; nos hospitais e escolas para os pobres – inexistentes nas culturas não cristãs – atende-se por caridade. O povo contempla pinturas, vitrais e esculturas religiosas nos templos, participa dos sacramentos, procissões, peregrinações e múltiplas devoções [...] (CELAM, 2007, p. 62).

Nesta época a vida familiar e social eram completamente mergulhadas no religioso. Neste ambiente o cristão não tem razão para fazer o caminho da iniciação cristã, pois o povo se torna cristão naturalmente, do mesmo modo como se aprende a língua materna. As crianças, ao crescerem, vão aprendendo a expressar a fé, a partir dos ritos. Por conta da forma de evangelização adotada na idade média, ao atingir a metade deste período histórico a catequese encontrava-se em momento de grande decadência. A ignorância religiosa profunda torna-se generalizada e a sociedade cada vez mais descristianizada, isto por conta da falta de vivência da fé e ausência da base bíblica, deixaram que tudo se voltasse para um moralismo, um descuido da liturgia que ficou muito formal, sem compreensão nem participação dos fiéis e para completar a maioria dos padres também eram despreparados.

Nesse longo período medieval não havia estruturas nem instituições de catequese, quer de crianças, quer de adultos. A fé era transmitida no seio família e nas atividades dos dia a dia. Pais e padrinhos assumiam no momento do Batismo o compromisso de educação da fé. Era uma catequese viva, feita de imitação e testemunho: sem esforço, aprendia-se com os adultos a pensar, a julgar, a rezar, a crer e obedecer às mesmas leis e autoridades (LIMA, 2016, p. 33).

A realidade da catequese, como também da própria igreja, é nítida, neste período histórico, a necessidade de uma reforma que começa a ser pensada por alguns, muitos anos antes do século XVI, mas somente depois da reforma protestante e como forma de combatê-la foi realizado o concílio de Trento (1543 a 1563). No campo catequético muitas formas de reestabelecer o catecumenato foram buscadas.

[...] As necessidades de evangelização do novo mundo exigiram uma tentativa de aplicação do catecumenato. Assim, os Concílios do México, Lima e Quito prescrevem uma preparação prolongada da fé antes que administre o batismo aos novos povos que ingressam na Igreja. Na Índia os jesuítas instauram as “casas de catecumenato” de S. Inácio (1522). Surgem também iniciativas particulares (não oficiais) tentando restabelecer o catecumenato (LIMA, 2009, p. 11).

O resultado do concílio para a catequese foi o Catecismo Romano publicado pelo papa Pio V em 1566, mais conhecido porém, como Catecismo de Trento. Era um manual de pregação destinado aos párocos, que não deveria ser lido para o povo. A partir deste, muitos outros manuais foram preparados de forma mais simplificada para o trabalho imediato da catequese. Como consequência, houve a difusão de uma grande quantidade de catecismos com características de manual com conceitos e doutrinas, mas que eram trabalhados como forma de perguntas e respostas. E priorizavam a memorização das respostas, como também, não havia uma preocupação em unir fé e vida, haja vista, que o ensinamento a partir da bíblia não existia, pois o povo não tinha acesso a Palavra. “O Pe. Andrés Manjón começa em Granada (1889) as *Escolas do Ave Maria*, onde, em vez de fazer memorizar os manuais [...], propõe-se a ensinar a doutrina cristã [...]” (CELAM, 2007, p. 78). Mas o catecismo não é uma prática exclusivamente católica, na verdade nasceu antes do concílio no seio da igreja, mas houve uma grande repercussão depois que Martinho Lutero confeccionou e publicou seu catecismo em 1529. “[...] O estilo ‘catecismo’ se afirma a partir dos reformadores do séc. XVI” (NERY, 2001, p. 71). Na mesma corrente o reformador Calvino também publicou o primeiro catecismo em 1536¹⁸.

¹⁸ A partir da Reforma e Contrarreforma, nasceu a ‘era dos catecismos’, perdurando até as portas do Vaticano II [...]. Em termos catequéticos, podemos concluir que, com isso, a Igreja voltava a ter uma estrutura educativa estável e definitiva: uma atividade (doutrina cristã a ser desenvolvida no âmbito da paróquia) e um instrumento-texto (o catecismo). (LIMA, 2016, p. 39-40).

3.2. Catequese pós Concílio Vaticano II

Ao tratar do aspecto essencial dessa pesquisa, a saber: catequese pós Concílio Vaticano II, é importante sublinhar que existiu todo um movimento muito antes da convocação do Concílio Vaticano II. No século XIX tiveram iniciativas não oficiais buscando restabelecer o catecumenato. Mas o cardeal Charles Martial Laviguerie (1825-1892), também professor de história da Igreja em Paris, arcebispo de Argel-Cartago e fundador da congregação dos padres Missionários da África, conhecidos popularmente como padres brancos, adotou no território de missão, junto aos povos africanos, o método de evangelização a partir do catecumenato com duração de quatro anos. Este método é um retorno as fontes das comunidades primitivas. Os catecúmenos eram divididos em grupos:

- a) *Postulantes*: recebem instrução elementar: primeira evangelização, Querigma.
- b) *Catecúmenos*: recebem instrução catequética ampla e profunda: logo tempo do *Catecumenato*.
- c) *Candidatos aos Batismo*: passam pelos rigorosos escrutínios e são admitidos na Comunidade pela recepção dos Sacramentos da Iniciação (LIMA, 2009, p. 11).

No decorrer do século XX, várias experiências em busca de uma nova maneira de catequizar restabelecendo o catecumenato foram colocadas em prática em diversos lugares, mas o local que fora tomado como experiência impulsionadora foi em Lião na França nos anos 50. Este foi um movimento que aos poucos se espalhou por toda a Europa. Na Bélgica e França a preocupação era com a iniciação de convertidos adultos que não eram batizados; já em países como Suíça, Alemanha e Holanda fez-se a experiência de catecumenato ecumênico, ou seja, com a participação de cristãos de outras denominações. Espanha, Itália, Portugal focam em iniciar à comunidade os já batizados que precisam de conversão. Nos Estados Unidos também tiveram experiências voltadas para o catecumenato (LIMA, 2009).

Na Europa, a restauração do catecumenato nasceu na França, nos anos cinquenta, especialmente em Lião (a partir de 1953) e em Paris, onde se institucionalizou o catecumenato para adultos que se interessam pelo cristianismo e solicitam o batismo. A experiência francesa deu origem a um verdadeiro movimento de reflexão e práxis que se estendeu também a outros países. É uma forma de caminho catecumenal que, assumindo no sentido amplo a lição do catecumenato antigo, reproduz sua estrutura em forma moderna, com grande sensibilidade para cada uma

das pessoas interessadas, para suas exigências e seu ritmo de crescimento na fé (ALBERICH E. 2001, p. 28).

Desse modo, fruto das experiências mencionadas, como também dos bispos que proviam de terras missionárias, principalmente África e Ásia, e que já buscavam colocar em prática a iniciação junto àqueles que queriam o batismo, houve uma procura em retornar às origens das comunidades primitivas ao restabelecer o processo catecumenal como método para chegar a um amadurecimento de fé a todos aqueles que queriam o batismo. Tornou-se, pois, concretizado este desejo na publicação da primeira Constituição Dogmática aprovada no Concílio Vaticano II intitulada de *Sacrosanctum Concilium*.

Restaure-se o catecumenato dos adultos, com vários graus, introduzindo-se seu uso segundo o parecer do Ordinário do lugar, de modo que o tempo do catecumenato, dedicado à conveniente instrução, possa ser santificado por meio de ritos sagrados que se hão de celebrar em ocasiões sucessivas (SC, 1997, n. 64).

A urgência em modificar a forma de instrução, ensinamento para os que se aproximam da igreja, exige uma resposta dos bispos conciliares, por isso o *Decreto Ad Gentes* vem reforçar e acrescentar o que já tinha sido promulgado pela *Sacrosanctum Concilium*. Os bispos deixam expresso que tipo de catequese deve-se delinear, insistindo não somente no objetivo de iniciação aos sacramentos, mas em se ver como consequências da adesão do discípulo ao seu Mestre. O texto da *Ad Gentes* também resgata algo que fora perdido entre os séculos IV e V que foi a separação de liturgia e catequese, pois os catecúmenos farão a experiência de discípulo a partir do celebração dos ritos existentes no processo.

Aqueles que receberam de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo, sejam admitidos ao catecumenato, mediante a celebração de cerimônias litúrgicas O catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação de toda a vida cristã e uma aprendizagem efetuada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos e com ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus (AD, 1997, n. 14).

A partir destas linhas traçadas no Concílio, a catequese orienta-se pela tarefa de fazer descobrir e acolher à luz das experiências bíblicas, a mensagem que, a partir

da vida, Deus dirige a todos os seres humanos. Somente se esta mensagem for capitada como fazendo parte da própria vida, o indivíduo será capaz de experienciar o mistério que está por se revelar. É um processo de aproximação dos acontecimentos vividos com a palavra, mas que o compromete e dará sentido a própria existência, pois é a boa nova que transforma a vida. Esta dinâmica entre fé e vida é o que, efetivamente contribui para o avanço, pós Vaticano II, do entendimento catequético e a atenção que deve ser dada à realidade humana, lançando mão dos conhecimentos científicos existentes a luz da fé. “A finalidade definitiva da catequese é a de fazer com que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo” (DGC, 1998, n. 80). O papa João Paulo II, ajuda nesta compreensão em sua exortação apostólica *Catechesi Tradendae* ao abordar a finalidade da catequese.

[...] A finalidade da catequese, no conjunto da evangelização, é a de construir a fase de ensino e de ajuda à maturação do cristão que, depois de ter aceitado pela fé a Pessoa de Jesus Cristo como único Senhor e após ter-lhe dado uma adesão global, por uma sincera conversão do coração, se esforça por melhor conhecer o mesmo Jesus Cristo, ao qual se entregou: conhecer o seu “mistério”, o Reino de Deus que Ele anunciou, as exigências e promessas contidas na sua mensagem evangélica e os caminhos que Ele traçou para todos aqueles que O querem seguir (CT, 1982, n. 20).

A luz do Concílio o magistério vai aos poucos produzindo fontes essenciais para que seja possível entender a catequese catecumenal no processo de evangelização e solidificar a formação dos fiéis, pois como coloca o papa João Paulo II, toda a igreja deve dá prioridade a catequese (CT, 1982). Então,

[...] a catequese de iniciação, sendo orgânica e sistemática, não se reduz ao meramente circunstancial ou ocasional; sendo formação para a vida cristã, supera – incluindo-o – o mero ensino; e sendo essencial, visa aquilo que é “comum” para o cristão [...]. Enfim, sendo iniciação, incorpora na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé. Realiza, portanto, ao mesmo tempo, tarefas de iniciação, de educação e de instrução. Esta riqueza, inerente ao Catecumenato dos adultos não-batizados, devem inspirar as demais formas de catequese (DGC, 1998, n. 68).

Faz-se necessário apresentar alguns documentos publicados após o Concílio Vaticano II, que traduz o pensamento da igreja sobre o resgate do processo de iniciação cristã e como deve ser aplicado hoje, posto que, um processo formativo que

fora montado a partir dos desafios vividos nos primeiros séculos do cristianismo não pode ser colocado em prática da mesma forma no contexto atual. O período histórico é outro e a mentalidade também; a produção cultural muito pujante em relação ao passado.

Ao iniciar com as conclusões da Conferência Episcopal de Medellín em 1968, que postulou em seus escritos sobre catequese, enfatizou ser eminentemente evangelizadora alcançando a evangelização dos batizados e a re-evangelização dos adultos (LIMA, 2009). A leitura que os bispos latino-americanos fizeram sobre o que postulou o Concílio foi que a catequese além dos adultos não batizados, deveria re-evangelizar os batizados adultos não convertidos. Em 1971 foi publicado o Diretório Catequético Geral, que trabalha com a perspectiva da catequese com adultos. Seria esta a principal forma de catequese e a partir dela se organizaria as demais formas do processo catequético. No ano de 1972 foi publicado o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos.

[...] foi o *ritual* que renovou o batismo de adultos, que desde o Concílio de Trento estava vinculado ao ritual do batismo de crianças (fazia-se uma “adaptação” aos adultos). Essa urgente necessidade litúrgica (renovação do rito do batismo de adultos) levou a restauração do *sério e profundo processo de preparação de adultos para o batismo*, como era feito na primitiva comunidade cristã através do catecumenato. De fato, o RICA não é mero ritual do batismo, mas da iniciação cristã, tal como se dá a entender nos *praenotanda* (CEPABC, 2010, p. 78).

O Papa Paulo VI, no ano de 1975, deu uma grande contribuição à catequese de iniciação ao escrever a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, que direcionou o pensamento para a necessidade de desenvolver outra forma de catequese para atender as exigências do mundo atual.

[...] Verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a ele se entregar (EN, 2017, n. 44).

Como resultado do Sínodo dos Bispos no ano de 1977, o papa João Paulo II, recolheu todas as contribuições feitas e escreveu a exortação apostólica *Catechesi Tradendae* direcionada à catequese. Reafirma, o então Papa, a importância da catequese com adultos como a “principal forma de catequese” (CT, 1982, n. 43). Ao

abordar os destinatários do processo catequético apontou para a necessidade de instruir os que foram batizados, mas não aprofundaram sua experiência de fé, ou seja, o cuidado com a catequese com adultos que necessitam sedimentar o que acreditam.

Dentre todos os adultos que têm necessidade de catequese, um solícito pensamento pastoral e missionário me vai agora para aqueles que, nascidos e educados em regiões ainda não cristianizadas, nunca puderam aprofundar a doutrina cristã, que as circunstâncias da vida alguma vez lhes permitiram encontrar; vai também para aqueles que na sua infância receberam uma catequese correspondente a tal idade, mas que em seguida se afastaram de toda a prática religiosa e se acham na idade madura com conhecimentos religiosos prevalentemente infantis; vai depois para aqueles que se ressentem de uma catequese precoce, mal orientada e mal assimilada; e vai, por fim, para aqueles que, embora nascidos em países cristãos, que o mesmo é dizer num ambiente sociologicamente cristão, nunca foram educados na sua fé e são, chegados à idade adulta, verdadeiros catecúmenos (CT, 1982, n. 44).

Dentro deste espírito de pensar uma nova forma de catequese e estruturá-la para o bom funcionamento, a igreja no Brasil lançou em 1983 o Documento Catequese Renovada que é inspirado nas ideias da *Gaudium et Spes* e *Dei Verbum*. Por isso, repete o que trouxe o *Diretório Geral da Catequese* e *Catechesi Tradendae* de João Paulo II, ambos dos anos 70. “A Catequese comunitária de adultos, longe ser apêndice ou complemento, deve ser o modelo ideal e a referência, a que devem subordinar todas as outras formas de atividade catequética” (CT, 1982, n. 120).

Outra obra a ressaltar é o catecismo da Igreja Católica com sua primeira edição publicada em 1992, e que em vários momentos, aborda a iniciação cristã, e ao abordá-la traça elementos essenciais que a caracteriza. “[...] Anúncio da Palavra, o Acolhimento do Evangelho acarretando uma conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à Comunhão Eucarística” (CIC, 1997, n. 1229).

Ainda buscando atualizar o *Diretório Catequético Geral* que tinha sido publicado em 1971 a Igreja lançou em 1997 o *Diretório Geral da Catequese*. Este acentua a catequese a serviço da iniciação cristã, por isso, o documento toma uma importância considerável, não que os demais já não tivessem mencionado que o processo catecumenal também deveria contemplar os batizados não evangelizados, mas a partir dele, ganha evidência para que o estilo catecumenal seja o método de todas as formas de catequese. “O DGC consagra, para toda a Igreja, a dimensão catecumenal,

como essencial para qualquer tipo de catequese, batismal ou pós-batismal, para adultos, jovens e crianças” (LIMA, 2009, p. 17).

Assim como o Documento Catequese Renovada, a II Semana Brasileira de Catequese (08 a 12/10 de 2001) direcionou sua discussão em torno da catequese com adultos, não perdendo de vista a catequese iniciática, por isso o tema foi: Com Adultos catequese adulta: rumo a maturidade em Cristo. Já a III Semana Latino-americano de Catequese (01 a 06/05 de 2006) realizado em Bogotá na Colômbia teve como objetivo: “dar uma contribuição, a partir da catequese, para a V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, propondo caminhos que ajudem na formação de autênticos discípulos missionários [...]” (LIMA, 2009, p. 20).

Um documento muito aguardado na igreja do Brasil foi o *Diretório Nacional de Catequese*, publicado em 2006, pela CNBB, que traz a marca de uma catequese evangelizadora. Tem como propósito último, formar discípulos, seguidores do mestre Jesus. E quanto a sua metodologia apresenta estratégias de iniciação não somente doutrinal, mas como processo catecumenal.

Nesse contexto, serão abordados dois documentos, o primeiro é a conclusão da V Conferência do Episcopado Latino-americano de 2007, que vai de forma direta chamar a atenção para a urgência em assumir o processo iniciático na evangelização.

Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para seu seguimento, ou não cumpremos nossa missão evangelizadora. Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade de iniciação cristã [...] (Dap, 2007, n. 287).

Por último, temos o *Documento 107 da CNBB*, este lembra que é urgente a revisão de nosso processo de transmissão de fé em todos os âmbitos: “pastoral ordinária, dos batizados que não vivem as exigências do Batismo e daqueles que não conhecem ou recusam o Evangelho” (CNBB, 2017, p. 15). Por isso, assume a iniciação à vida cristã com a inspiração catecumenal como lastro para desenvolver uma catequese que forme discípulos missionários.

Ao longo dos anos e mediante a elaboração dos documentos relacionados, percebe-se um alargamento, uma melhor compreensão do que venha a ser catequese. Portanto, os documentos contribuíram para o enriquecimento da evangelização e pastoral catequética, de modo que hoje não se concebe uma catequese que não seja antropológica ou experiencial, comunitária, cristocêntrica,

bíblica, orante, celebrativa, comprometedora e libertadora. A finalidade é compreender a catequese iniciática não apenas voltado para catecúmenos, mas também para catequizandos que necessitam de uma maior re-iniciação na fé ou mesmo precisam complementar a própria iniciação.

Conclusões

Como já foi exposto, as catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, permitem, com os seus ensinamentos, a percepção de uma realidade que, na sociedade atual, enfrenta e se impõe como desafios que interpelam o cristão. Diante disso, vê-se pontos em comum entre a mistagogia de Cirilo de Jerusalém e a de hoje, compreendida como fio condutor da experiência da catequese de inspiração catecumenal que fora cunhada após o Concílio Vaticano II e trabalhada nos documentos pós conciliares.

Para frei João Fernandes Reinert há uma fidelidade à caminhada da Igreja e, na experiência atual, estão presentes fundamentos teológicos e princípios que estruturam uma mistagogia em tempos atuais (REINERT, 2019). Esta não é entendida tão somente como o último tempo do processo de iniciação cristã, mas uma forma de trabalho transversal que perpassa todo o processo iniciático e o caracteriza. Para isso é necessário uma verdadeira catequese de inspiração catecumenal, atenta aos sinais dos tempos e aberta a realidade em que a rodeia. Esta experiência catecumenal também é fonte de criatividade fecunda, no Espírito de Deus que a move. “Refere-se a tudo aquilo que conduz ao encontro com Cristo que gera experiência de fé, conversão, discipulado, missão” (REINERT, 2019, p. 24).

Consciente do distanciamento histórico entre os dois contextos, abre-se um diálogo entre estas duas realidades. No contexto de Cirilo, destaca-se a metade do século IV, período no qual a dogmática cristã está se estruturando e procura responder às questões consideradas heréticas pelas lideranças da comunidade cristã. A preocupação dos Padres da Igreja com a iniciação cristã, da qual Cirilo participa, dirige-se a firmar a identidade cristã, manter unidade eclesial, ser testemunha e avançar com o mandato missionário. Sendo que, o processo catequético integrava a catequese e a liturgia, a experiência pessoal e o acompanhamento comunitário, a fé e a vida. Então, a mistagogia é consequência de seu contexto teológico, marcado pelas grandes discussões acerca do mistério humano-divino de Jesus. Esta realidade

subsídia e favorece uma abordagem catequética centrada na pessoa de Jesus Cristo, espiritualidade, de sua compreensão teológica e de um processo catecumenal que integrava espiritualidade e anúncio querigmático. Tudo isso aconteceu na cidade de Jerusalém, marcada pela experiência radical do Mistério pascal e nascedouro das primeiras comunidades cristãs. Cirilo é um mistagogo, um mediador no processo de revelação, que procura conduzir cada iniciante à abertura e à entrega existencial ao mistério que já reside em sua vida e em seu coração.

A catequese de inspiração catecumenal como processo nos dias de hoje é orientado a partir do manual litúrgico denominado RICA que, ao mesmo tempo, dialoga com a realidade dos catecúmenos, buscando responder às suas questões existenciais e conduzi-los, passo a passo, à experiência de abertura ao mistério de Deus presente em suas vidas. Seja Cirilo de Jerusalém, em seu tempo, seja o catequista de hoje, partilham da espiritualidade, das orientações do magistério, e procuram estruturar os encontros do grupo de catecumenato no eixo mistagógico. A catequese atual, que tem sua inspiração no processo iniciático da igreja primitiva, entende e trabalha sua formação tendo a mistagogia como fio condutor de todo o processo em busca de formar cristãos capazes de dar testemunho da sua fé na sociedade hodierna.

A mistagogia, na metodologia catecumenal, está na linguagem, nos ritos celebrativos, na gradualidade do processo, na densidade da experiência, na acolhida, na comunidade, no catequista, no introdutor, no padrinho, na Palavra, nos sacramentos celebrados e vividos, enfim está em cada instância ou elemento que auxiliam no encontro com Cristo e com a comunidade eclesial. Todas essas dimensões são canais de encontro e de experiência (REINERT, 2019, p. 24)

A partir deste breve entendimento dos dois tempos catecumenais – Cirilo de Jerusalém no século IV e a catequese de inspiração catecumenal em nossos dias – pode-se constatar que estamos diante de duas formas de catequese semelhantes, mesmo distantes no tempo, possuem proximidades quanto ao seu enraizamento no mandato missionário e no caminho do seguimento de Jesus. E como afirma Reinert, citado anteriormente, a ideia de fidelidade à igreja e a criatividade no diálogo com os iniciantes são outros elementos comuns aos dois tempos catecumenais.

O que desejamos assinalar é que tanto a experiência do catecumenato primitivo como as orientações do RICA, apesar de sua distância no tempo e no contexto histórico e social, possuem

um eixo mistagógico em sua base, e que também se torna orientador do processo de iniciação cristã. Nesse mesmo sentido, ousamos estender a vertente mistagógica, não apenas para a iniciação de adultos, e sim para ação evangelizadora nas suas mais diversas formas de atuação e de atividades pastorais e catequéticas (COSTA, 2014, p. 170).

O contexto em que viveu Cirilo, berço da sabedoria patrística é rico, fonte na qual a igreja bebe e procura, nos diversos períodos da história, retornar e perseverar em seus fundamentos, como tesouro da caminhada cristã que deve ser preservado e, ao mesmo tempo, encarnado no hoje da evangelização. A catequese de inspiração catecumenal em nossos dias, também participa desta realidade por procurar beber nessa fonte, pois o Concílio Vaticano II direcionou a catequese ao retorno a fonte da iniciação cristã primitiva para poder responder ao dinamismo da palavra segundo as situações concretas com as quais a catequese dialoga e dar prosseguimento à espiritualidade recebida pela tradição.

Em suma, pode-se resumir estes dois tempos catecumenais como fruto dos esforços do diálogo entre o processo catequético iniciático – fonte primeira, e a catequese de inspiração catecumenal hoje, reflexão segunda. Na dinâmica suscitada por este retorno as fontes, a comunidade eclesial é interpretada no tempo como *kairós*, ou seja, é tempo propício do sopro divino que tudo renova e conduz ao seu berço. Em tempos de mudança de paradigma para toda forma de fazer catequese, enxerga-se através dos documentos do magistério um sinal de esperança, um novo *kairós* propiciado por uma nova situação que pede para ser lida como chave dos sinais dos tempos. Estabelecido, agora, esta “nova velha” forma de catequese pode-se extrair, a partir da análise das duas experiências catecumenais as categorias que fundamentaram cada uma e, alicerçado em diálogo com cada contexto, na qual estão inseridas, podem ser diagnosticados os fundamentos que constroem o chão para que a dinâmica mistagógica aconteça na catequese iniciática hoje.

No que diz respeito à identidade da iniciação cristã, acredita-se que o termo itinerário está mais de acordo com a compreensão de caminho progressivo, de caminho catecumenal. A ideia de caminho, de itinerário, fecunda a mistagogia e favorece uma nova sensibilidade pastoral. O processo de iniciação dos primeiros séculos expressa a originalidade e a sabedoria presentes nesta tarefa missionária da igreja naquele tempo. Por conta da dinamicidade do processo, o mesmo faz um convite de acolhimento a esta herança patrística e, em condições novas, reencontrar

os caminhos para que a mesma proposta da mistagogia possa ser resgatada em chave contemporânea. Como diz Lelo: “A formação catecumenal, mais do que como doutrinação, é focada como discipulado cuja característica principal consiste em adquirir um modo de ser e viver consoante ao de Jesus” (LELO, 2008, p. 19).

Ao focar na mistagogia evidenciada nas catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, foi fundamental na busca da origem deste entendimento e identificação de princípios para a práxis da mistagogia. A questão inicial era se esses princípios estruturais ainda continuavam sendo válidos para a iniciação à vida cristã nos dias de hoje. Não temos como transferir os elementos do tempo de Cirilo para o nosso tempo, como uma réplica catequética fiel, mas descobrir neles sua base teológica e metodológica a fim de estabelecermos um diálogo entre a mistagogia ciriliana e a mistagogia contemporânea.

É importante observar que, segundo o entendimento dado aos documentos do magistério depois do RICA, ao tratar da iniciação cristã e da mistagogia não falam de duas realidades distintas, mas de um mesmo processo: uma experiência de caminho espiritual que encontra seu fundamento na revelação, na iniciativa de Deus e na caminhada da igreja, sinal e sacramento de Jesus no mundo. Além dos fundamentos teológicos que constroem a base para o processo mistagógico, a mistagogia necessita contar com uma estrutura que a oportunize e, neste sentido, todos os tempos que compõem o processo formativo devem ser vistos com a perspectiva mistagógica. Reinert discorre sobre o primeiro tempo do processo catecumenal a partir da mistagogia.

A proclamação do querigma, da Boa-Nova, tem como exigência a mistagogia; ou seja, é necessário proclamá-los mistagógicamente. Vigora, portanto, uma relação inseparável entre querigma e mistagogia [...].

O anúncio querigmático não é uma proclamação doutrinária. Ele é realizado mistagógicamente, torna-se algo contagiante e envolvente, apaixonante, provocativo, dinâmico, convicto [...] (REINERT, 2019, p. 24).

Por fim, para que se construa este processo, não são suficientes os pressupostos, mas também um conjunto de princípios que se articulam e se integram mutuamente. Para identificar os princípios capazes de construir uma metodologia mistagógica na catequese de inspiração catecumenal hoje, é preciso dialogar com a mistagogia de Cirilo e a prática mistagógica pensada a partir do RICA. Esses princípios mistagógicos são “[...] a centralidade da Liturgia, o ponto de referência na

Sagrada Escritura, a comunhão com o Povo de Deus a caminho, a contemplação da presença de Deus no mundo [...]” (COSTA, 2015, p. 147).

Acredita-se que, esse trabalho, oportunizou apresentar um tratamento teórico de uma temática que faz convergir a tradição (histórica) e o tempo atual. Pensar os rumos da igreja católica, em sua face catequética, faz compreender que, assim como nos primeiros séculos do cristianismo, muitos são os desafios e muitas são as necessidades enfrentadas pela comunidade cristã em sua caminhada de formação, compreensão e adesão aos mistérios da fé. De modo que, com a modéstia que deve caracterizar todo trabalho científico, acredita-se ter contribuído para os estudos da religião ao estabelecer os vínculos originários entre aquele que foi, e permanece sendo, um dos grandes pilares em matéria de iniciação cristã, e os documentos contemporâneos que demarcam a exigência de um retorno às fontes históricas, como possível saída para os desafios, nos quais a cristandade católica encontra-se inserida como questão presente, mas também, delineadora de um futuro a ser construído. Assim, o pensamento de Cirilo de Jerusalém figura como paradigma para os que buscam entender os processos sociais, teológicos e místicos da fé cristã.

Referências

- ALBERICH, E. *Formas e modelos de catequese com adultos: panorama internacional*. São Paulo: Editora Salesiano, 2001.
- AKAMINE, Dom Julio Endi. *Iniciação à Vida Cristã: Catequese Catecumenal*. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/regiaolapa/vigário-episcopal/artigos/iniciação-a-vida-crista-catequese-catecumenal>.2014. Acesso: 02/02/2019.
- AMBRÓSIO de MILÃO. *Sobre os Mistérios*. Introdução e notas de Roque Frangiotti. Tradução de Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva. São Paulo, Paulus, 1996.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BINGEMER, M.C. (Org). *A mística hoje – Um novo momento, uma nova configuração, novos desafios*. Direção de Maria Clara Bingemer. São Paulo: Paulus, 2012. 1 DVD (47 min.).
- BOFF, Leonardo. *O despertar da Águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. 25 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.
- BUYST, Ione. *Celebrar com Símbolos*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CARTA A DIOGNETO. *Padres Apologistas*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.
- CARVALHO, Humberto Robson de. *Ministério do catequista: elementos básicos para a formação*. São Paulo: Paulus, 2015.
- CASEL, Odo. *El Misterio del Culto Cristiano*. San Sebastián: Ediciones Dinor, 1953.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1997.
- CENTRO CATEQUÉTICO DIOCESANO – Diocese de Osasco. *Querigma e Mistagogia: Caminhos à Iniciação Cristã*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequese Mistagógicas*. Tradução de Frederico Vier. Introdução e notas de Frei Fernando Figueiredo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1977.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário Catequético: Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília/DF, Edições CNBB, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Vaticano II, Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia, 1963*. Org. Lourenço Costa. Tradução Tipologia Vaticana. São Paulo, Paulus, 1997.

_____. *Documentos do Vaticano II, Decreto Ad Gentes Sobre a Atividade Missionária da Igreja, 1965*. Org. Lourenço Costa. Tradução Tipologia Vaticana. São Paulo, Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília/DF: Edições CNBB. 2005. (Documento da CNBB n. 84)

_____. *Iniciação à Vida Cristã: Um processo de inspiração catecumenal*. Brasília/DF: Edições CNBB, 2009. (Estudos da CNBB 97)

_____. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília/DF: Edições CNBB. 2017. (Documento da CNBB n. 107)

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da V Conferência do Episcopado Latino-Americano - Aparecida*. Brasília, Edições CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007.

_____. *Manual de Catequética*. Tradução de Maria Paula Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2007.

COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia hoje: o regate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e a experiência atuais*. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. *A mistagogia em Cirilo de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015.

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução: Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. 3º ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

DODDS, E.R. *Paganos y cristianos en una época de angustia*, trad. J. Valente Malla, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

HAMMAN, A. G. *Para ler os padres da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2002.

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*. Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas, 1982.

JUSTINO DE ROMA. *I e II apologias: diálogo com Trifão*. Introdução e notas Roque Frangiotti. Tradução de Ivo Storniolo e Eurides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.

KALMBACH, P. *Batismo e confirmação nos primeiros cinco séculos da Igreja Cristã*, Estudos Teológicos, 42(3):17-28, 2002, Disponível em: http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4203_2002/kalmbach2_3.pdf

LELO, Antonio Francisco. *A Iniciação Cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. *Catequese com estilo catecumenal*. São Paulo: Paulinas, 2008.

LIMA, Luiz Alves de. *A iniciação cristã ontem e hoje*. In: Revista de Catequese 31, n. 126, abril-junho 2009, p. 06-22.

_____. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2016.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. 5º ed. Belo Horizonte/MG: Editora O Lutador, 1997.

MARESCHINI, C. e NORELLI, *História da literatura cristã, grega e latina*, trad. Marcos Bagno, São Paulo: Loyola, 2000.

MENDONÇA, Pe. João. *A mistagogia como palavra e gestos na obra de São Cirilo de Jerusalém*. Revista de Cultura teológica, v. 18 - n. 72 - Out/Dez. 2010.

NERY, Irmão. *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*. São Paulo: Paulus, 2001.

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. *Querigma: a força do anúncio*. São Paulo: Paulinas, 2014.

_____. *Mistagogia: do visível ao invisível*. São Paulo: Paulinas, 2013.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução: Walter O. Schupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIVA, Vanildo de. *Catequese e liturgia: duas faces do mesmo mistério: reflexões e sugestões para a interação entre e liturgia*. São Paulo: Paulus, 2008.

PANAZZOLO, João. *Caminho de Iniciação à Vida Cristã: Elementos fundamentais*. São Paulo: Paulus, 2011.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: Sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo*. 22ª ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

QUEZINI, Renato. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013.

REINERT, Frei João Fernandes. *Inspiração catecumenal e conversão pastoral*. In: Revista Vida Pastoral 60, n. 325, janeiro-fevereiro 2019, p. 17-26.

ROPS, Daniel-. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1988.

SCHREIBER, B. *La mistagogia*. In: ANCILLI, E.; PAPAROZZI, M. *La mistica: fenomenologia e riflessione teológica*. Roma: Città Nuova, 1964.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulinas, 2013. (RICA)

SANTO AGOSTINHO. *A Instrução dos Catecúmenos: Teoria e prática da catequese*. Tradução e notas de Maria da Glória Novak. Petrópolis/RJ: Vozes, 1973.

_____. *Confissões*. Tradução de Maria Luzia Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução Getulio Benelli e Geraldo Korndürfer. São Leopoldo: Sinodal. 2005.